

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290000246



FE

TCC/UNICAMP Si38a

*“Análise Comparativa entre duas
Propostas de Educação de Adultos:
Telesalas e Classes Regulares
Supletivas “*

Campinas, Junho de 1.999

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

***“Análise Comparativa entre duas propostas de Educação de Adultos:
Telesalas e Classes Regulares Supletivas “***

Aluna: Mara Glauce Garcia da Silva

R.A. 951097

Orientadora: Sonia Giubilei

Trabalho apresentado como exigência parcial para a aprovação na disciplina EP-809 - Trabalho de Conclusão de Curso II, para adquirir a habilitação em Administração e Supervisão Escolar, sob a orientação da Profª Drª Sonia Giubilei.

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Si38a Silva, Mara Glauce Garcia da.
Análise comparativa entre duas propostas de educação de adultos : telesalas e classes regulares supletivas / Mara Glauce Garcia da Silva. -- Campinas, SP : [s. n.], 1999.

Orientador : Sônia Giubilei.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação de adultos. 2. Ensino supletivo. 4. Televisão – Educação. 5. Ambiente de sala de aula.
I. Giubilei, Sônia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Profª Drª Sonia Giubilei
Orientadora

Profª Drª Roseli A Cação Fontana
2º Leitor

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos jovens e
adultos que com força de vontade e perseverança
vencem a cada dia
uma nova etapa da vida. Desistir jamais.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me guia e dá forças para não desistir jamais.

À Profª Drª Sonia Giubilei que me acompanhou no processo de elaboração deste trabalho, ajudando - me a crescer em minha própria formação.

À minha família que sempre acreditou em mim e me incentivou para que eu chegasse onde estou agora, ajudando da melhor forma que podiam. Compreendendo e respeitando minha ausência, minhas inquietações e anseios.

Ao meu filho Yuri, que com todo seu carisma suportou as “crises” maternas, a ausência e a falta de tempo, sempre com seu sorriso contagiante nos lábios.

Aos amigos, em especial, Daniela pelo companherismo e atenção constante para com meu filho; Luciane Vilela e Lin Tzy Li pela presença constante e dicas para aperfeiçoamento do trabalho e, é claro, Luciane, Valéria e Lucimara pela cooperação, amizade e sabedoria constante nessa caminhada de tropeços e avanços sempre juntas.

Aos funcionários da biblioteca, em especial Lavinia que com toda paciência “quebrou galhos” enormes.

Aos professores da Faculdade de Educação que ao longo do curso me deram as bases necessárias para realizar o trabalho que agora apresento.

À professora Roseli Cação pelo incentivo ao trabalho com adultos e por aceitar ser a segunda leitora deste trabalho.

Às instituições que se disponibilizaram a participar desta pesquisa e ainda mais aos professores, monitores e jovens e adultos que pacientemente cederam entrevistas e responderam as perguntas relevantes para este trabalho.

Ao Serviço de Apoio ao Estudante - SAE - Unicamp, pela confiança, credibilidade na pesquisa e apoio financeiro.

À todas as pessoas, enfim, que de uma forma ou de outra se preocuparam com o meu trabalho, incentivaram, emprestaram material e torceram pelo meu êxito.

RESUMO

A Educação à Distância tem sido muito difundida atualmente. Dentre as várias modalidades, escolhemos a telesala para desenvolver este trabalho, visto que, hoje, os telecursos estão sendo muito utilizados no que diz respeito a educação de jovens e adultos. O objetivo principal deste trabalho é perceber as diferenças metodológicas entre os telecursos e classes regulares e como os alunos se sentem frente as novas tecnologias implantadas em salas de aula. A pesquisa fundamentou-se nos instrumentos de coleta de dados através de entrevistas e questionários a professores, alunos e monitores em instituições públicas e privadas de alguns bairros de Campinas.

Pelo que pudemos perceber, os alunos sentem-se melhor estudando em classes regulares, com o auxílio do professor, uma vez que fica mais fácil entender a matéria e tirar dúvidas. O telecurso tem aulas muito rápidas que dificultam o acompanhamento por parte daqueles que passaram muito tempo sem estudar. Os adultos são educandos que caminham mais lentamente no processo de aprendizagem em comparação à criança e ao adolescente, o que dificulta tanto o acompanhamento quanto a compreensão das teleaulas. Em algumas instituições adotou-se a televisão como um recurso a mais para o professor. (Nestas instituições observou-se que os resultados são bem melhores porque o aluno recebe a explicação do professor e têm a TV como um recurso para ilustrar o que foi visto. Talvez seja esse o caminho para a utilização da TV, pelo menos no que diz respeito à educação supletiva, pois para o educando adulto torna-se praticamente impossível o "ensino à distância".

“Não digam nunca ‘isso é natural’. Diante dos acontecimentos de cada dia, numa época em que reina a confusão, em que corre sangue, em que ordena a desordem, em que o que é arbitrário tem força de lei.

Em que a humanidade se desumaniza, não digam nunca ‘isso é natural’.

Sob o familiar descubram o insólito, sob o cotidiano desvelem o inexplicável.

Que tudo que é considerado habitual, provoque inquietação...”

Bertold Brecht

SUMÁRIO:

PRIMEIRA PARTE:

APRESENTAÇÃO.....	06
I) JUSTIFICATIVA.....	07
II) OBJETIVO GERAL.....	10
II) PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	11

SEGUNDA PARTE:

IV) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
4.1 - O Longo Passado da Educação de Adultos.....	13
4.2 - O Histórico da Educação de Adultos no Brasil.....	17
4.3 - Educação de Adultos e a Nova Lei de Diretrizes e Bases.....	26
4.4 - Quem é o Educando Adulto.....	30
4.5 - Ensino Supletivo.....	37
4.6 - Educação à Distância: Novos Paradigmas em Educação.....	39
4.7 - Telesalas: uma Modalidade em Educação à Distância.....	48
4.8 - Falando um Pouco Mais Sobre Telecurso 2000.....	53

TERCEIRA PARTE

V) ANÁLISE DOS DADOS.....	57
5.1 - Delimitando Espaços.....	57
5.2 - Analisando Comparativamente os Tipos de Propostas Supletivas para Jovens e Adultos.....	58
5.3 - Analisando o que pensam os Professores.....	79
5.4 - Analisando o que pensam os Orientadores de Aprendizagem.....	87
VI) CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
VII) BIBLIOGRAFIA.....	91
ANEXOS.....	97

APRESENTAÇÃO

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

Ao iniciar o curso, em 95, deparamo-nos pela primeira vez com o TCC na apresentação dos trabalhos dos formandos daquele ano. Desde então, tudo o que fizéssemos tinha a ver com o TCC. Para nos formar teríamos que apresentar o TCC e nos perguntávamos “mas o que é o TCC?”.

O Trabalho de Conclusão de Curso é um espaço aberto ao graduando de Pedagogia para que este tome contato com a pesquisa acadêmica. Assim, durante o curso vamos observando o que mais nos inquieta para que nos dois últimos semestres, quando desenvolvemos o TCC I e II, a nossa opção pela área a ser desenvolvida a pesquisa já esteja amadurecida.

O TCC passa por várias etapas que começa na elaboração do projeto, passa pela pesquisa e análise, propriamente dita, até chegar na exposição pública. O graduando conta com um docente, o Orientador, que acompanha o desenrolar do projeto.

O presente trabalho sofreu muitas modificações até chegar ao que é hoje e foi realizado em três semestres: o projeto no 2º semestre de 1997 e a pesquisa e análise de junho de 1998 a junho de 1999, sendo os dois últimos semestres orientados pela Profª Drª Sonia Giubilei.

A preocupação deste trabalho refere-se à telesala e às implicações desta nova metodologia para a educação de adultos, tendo como título “Análise Comparativa Entre Duas Propostas de Educação de Adultos: Telesalas e Classes Regulares Supletivas”.

Para realizar a pesquisa foram entrevistados alunos, professores e monitores de classes regulares e telesalas em instituições públicas e privadas de alguns bairros em Campinas. Paralelamente realizou-se pesquisas bibliográficas que fundamentam teoricamente este trabalho, buscando autores que esclarecessem o que é Educação à Distância e Ensino Supletivo. Os resultados serão apresentados ao longo deste trabalho.

I) JUSTIFICATIVAS:

Este trabalho surgiu das inquietações que a educação de adultos despertou ao longo do curso, principalmente na realização de estágios nessa área. Este último levou a reflexão sobre a falta de uma política para educação de adultos, problemas com as metodologias adotadas e as dificuldades dos educandos no retorno aos estudos.

O interesse inicialmente na área de educação de adultos era a possibilidade de uma educação popular dentro de instituições sistematizadas. Porém, com os novos rumos que a educação de adultos vem ganhando — o Estado delegando a empresas a responsabilidade de educar seus funcionários não escolarizados e semi escolarizados — achou-se que seria mais interessante e necessária uma pesquisa que visasse perceber como se dá esta educação.

Pesquisando textos e participando de discussões acerca do assunto, observou-se que atualmente o que mais se ouve falar é em educação à distância, telesalas, o educando como construtor de seu próprio saber. Tem se buscado a educação à distância com a justificativa de que esta abrange um número muito maior de pessoas, é mais rápida, permitindo àquelas pessoas que deixaram a escola, ou nunca a freqüentaram recuperar mais rapidamente o tempo perdido, pois como foi muito bem apontado no II Coned *"a situação do analfabetismo exige uma tomada de consciência quanto ao que significa, para um ser humano, chegar a um novo século onde ciência e tecnologia organizam novas formas de linguagem , novas formas de relações sociais e de participação no mundo, em condições de cidadania restrita, ainda que produtores de bens culturais e materiais".(1997...)*

Mas, o que vem a ser Educação à Distância?

Para Miguel Armengol (1982), é *"uma forma educativa que, por não se realizar mediante tradicional contiguidade física professor alunos em locais especiais, inclui todos os métodos de ensino que se conduzem mediante palavra impressa ou elementos mecânicos e eletrônicos".* Miguel Martinez

(1985) acredita que *“é uma estratégia para “operarizar” os princípios e fins da educação de tal forma que qualquer pessoa, ...possa converter-se em protagonista de sua própria aprendizagem, graças ao uso de materiais educativos, reforçados com diferentes meios de comunicação.”* (Leobons, 1989;15).

Isso causa grande preocupação, porque não é atropelando o adulto com programas de televisão que pouco tem com seu cotidiano que conseguiremos modificar esta situação, pois a Educação de Jovens e Adultos deve considerar *“... o desenvolvimento afetivo, intelectual, social e cultural numa perspectiva de conquista de cidadania.”*(II Coned - 1997).

A educação à distância não suprirá as necessidades básicas dos educandos adultos que estejam retornando aos estudos, pois muito mais do que aprender a ler e escrever, eles precisam expor suas vivências, discutir, ouvir outras pessoas e serem ouvidas também.

As telesalas, neste sentido, roubam um forte instrumento para a educação de jovens e adultos; as trocas de experiências e a aprendizagem através da própria vivência de cada um.

Acredita-se que o aluno que volta a estudar depois de um longo período longe da escola, possui dificuldades em relação a leitura, concentração e até mesmo de entendimento do que esta lendo, de forma que a figura do professor e de seus colegas se faz necessária, até mesmo como modo de incentivo, visto que leva o educando a perceber que ele não é o único com dificuldades.

Outro agravante neste tipo de educação é o espaço em que começa a se desenvolver. O processo de globalização trouxe como conseqüência a necessidade de um trabalhador novo, com raciocínio lógico aguçado, capacidade de tomar decisões, avaliar resultados, resolver problemas. As empresas precisam de funcionários escolarizados e o instruir-se passou a ser usado como *“a porta de saída”*, ou seja, ou você estuda, ou será substituído. Quando as empresas tomam para si a responsabilidade de educar seus funcionários, passa a usar isto como forma de controle e até mesmo de

opressão, criando um clima de competição e angústia entre seus funcionários, o que acaba refletindo no próprio desempenho escolar.

Entregue a uma aprendizagem praticamente auto didata, apenas monitorada, gerará um impedimento ainda maior para este educando que volta para a sala de aula com uma idéia ainda antiga do que é aprender e que busca na figura do professor, alguém muito mais importante que um transmissor de conhecimento; busca um amigo que lhe entenda, apoie e incentive todos os dias.

Como o ensino poderá acontecer, por exemplo, para um aluno que estuda dentro de sua própria empresa, com aulas corridas, tendo que realizar provas que medirão sua eficiência profissional e que, em muitos casos, delas dependerão o seu emprego?

Essas idéias, levaram à pesquisar sobre como este aluno se sente frente a estas mudanças e como a educação à distância vai ser usada para acabar com o analfabetismo. Ao que parece até agora, tem-se duas vertentes: o uso da educação à distância como recurso e o uso em substituição à educação comum.

II) OBJETIVO GERAL

Comparar o ensino em duas instituições diferentes, tanto em telesalas como no ensino regular, a metodologia de trabalho e a aprendizagem do adulto.

2.1) Objetivos específicos:

Espera-se ao fim da pesquisa:

- Analisar comparativamente os dois tipos de propostas de educação de jovens e adultos: telesala e classe de ensino regular;
- Encontrar um modo de utilizar os novos recursos metodológicos;
- Levantar as inquietações e anseios dos adultos;
- Analisar o significado do trabalho do professor na classe regular para adultos e do monitor em uma telesala
- Constatar o que pensam os professores e monitores de jovens e adultos acerca das telesalas.

III) PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

3.1) Método de Abordagem:

Trabalhar-se-á com questões ligadas às metodologias usadas em instituições regulares e telesalas, a fim de realizar uma análise comparativa entre essas duas modalidades, bem como suas eficiências. Para isso manter-se-á contato com instituições que ofereçam telesalas e ensino supletivo com classes regulares.

A princípio, tem-se em mente investigar algumas instituições que trabalhem com telesalas e com classes regulares de supletivo.

3.2) Método de Procedimento:

Utilizar-se-á a análise comparativa, partindo do contato direto e constante com as pessoas envolvidas no problema. Esse método visa uma sondagem do lugar e das pessoas que participarão da pesquisa, coletando dados, depoimentos e ações do dia-a-dia dos adultos que freqüentam tanto as unidades escolares, quanto aos participantes de telesalas.

Envolver-se-á professores e alunos adultos dos dois tipos de propostas educacionais aqui abordadas, a fim de levantar algumas categorias de análise e verificar o que esperam dessas instituições e como se sentem frente as metodologias utilizadas.

3.3) Técnicas de Procedimento:

Far-se-á uso de observações individuais da vida real de forma participativa, mantendo um maior contato possível com o objeto de estudo. Usar-se-á entrevistas e questionários com as pessoas envolvidas, no caso professores, monitores e educandos de telesalas e classes regulares.

Pode-se dividir a metodologia em fases de procedimentos descritas a seguir:

Pesquisa Bibliográfica Específica: relacionada ao tema da pesquisa. Rastreou-se autores que discutem Educação à Distância, procurando as bases daqueles que se posicionam de forma crítica e os que a defendem.

Fundamentação Teórica: que baseou-se na história da educação de adultos dentro e fora do Brasil, nas leis que regem a educação de adultos, nas modificações ocorridas na nova LDB e sua repercussão na educação de adultos. Através de estudos de vários autores, traçou-se o perfil deste educando para que se possa ter base sobre suas características psico-sociais e saber sobre quem está se falando. Fez-se também um breve histórico sobre o ensino supletivo para, enfim discutir a educação à distância com ênfase nas Telesalas.

Paralelamente à fundamentação teórica, foram realizados questionários e entrevistas com professores, monitores e educandos de telesalas e classes regulares com o objetivo de perceber o que pensam educadores e educandos adultos sobre essa nova modalidade educacional.

O número de entrevistas foi restrito, pois o campo de pesquisa é muito amplo e não haveria tempo hábil para um único pesquisador abranger a área total de Campinas. Assim sendo, os números mostrados servirão apenas de pistas para outras pesquisas que possam ter relação com esta.

Tem-se então a Análise dos Dados, cujos resultados finalizam este trabalho.

IV) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

4.1) O longo passado da educação de adultos:

A Educação de Adultos tem uma trajetória bastante longa. MUCCHIELLI (1975:10) nos mostra que embora não tenha ainda estabelecido seus métodos, a pedagogia de adultos definiu sua clientela e objetivos já há quase dois séculos, se fizermos de Condorcet, com seu relatório de 1792, o pai da Educação Permanente. Eis o projeto apresentado pelo Comitê de Instrução Pública à Assembléia Nacional Francesa:

A instrução deve ser universal, isto é, deve estender-se a todos os cidadãos. Deve, em seus diferentes graus, abraçar todo o sistema dos conhecimentos humanos e assegurar aos homens, em todas as idades, a faculdade de conservar seus conhecimentos e adquirir novos. O povo deverá ser instruído sobre as novas leis, as observações da agricultura, os métodos econômicos que não pode ignorar: deve-lhe ser revelada a arte de educar-se a si próprio”.

As palavras chaves encontram-se neste texto: a educação permanente sob a fórmula **“conservar seus conhecimentos e adquirir novos, em todas as idades”**; a relação da Formação contínua com as realidades, com as necessidades da existência e com a profissão da idade adulta, isto, na expressão “o que não pode ignorar”, aludindo-se à economia política, à legislação e à agronomia.

Os ingleses, no final do século XVIII, organizaram escolas para adultos com a preocupação prática de ensinar as pessoas a ler e de ensinar-lhes o que tinham necessidade de aprender para a própria profissão. Estas *Adults Institutions* servem, em 1815, de modelo para um projeto atribuído a Guizot, instituindo “classes de adultos”. Em 1831, August Comte criou, às suas custas, os Cursos para Adultos nas prefeituras de Paris, com um programa bem

estudado, que visava encaminhá-los para a Sociologia, começando pela Matemática e continuando com Astronomia, Física, Química e Biologia.

A partir da metade do século XIX, o movimento de educação divide-se em duas correntes com destinos bem diversos:

- A primeira, ideologia socialista, busca sua meta na *Educação do Povo* (que resulta no *populismo*, já no fim do século), no movimento chamado de "*Universités Populaires*", criado nos primeiros anos do século XX, simultâneo aos "*Cercles d'études du Sillon*" que se prolongarão, depois de 1920, através da *Equipes Sociales*. MUCCHIELLI (1975:11), citando Benigno Caceres (em *Histoire de l'éducation populaire*) assim nos relata: "Em 1902, havia 47 universidades populares em Paris, 48 nos subúrbios e umas 50 nas províncias, como as de Brest e de Rennes, nas quais operou-se pouco a pouco uma íntima fusão entre estudantes e operários."
- A segunda corrente desenvolveu-se separada e paralelamente à idéia de Educação do Povo e centralizou-se de modo bastante realista nas necessidades da Formação de Adultos e da promoção profissional. Tanto os sindicatos quanto os governos, tentaram organizar instituições de Formação.

Desde 1865, foram organizados, na França, os cursos noturnos no "*Conservatoire national des Arts et Métiers*" de Paris.

Victor Duruy, ministro da Instrução Pública, sob Napoleão III, lançou uma campanha de instrução de adultos. Seu relatório, apresentado em 1866, reflete seu entusiasmo pessoal:

"30.000 professores puseram-se resolutamente em campo. Abriram, em 22.947 comunas, 22.980 cursos de adultos para homens e 1.706 para mulheres, num total de 24.686 novas escolas, onde cada um deles deu, em média 140 horas de aula. Estes cursos foram seguidos por 552.938 homens e 42.567 mulheres, sendo que a maioria já havia atingido uma idade em que a experiência de vida leva a lamentar profundamente a instrução

negligenciada ou perdida. Mais de 3/5 destes cursos são gratuitos...”

“Em 1919, a lei Astier prevê que todos os jovens, em fase de aprendizagem nas empresas, devem receber cursos profissionalizantes. Em abril de 1928, a Câmara do Comércio e de Indústria de Paris decide a criação de uma Escola de Aperfeiçoamento na Administração de Empresas e entra em contato com a “*Business School*” de Harvard. Deste contato é criado, em 1930, o Centre de Préparation aux Affaires, que se torna, mais tarde, o Centre de Perfectionnement dans l’Administrarion des Affaires”, primeiro instituto de formação de adultos”. (MUCCHIELLI;1975:12).

De 1936 a 1953 há um avanço neste tipo de educação, o qual é nomeado de promoção social. São criadas escolas para a classe operária, com cursos de aperfeiçoamento e promoção no trabalho. Começa-se a notar uma preocupação a nível internacional pela Educação de Adultos, com a criação na UNESCO de uma divisão “Educação de Adultos”. Aliás, como afirma DI ROCCO (1979:87) “a UNESCO tem demonstrado um grande interesse em equacionar os aspectos próprios da formação de adultos, à luz das peculiaridades de cada nação”. Em 1956, a expressão “promoção social” é substituída pela expressão “Educação Permanente” no projeto Billières, então ministro da Educação nacional. Tal projeto definia a Educação permanente como sendo:

- *um prolongamento natural do ensino;*
- *um aperfeiçoamento profissional e técnico em todos os níveis;*
- *um meio de proteção do Homem contra efeitos desumanizantes da técnica e da propaganda;*
- *uma promoção do trabalho e uma reclassificação para alguns adultos.*

Em 1959, foi publicada a lei de 31 de julho, da Promoção Social na França; ela organiza a Formação Contínua em três níveis:

- *preparação do Certificado de Aptidão Profissional por aprendizes e adultos, em um ou dois anos de cursos noturnos;*

- *promoção profissional dos operários qualificados, que poderão tornar-se técnicos em dois ou três anos;*
- *promoção superior do trabalho.*

Esta mesma lei prevê a formação-promoção para agricultores. Bertrand Schwartz lança a noção de Educação Permanente, propondo formação multiplicadora, permitindo que as próprias empresas se encarregassem da Formação Contínua.

Louis Armand e Michel Drancourt deram lugar de destaque à Formação Permanente e assim escrevem, em 1961 (na obra *Plaidoyer pour l'avenir*): *"Não há dúvida que na história de formação, o período em que a instrução foi concentrada na juventude será considerado paleocultural... Hoje, deve-se abranger todos os adultos e é preciso repensar o modo como são distribuídos os conhecimentos. Numa primeira fase é preciso aprender a aprender... A formação permanente é o único meio..."*

Nas palavras de MUCCHELLI (1975:14), atualmente, *"com o advento da era dos computadores, que representa realmente o início de uma revolução tecnológica comparável ao aparecimento do maquinismo do século XVIII,....,vai se implantando a idéia de que vivemos num momento de mudança acelerada e que é preciso acompanhar a onda para não ser eliminado. Os mass media desempenharam um papel evidente nesta mobilização, sem, contudo, trazer soluções esperadas."*

Num contexto mundial as diversas formas de mídia que invadiram o mundo da informação, difundiu instantaneamente as novidades, as descobertas e as realizações técnicas, mas não teve realmente o papel formador que se esperava.

Cabe agora deter-se na história de Educação de Jovens e Adultos no Brasil, a fim de analisar os objetivos propostos para ela ao longo dos tempos, de acordo com as ideologias políticas de cada época.

4.2) Histórico da Educação de Adultos no Brasil:

A Educação de Adultos nasceu, no Brasil, junto com a Educação Elementar. No período colonial os jesuítas buscavam alcançar os adultos através da catequização infantil. Escolas para adultos porém não existiam, aliás, *“o país se caracterizava pela desnecessidade de escolarização”*.(TORRES; 1997:10)

As primeiras referências ao ensino noturno no país datam dos tempos do Império, quando a sociedade brasileira começou a se transformar, devido as novas condições da economia. Primitivo Moacyr (1936; 1939), em suas preciosas compilações, registra, entre 1869 e 1886, o funcionamento de escolas noturnas para adultos nas províncias do Amazonas, Grão-Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas e Paraná.

“O ministro Leôncio de Carvalho afirmava que os cursos de adultos poderiam funcionar nos prédios escolares existentes, com pequeno acréscimo de despesas, sob responsabilidade dos professores das mesmas escolas, mediante uma gratificação pró labore.” (ALMEIDA;1988:50)

A educação básica de adultos começou a delimitar seu espaço na história a partir da década de 30, quando finalmente começa a se consolidar um sistema público de educação elementar no país. PAIVA (1983:166) vem comprovar tal afirmação: *“programas concretos de educação de adultos com maior significância surgem quando a radicalização política já havia obrigado muitos educadores a abandonarem o seu neutralismo inicial e reconhecerem o papel da Educação como veículo de difusão de idéias e sua importância na recomposição do poder político e das estruturas sócio-econômicas fora da ordem vigente.”*

A oferta do ensino básico gratuito estendia-se consideravelmente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos. *“A ampliação da educação elementar foi impulsionada pelo governo federal, que traçava diretrizes*

educacionais para todo o país, determinando responsabilidades dos estados e municípios. Tal movimento inclui esforços articulados nacionalmente de extensão do ensino elementar aos adultos, especialmente nos anos 40."(AÇÃO EDUCATIVA;1997:19)

No campo da instrução pública, a República entra num período de contínuas reformas, decretos, regulamentos, portarias e instruções. Em compasso de avanços e retrocessos, a normatização oficial na 1ª República não chega a inovar em relação ao Império.

Segundo TORRES (1997:21) *"em 1890, Benjamin Constant propôs a abolição dos exames parcelados de preparatórios, introduzindo os exames de madureza..."* Essa reforma - decreto 981, de 08/11/1890 - visava a qualidade de ensino, uma vez que os estudantes conseguiam com muita facilidade obter certificados de cursos preparatórios para entrar no ensino superior. Para GIUBILEI (1993:31) esse decreto *"dá a dimensão do termo madureza: verificar se o aluno tem a cultura intelectual necessária, através de um exame prestado ao final do curso secundário."*

A reforma João Luiz Alves, conhecida como lei Rocha Vaz através do decreto 16.782-A, em 1925, recomendava a criação de escolas noturnas para adultos, *"obedecendo às mais urgentes necessidades da população, bem como suprimiu os exames preparatórios."*(TORRES; 1997:24)

No Estado Novo *"a educação servia como instrumentos de sedimentação do poder constituído através da propaganda difundida por intermédio do sistema de ensino e da educação moral e cívica."*(PAIVA; 1983:166)

O primeiro passo para desvincular a educação de adultos da educação elementar comum foi o Convênio Estatístico de 1931, no qual se inclui a categoria "Ensino Supletivo". No entanto, somente com a regulamentação do FNEP (Fundo Nacional do Ensino Primário) é que a educação de adultos será favorecida de modo bastante significativo.

Com o fim da ditadura de Vargas em 1945, o país vivia a efervescência política da redemocratização. Beisiegel, citado por ALMEIDA (1988:53) afirma

que *“a educação de adultos, que inicia a sua evolução em meados da década de 40 não mais se confunde com as práticas anteriores...Postula-se a necessidade de educação para todos os habitantes adultos...”*, ou nas palavras de HADDAD (1987) *“a educação de adultos, a partir de então, começa a ter pensamento próprio.”*(citado em TORRES; 1997:25)

A Segunda Guerra Mundial recém terminara e a ONU – Organização das Nações Unidas – alertava para a urgência de integrar os povos visando a paz e a democracia. Tudo isso contribuiu para que a educação de adultos ganhasse destaque dentro da preocupação geral da educação elementar. Era urgente a necessidade de aumentar as bases eleitorais para a sustentação do governo central, integrar as massas populacionais de imigração recente e também incrementar a produção.

Em 1945, o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) formulou seu primeiro apelo no sentido de ampliação das redes estaduais de ensino supletivo.

Em 1946, a Lei Orgânica do Ensino Primário define que o ensino supletivo seja destinado à adolescentes e adultos.

A educação de adultos define sua identidade, em 1947, tomando a forma de uma campanha nacional de massa, a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), nascida da regulamentação do FNEP e que tinha como propósito atender aos apelos da UNESCO, em favor da Educação Popular.

A CEAA foi uma campanha idealizada por Lourenço Filho, que pretendia utilizar 25% do FNEP para educação de adultos. Numa primeira etapa, uma ação extensiva previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. Depois seguiria uma etapa de ação em profundidade, voltadas à capacitação profissional e ao desenvolvimento comunitário. Num curto período de tempo foram criadas várias escolas supletivas, mobilizando esforços das diversas esferas administrativas, de profissionais e de voluntários.

O clima de entusiasmo começou a decair na década de 50; iniciativas voltadas à ação comunitária em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso e a campanha se extinguiu antes do final da década.

TORRES, apoiada em Saviani afirma que *“A ideologia do nacionalismo até a década de 50 era claramente de direita, passando a partir desse momento a figurar mais na argumentação das forças de esquerda, que então vão querer reformas de base no início da década de 60.”*(SAVIANI; 1990:08)

A instauração da Campanha de Educação de Adultos deu lugar à conformação de um campo teórico-pedagógico orientado para a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. No final da década de 50, porém, críticas à Campanha dirigiam-se tanto às suas deficiências administrativas e financeiras quanto à sua orientação pedagógica. *“Denunciava-se o caráter superficial do aprendizado que se efetivava no curto período da alfabetização, a inadequação do método para a população adulta e para as diferentes regiões do país. Todas essas críticas convergiam para um novo paradigma pedagógico para educação de adultos, cuja referência principal foi o educador Paulo Freire.”* (AÇÃO EDUCATIVA; 1997:22)

Entre 60 e 64 surgiram vários programas de educação de massa, influenciados pelo pensamento pedagógico de Paulo Freire, que tomava o educando como sujeito de sua própria aprendizagem. Esses programas foram empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares. Dentre tais programas podemos citar:

- Movimento de Educação de Base (MEB), que ligado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) passou a se caracterizar como movimento de cultura popular;
- Cruzada ABC (Ação Básica Cristã), visava trabalho de educação de adultos que era *“treinar um milhão de adultos em alfabetização básica num período de cinco anos”* ou *“extinguir o analfabetismo”*. Com o desenvolvimento dos trabalhos a cruzada passou a dar ênfase também à educação continuada, baseada na atuação comunitária recebeu críticas devido sua ação assistencialista;

- Movimento Paulo Freire e a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação, Natal
- Centros de Cultura Popular, organizados pela UNE;
- Escolas Radiofônicas.

Esses diversos grupos de educadores foram se articulando e passaram a pressionar o governo federal para que os apoiasse e estabelecesse uma coordenação nacional das iniciativas.

Em 1961, foi formulada a Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a LDB 4.024/61 que percorreu um longo período, 13 anos, até a sua aprovação. Constituiu-se numa verdadeira batalha ideológica, que deu maior amplitude ao estudo dos adultos, como aponta GIUBILEI (1993:38) *“desobrigando-os de freqüentarem as salas de aula e retomando o termo madureza, utilizando em período anteriores.”*

De acordo com TORRES (1997:41) *“ interessa destacar o art.99, das Disposições Gerais e Transitórias - Título XIII:*

Aos maiores de 16 anos será permitida a obtenção de Certificados de Conclusão do Curso Ginásial, mediante a prestação de exames de madureza, em dois anos no mínimo, e três anos, no máximo, após estudos realizados sem observância do regime escolar.

Parágrafo único - nas mesmas condições, permitir-se-á obtenção do Certificado de Conclusão do Curso Colegial aos maiores de 19 anos.”

Pode-se perceber que esse artigo determina que *“aos maiores de dezesseis anos será permitida a obtenção de certificado de conclusão do curso ginásial, mediante a prestação de exames de madureza em dois anos no mínimo e três no máximo, após estudos realizados sem observância de freqüência aos estudos.”* (GIUBILEI; 1993:38)

Em 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire. A preparação do plano, com forte engajamento de

estudantes, sindicatos e diversos grupos estimulados pela efervescência política da época, seria interrompida alguns meses depois pelo golpe militar.

Com o golpe militar de 1964, os programas de alfabetização e educação popular que se havia multiplicado no período entre 1961 e 1964 foram vistos como uma grave ameaça à ordem e seus promotores duramente reprimidos.

O Ministério da Educação deixou de lado a educação de adultos até 1966, quando o então Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco determinou que os saldos não aplicados dos Fundos Nacionais do Ensino Primário e Médio deveriam ser aplicados pelo MEC a fim de atender o ensino fundamental de pessoas analfabetas com mais de 10 anos de idade. O governo assume, então o controle dessa atividade, instituindo através da lei n.º 5.379/67, o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização. As orientações e os materiais didáticos do Mobral era aligeirado, sem fundamentação pedagógica, revestido de um discurso preconceituoso em relação ao analfabeto; tentava reproduzir muitos procedimentos consagrados nas experiências dos anos 60, mas esvaziando-se de todo sentido crítico e problematizador. *“O seu planejamento era muito mais de caráter estratégico-político do que educacional.”* (HADDAD;1991:88)

“Em 1969, a Fundação Padre Anchieta, em convênio com o Serviço de Educação de Adultos, desenvolveu um projeto experimental de ensino pelo rádio e pela televisão; o Curso Madureza Ginásial, destinado à preparação dos candidatos aos exames de madureza.”(CEDI;1993:11)

Outro projeto desta época foi o Projeto Minerva, que contava com horário obrigatório (seis horas semanais, distribuídas de segunda a domingo) em todas as estações radiofônicas comerciais estabelecidas em território brasileiro, ficando desobrigadas somente as estações FMs.

Desacreditado nos meios políticos educacionais, o Mobral foi extinto em 1985. Seu lugar foi ocupado pela *“Fundação EDUCAR – Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, como respostas às críticas crescentes que o antigo órgão vinha recebendo.”* (HADDAD;1991:115)

Já em 1990, foi criado o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), durante o governo de Fernando Collor, mas não se concretizou.

No governo de Itamar Franco foi elaborado o "Caderno de Educação Básica", com o título "Diretrizes para uma Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos". Dava destaque à formação de educador que atua na educação de adultos, material didático específico, mas sua diretrizes iam de encontro com a lógica de exclusão que temos hoje em nossa educação.

O Plano Decenal de Educação para Todos, criado em 1993 também não teve repercussão concreta.

A lei federal 5692/71:

Tal lei veio trazer uma conotação mais ampla ao supletivo, pois o que antes designava cursos básicos de adultos e exames de madureza, agora tem por finalidade suprir a escolarização regular de adolescentes e adultos que não o fizeram em tempo oportuno, bem como proporcionar estudos de aperfeiçoamento e atualização para os que tenham seguido o ensino regular todo ou em parte.

Esta lei estabelecia dois tipos de ensino: o Regular e o Supletivo. Aludia em face da distinção que se estabelecia, sobre a possibilidade de se estar oficializando um dualismo, que reconhecia ter até então existido, porém alegava como "*solução capaz de evitar a deformação*" a "*interpenetração dos dois sistemas*" (parecer 699/72). Este parecer possibilitou que os alunos do ensino supletivo passassem para o ensino regular e vice-versa.

"Sem dúvida alguma a escolarização de adultos recebia uma conotação nunca dantes obtida."(TORRES;1997:57)

Através do artigo 24, foram definidas as suas finalidades:

- a) “suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria.**
- b) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.” (BRASIL;1978:27)**

Ainda sobre o parecer de 1972 (BRASIL;1978:40), o Ensino Supletivo está revestido de quatro funções básicas: suplência (prevista no artigo 24ª da Lei 5692/71), suprimento (previsto no artigo 24b da Lei 5692/71), aprendizagem, como trabalho metódico no trabalho a cargo das empresas ou de instituições por estas criadas ou mantidas (exemplos são SENAI e SENAC, criadas desde a década de 40); e qualificação, baseada em cursos, objetivando apenas a profissionalização.

O artigo 25 nos mostra como o ensino supletivo deve apresentar-se diferentemente do ensino regular. Ele determina que os cursos supletivos terão estrutura e duração que se ajustem as suas finalidades próprias e ao tipo de aluno a que se destina. E além disso, serão ministradas em classes mediante a utilização do rádio, televisão e outros meios que permitam alcançar o maior número de alunos, mostrando aqui, menções ao que hoje chamamos educação à distância.

TORRES (1997:57), faz a seguinte referência ao parecer 699/72: “o legislador ao referir-se à metodologia, lançava conceitos e chamava a atenção para o emprego de tecnologias e dos meios de Comunicação de Massa. Vislumbrava para o Ensino Supletivo uma crescente autonomia funcional, quando seria alcançada uma escola-função contrapondo-se à escola-endereço do passado.”

Abria um espaço, onde não ficava definido quem poderia ocupá-lo, se o público ou o privado, e é clara a intencionalidade da não definição, onde os cursos supletivos seriam ministrados não só em classes, como aconteceriam pela “utilização de rádio, televisão, correspondência e outros meios de

comunicação que permitam alcançar o maior número de alunos.”(L.5692/71, Art.25, §2º).

Aqui tem-se uma primeira abertura na lei para que se infiltrasse os *mass media* na educação de adultos. Dessa forma, pode-se pensar, atualmente em três modelos de atendimento ao aluno adulto: os Exames, os Cursos e os Centros de Estudos Supletivos. Dentro de alguns cursos e de alguns centros de estudos supletivos é que se utiliza o ensino à distância, ou ainda por jovens e adultos que, estudam sozinhos através de telecursos para prestar os exames e adquirir um diploma.

4.3) Educação de Adultos e a Nova Lei de Diretrizes Bases:

“A educação de pessoas jovens e adultas veio sendo reconhecida como um direito desde os anos 30. No plano legislativo, a LDB 5692/71 deu resposta ao grande movimento da década anterior, com a implantação do Ensino Supletivo, ampliando o direito à escolarização daqueles que não puderam freqüentar a escola durante a infância e a adolescência. Estabeleceu um capítulo específico para educação de jovens e adultos, reconhecendo-a como direito de cidadania.”(HADDAD; 1997:107)

A Nova Lei Federal 9394/96 que se apoia no projeto de lei do Senador Darcy Ribeiro, só foi sancionada em 20 de dezembro de 1996 e agrava ainda mais a situação da educação de jovens e adultos no Brasil, pois *“rebaixou as idades para os exames supletivos, certificando a conclusão do Ensino Fundamental e Ensino Médio, para 15 e 18 anos, respectivamente.”* como nos aponta KRUPPA.

Além disso, a nova LDB retira a obrigatoriedade do governo em oferecer essa modalidade de ensino. A posterior Emenda Constitucional n.º 14/96, modificou o artigo 208 da Constituição Federal de 1988, que garantia o ensino fundamental público e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria. Por meio de uma sutil alteração *“o governo manteve a gratuidade da Educação pública de jovens e adultos, mas suprimiu a obrigatoriedade de o poder público oferecê-la, restringindo o direito público subjetivo de acesso ao ensino fundamental apenas à escola regular.”(HADDAD;1997:109)* A obrigatoriedade foi, em outras palavras, reduzida a mera oferta.

Esta lei prioriza a educação infantil, além de nem sequer citar a questão do analfabetismo. Nas palavras de HADDAD: *“...não dedicou um artigo sequer à questão do analfabetismo. Ao suprimir o combate ao analfabetismo do artigo 60 das Disposições Transitórias da Constituição de 1988, o governo FHC abriu caminho para que a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional fechasse os olhos para o enorme contingente de pessoas jovens e adultas que*

não têm o domínio da leitura, da escrita e das operações matemáticas elementares.”(1997:113)

Acresce-se o fato de que as conquistas de melhores condições de vida visando à escolaridade, como a diminuição da jornada de trabalho, anteriormente previstas no Projeto LDB, versão Jorge Hage (contidas no art.62), também não foram mantidas na LDB aprovada.

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (Lei Federal n.º 9424/96 ou Lei do Fundão) torna ainda mais crítica a situação da Educação de jovens e adultos.

A atual redação excluiu o EJA do cômputo geral das matrículas que podem fazer jus aos recursos do Fundão nas redes de Estados e Municípios. KRUPPA, vem nos mostrar que *“dada a flagrante diminuição da receita para atendimentos que não o Ensino Fundamental Regular, priorizado pelo Fundão, os municípios perguntam-se a quem atender:- às crianças na faixa da Educação Infantil ou Jovens e Adultos de baixa escolaridade? A escolha como se vê não é fácil.”*

Sobre Educação à Distância, a Nova LDB incentiva a veiculação desse tipo de educação em três artigos que merecem atenção:

- art. 32 § 4º - ***o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino à distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.***
- art. 80 - ***o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino à distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.***
- art. 87 §3º inciso II - ***cada Município e, supletivamente o Estado e a União, deverá prover cursos especiais ou à distância aos jovens adultos insuficientemente escolarizados.***

A situação emergencial, citada no artigo 32 pode ser posta como o elevado índice de analfabetismo hoje existente ou como a necessidade de escolarização em massa dos adultos que ainda não o fizeram, justificando em termos legais o ensino á distância, sem levar em consideração os problemas

que isso poderia trazer para a educação de jovens e adultos a nível pedagógico, psicológico e até mesmo social.

O incentivo à educação à distância e a crescente desvalorização da Educação de Adultos dado pelo artigo 80 é bem ilustrado por HADDAD (1997:119) quando este diz: *“Também o número de consumidores de Telecursos se ampliaria. Afinal se é verdade que o Telecurso poderia ter um impacto baixo para o consumidor, pois a televisão está praticamente universalizado, as editoras comerciais das redes de televisão ampliariam ainda mais seus lucros com a venda das apostilas relativas aos cursos, hoje já um dos maiores mercados da indústria editorial. Importa ainda considerar que a aquisição de pacotes instrucionais do Telecurso vem se tornando a política dominante das Secretarias de estado da Educação, praticamente quase todas conveniadas com a Fundação Roberto Marinho, cujo material é ainda mais barato do que manter professores especialistas em classes de Ensino Supletivo.”*

Em relação ao artigo 87, podemos dizer que é mais uma forma de reforçar a abertura dada à educação à distância. Através do decreto n.º 2454/98 o Presidente Fernando Henrique legitima ainda mais a Educação à Distância:

art. 1º - educação à distância é uma forma de ensino que possibilita a auto aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

Parágrafo Único: Os cursos ministrados sob a forma de educação à distância serão organizados em regime especial, com flexibilidade de requisitos para admissão, horário e duração, sem prejuízos quando for o caso, dos objetivos e diretrizes curriculares fixadas nacionalmente.

O artigo 3º do mesmo decreto trata especificamente da Educação de jovens e adultos:

art. 3º - A matrícula nos cursos à distância de ensino fundamental para jovens e adultos, médio e educação profissional será feita independente da escolarização anterior, mediante avaliação que define o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino.

A partir de então começou a corrida do ouro, visto que as instituições privadas e empresas passaram a se utilizar dos telecursos para “escolarizar o adulto trabalhador”. A pergunta que se faz é como se dará está educação? Que nível de criticidade ela apresenta? Qual seu verdadeiro objetivo? Como o aluno adulto conseguirá desenvolver sua “auto-aprendizagem”, como afirma o atual Presidente, depois de passar tanto tempo fora da escola e, o que é pior, ao regressar encontrar uma televisão no lugar do professor, um programa apostilado para vencer num tempo curto e quase que nenhum apoio para desenvolver sua idéias, discutir, dialogar, questionar e entender? Como fica também o papel do professor, que passa a ser substituído pelo monitor?

KRUPPA afirma que *“a Educação de Jovens e Adultos é por excelência um ato político. Sua efetividade depende de que ocorra a consciência pelo indivíduo/educando das razões sociais da sua exclusão da escola quando tinha a idade certa para frequentá-la.”*

No entanto, a legitimação da educação de adultos como política pública e gratuita vem sendo substituída por programas compensatórios, seja no campo da filantropia, seja no campo de formação das empresas. Nas palavras de HADDAD(1997:121) *“este tem sido o caminho da educação de jovens e adultos, que ao sair da preocupação central do Ministério da Educação como educação fundamental pensada para todos, passou para as mãos das políticas compensatórias, da filantropia e do mercado.”*

♦ Apoio Logístico: é o que garante as condições de veiculação e recepção da comunicação. Cuida da distribuição de materiais, comunicação, conservação dos telepostos, entre outras coisas.

Como um dos primeiros programas educativos de televisão que se pode citar, no Brasil, foi o Experimento Educacional do Rio Grande do Norte destinados a alunos das primeiras séries iniciais e outro para treinamento de professores.

Em 1976, segundo SARAIVA (1996: 21) existiam 1.241 programas educativos de televisão.

O sistema de Televisão Educativa do Maranhão teve início em 1969 e até hoje oferece estudos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, em escolas da rede oficial e é administrado pelo Centro Regional de Televisão Educativa do Nordeste. Segue este mesmo caminho a TVE do Ceará, que desde 1974 presta serviços às Secretarias Estadual e Municipais de Educação mediante convênios.

Citam-se ainda, a Telescola da Fundação Padre Anchieta que em 1969 lançou o Madureza Ginásial, em convênio com a editora abril, responsável pelo material de apoio e levou cerca de 5 mil estudantes a serem aprovados em exames realizados pela Secretaria Estadual de Educação, sendo extinto em 1974 por ser considerado ultrapassado; a Fundação Roquete Pinto, pioneira na utilização da televisão no processo educativo; os programas televisivos oferecidos a professores e alunos de 5ª a 8ª séries, pela Multirio, empresa de multimeios do Rio de Janeiro; e por fim a Fundação Roberto Marinho e seus Telecursos 1º e 2º graus e Telecurso 2000.

A Fundação Roberto Marinho através dos Telecursos 1º e 2º graus prepara jovens e adultos para os exames supletivos. Já o Telecurso 2000 em convênio com a Fiesp, Senai e Sesi de São Paulo oferece cursos profissionalizantes. É composto de programas televisivos e apostilas para apoio na hora dos estudos individuais e sua recepção é livre.

O Telecurso 2º grau foi lançado a primeira vez em 1978, em São Paulo. De acordo com a FRM, como cita ALMEIDA (1988:67) optou-se pelo 2º grau

4.7) Telesalas: uma modalidade em educação à distância:

É bem verdade que o termo “*tele*” não diz respeito somente à televisão, já que vem do grego e significa longe. Aqui no Brasil, porém, adota-se este termo para simbolizar justamente os programas educativos difundidos por meio da televisão.

Segundo SARAIVA (1995), para que se possa caracterizar o ensino via televisão, precisamos esclarecer alguns pontos, a saber:

♦ Recepção: é entendida como uma atividade sócio-pedagógica pela qual o indivíduo decodifica, assimila e analisa as mensagens recebidas, construindo, assim, o conhecimento. Pode ser **livre**, quando recebida de forma individual por uma clientela ilimitada; **isolada**, quando o aluno inscreve-se num programa recebe as mensagens, estuda sozinho e submete-se a avaliação fora do processo; **controlada** quando permite o acompanhamento, o controle e a avaliação da clientela, que necessariamente não precisa estar no mesmo local; **integrada** quando a programação se integra às atividades educativas, enriquecendo-as; e, por último a **organizada**, caracterizada pela presença permanente de um orientador que dinamiza na medida do possível as atividades em telesala, exercendo a mediação pedagógica.

♦ Orientador de Aprendizagem: é o mediador entre o conteúdo televisivo e os telealunos. Deve usar de criatividade para estabelecer relações com os alunos e estimular o envolvimento destes para o melhor aproveitamento dos conteúdos.

♦ Treinamento de recursos humanos: para que o pessoal atue de forma positiva dentro da telesala precisa estar preparado e familiarizado com toda a sistemática, por isso, monitores, orientadores e professores passam por um programa de treinamento, a fim de melhor desempenhar suas funções.

♦ Material de Apoio: indispensável para o manuseio dos telealunos em seus estudos individuais. Devem estar em sincronia com as emissões para que não se torne um problema para a aprendizagem.

- * Associação Brasileira de Educação agrícola Superior - ABEAS - possui um curso de especialização por tutoria à distância.
- * Associação de Tecnologia Educacional - ABT - programa de aperfeiçoamento do Magistério à distância e o Curso de Especialização Educacional Tutoria a Distância.
- * Fundação Teleducação do Ceará - criada na década de 70, ela se distingue das demais por preservar um projeto de educação à distância como elemento central da instituição.
- * Telecurso 2º grau e o Supletivo do 1º grau (televisão e material impresso vendido em bancas), que têm por objetivo preparar alunos para exames supletivos e são transmitidos em recepção livre e o Telecurso 2000 - programas de educação destinado à formação para o mundo do trabalho.
- * Centro Brasileiro de Televisão Educativa - Sinred -responsável pelas séries **João da Silva e Conquista**, em formato de novela didática, o primeiro destinado a jovens e adultos das séries iniciais e, o segundo, a jovens e adultos das séries finais do ensino fundamental. Além de programas televisivos, os alunos eram apoiados por materiais impressos.

Dentre todas estas formas de educação à distância, iremos observar e nos aprofundar mais na educação em telesalas, isto é a educação via televisão.

O tempo é um fator igualmente problemático, porque na telesala o professor precisa seguir as aulas, tudo pré definido, sem levar em conta o andamento de cada um, enquanto que numa classe comum, o professor tem a possibilidade de ir e vir com o conteúdo sem deixar ninguém para trás e nem desestimular aqueles que estão acompanhando melhor.

O que fica bem claro é que se precisa cada vez mais repensar a educação a distância, que pode funcionar sim, mas precisa ser analisada onde e com qual público, a fim de não prejudicarmos ainda mais aqueles que trazem dentro de si uma pequena esperança...

É preciso que se busque a tomada de consciência do que significa para uma sociedade de terceiro mundo a informatização de suas atividades produtivas, de comunicação e cultura e do que significa para a escola sua inserção nessa sociedade que se informatiza.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL:

- * Fundação Educacional e Cultural Padre Landell de Moura - teve início através de programas de rádio e a série Aprenda pela TV. As bases comunitárias são o ponto de partida e chegada de sua prática educacional. Suas áreas são educação geral, cívico social, rural e iniciação profissional.
- * Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI - possui o programa Auto Instrução com monitoria, caracterizando-se como um esquema operacional de EAD, que envolve uma série de programações auto instrutivas.
- * Projeto ACESSO - criado pela PETROBRÁS, proporciona escolarização a nível de 1º e 2º graus e profissionalização específica na área de petróleo.
- * Fundação Brasileira para o desenvolvimento do Ensino de Ciências - FUNBEC- junto com INEP criou o curso de Matemática por Correspondência, dirigido a professores de 1º grau.
- * Centro de Ensino Técnico de Brasília- CETEB - responsável pela execução dos projetos LOGOS I e II para qualificação de professores leigos.

4.4) Quem é o educando adulto:

É fundamental que se conheça quem é o aluno adulto e quais suas características psicológicas e sociais para que se possa analisar qual o tipo de ensino que melhor se adequa a este aluno.

Vários autores se dedicaram a este tema, dentre eles cito GIUBILEI(1993), PALLADINO(1989), PINTO(1982), KIDD(1973) e LUDOJOSKI(1986) que me ajudaram com seus estudos a delinear o perfil deste aluno adulto.

Conceituar o que é ser adulto é muito complexo e envolve questões culturais, sociais e, até mesmo, individuais.

Maslow (in PALLADINO;1989:80) afirma existir itens que formam uma pessoa adulta a saber:

“Sentimentos de segurança, auto evolução adequada, espontaneidade e motivações adequadas, contato eficiente com a realidade, desejo corporal adequado e capacidade para saciá-los, auto conhecimento, integração e congruência de personalidade, metas na vida, capacidade de aprender com a vida, capacidade para satisfazer os desejos do grupo, emancipação adequada do grupo ou da cultura, responsabilidade por seus atos, independência e firmeza em suas convicções, raciocínio e equilíbrio lógico, definição vocacional para o trabalho, independência econômica etc.”

Segundo LODOJOSKI (in GIUBILEI 1993:76) *“etmologicamente o termo adulto vem do verbo latino “adolescere” que significa crescer e é a forma do particípio passado “adultum”. Significa, portanto, o que tem terminado de crescer ou de desenvolver-se: o crescido.”*

Cronologicamente e na legislação comum, adulto é aquele que se encontra entre a adolescência e a velhice (20 a 60 anos), aquele que terminou de crescer, mas ainda não começou o seu processo de decrescimento. Psicologicamente adulto é aquele que possui o amadurecimento de sua personalidade, designando um sujeito supostamente responsável e com domínio sobre si mesmo. Juridicamente é o maior de idade, pronto a assumir

responsabilidades. Sociologicamente adulto é a pessoa integrada ao meio social com liberdades e responsabilidades.

LODOJOSKI (in GIUBILEI 1993:76) afirma ainda que *“adulto é o homem considerado como um ser em desenvolvimento histórico, o qual, herdeiro de sua infância, saído da adolescência e a caminho para a velhice, continua o processo de individualização de seu ser e de sua personalidade.”*

Uma visão mais dinâmica, segundo VILLANUEVA (1987:62) *“considera a adulez como uma etapa evolutiva dentro do ciclo vital com características que nem sempre são definidas, porque sua aparição ou ausência dependem, em grande parte, do meio social.”*

A grande problemática é decidir quando uma pessoa passa a adquirir tais características, quando passa da adolescência para a adulez. PALLADINO(1989:79) relata *“Nas normas legais nos permitem falar de uma ‘adulez’ para o matrimônio, uma ‘adulez’ para o voto e o serviço militar e outra, ainda, para as responsabilidades civis.”* NORBECK (1978:200) também afirma que *“o adulto é aquele que tem direito a voto, a casar-se, a empregar-se, a ter carta de condução. O problema é que nestes diversos aspectos, olha-se para o adulto como tendo idades muito diferentes.”*

Assim, estabelecer uma idade certa para que o indivíduo seja caracterizado como adulto é impossível, pois cada pessoa tem um ritmo no processo de amadurecimento, devido sua própria vida (sexo, temperamento, convívio familiar...) e determinantes do ambiente como meio social, educação, época, trabalho e experiência de vida.

PALLADINO partindo deste princípio classificou o adulto em três grupos, de acordo com as idades, a fim de especificar as características dos alunos adultos.

- **Grupo de jovens adultos:** são jovens com idades entre 15 e 25 anos. Procura a educação de adultos, por ter sido afastado da escola pela necessidade prematura de trabalhar. Seu principal motivo, em geral, é conseguir o certificado para melhorar sua situação de vida. Possui características ambivalentes - é instável, rebelde, contraditório como

qualquer adolescente, mas também possui comportamentos de maturidade conseguidos através de sua experiência de vida.

- **Grupo de adultos maduros:** são pessoas de 25 a 45 anos de idade. São pessoas das quais esperamos uma conduta razoavelmente equilibrada, ajustada a realidade e às circunstâncias. Pensam e atuam com sentido de responsabilidade. Possuem uma vida mais ou menos estável no trabalho e na família, quase sempre têm filhos. Voltam a estudar por vários motivos, entre eles o de melhorar sua instrução, realização pessoal. São atentos, motivados, dedicados, desejosos de apreender ao máximo as explicações do professor.
- **Grupo de adultos maduros:** aqui estamos falando de pessoas na terceira idade- 45 anos em diante. Voltam à escola por uma vontade própria de aprender a ler e a escrever, vontade nascida do maior tempo livre. Por isso, vêem no estudo uma forma de realização pessoal.

Tem que se considerar algumas características físicas do educando adulto, a fim de entender melhor suas dificuldades dentro de uma sala de aula.

Cass (in Giubilei; 1993:77) faz a seguinte caracterização :

“São leitores impacientes e sentem urgência com respeito à aprendizagem; têm necessidades muito definidas, uma forte motivação e desejo de aprender; necessitam da satisfação de uma tarefa exitosa, isto é, metas que tenham um alcance fácil e rápido; querem ser tratados como adultos maduros por encontrarem-se em diversas etapas de sua maturidade emocional; têm experiências e informações para compartilhar; temem desprestigiar-se ao participar de uma situação de aprendizagem; tendem a ser tímidos e sensíveis; experimentam sentimentos de frustração e inutilidade; são distraídos, esperam demasiado de si mesmos e do professor; possuem seu próprio estilo de pensamento caracterizado pela lentidão.”

Para educação de adultos é preciso conhecer o adulto, a fim de não cometer injustiças ou agir de forma preconceituosa em relação a esses educandos. Como afirma GIUBILEI(1993:77) *“é relevante lembrar, que o ponto*

de partida para a Andragogia já não é a 'ignorância', mas, ao contrário, são suas aspirações, angústias, esperanças que alimentam o seu cotidiano."

Na história da educação de jovens e adultos houve épocas em que se aproveitaram o potencial apresentado pelo educando adulto, outras "*supõe-se que a educação consiste na retomada do crescimento mental de um ser humano que estacionou na fase infantil. O adulto é, então, considerado assim, como um ser atrasado.*"(PINTO;1982:87)

NORBECK(1978:202) vem comprovar esta afirmação, com seu relato: "*muitos adultos estão seriamente convencidos de que os adultos não têm capacidade para estudar. Eles foram educados no sentido tradicional de que a educação é para crianças.*"

Este tem sido um dos problemas mais graves enfrentados na educação de jovens e adultos: sua infantilização. NORBECK(1978:197) afirma que "*não conhecemos os nossos adultos e essa questão tem muito a ver com a manutenção da sua motivação durante o decurso do programa.*"

Ao procurar a escola, o adulto tenta suprir várias de suas necessidades, entre elas: necessidade de realizar-se, necessidade de estima e respeito de si próprio, necessidade de apoio e solidariedade por parte de seus colegas, necessidade de segurança e confiança - muitas vezes depositados na figura do professor.

Neste sentido a autoestima será um fator fundamental, uma necessidade de realizar-se como pessoa independente. A autoestima conduz o homem a ter consciência de uma tarefa e de uma responsabilidade que o leve à autorrealização, com a qual percebe um mundo como uma realidade cheia de sentido, e a partir daí, a própria existência adquirir um novo sentido.

Ao chegarem à escola, os adultos trazem consigo uma gama de conhecimentos adquiridos de experiências passadas e, junto com esses conhecimentos trazem sentimentos com relação ao que já viveram e o que esperam encontrar. Hermanus (in GIUBILEI; 1993:78) aponta algumas visões sobre o educando adulto que podem ser divididas em positivas e negativas, no sentido somente de orientar o educador.

São positivas as seguintes características:

1. *Decisão de estudar por vontade própria- é um aluno voluntário e responsável por si próprio;*
2. *Capacidade de aprender- possuem mais experiências e gosta de vê-las valorizadas;*
3. *Facilidade de compreender os fenômenos globais.*

Como negativos aponta as seguintes:

1. *Falta de confiança em si mesmo;*
2. *Dificuldade de expressar-se;*
3. *Temor ao ridículo;*
4. *Lentidão na aprendizagem;*
5. *Esquecimento.*

Esta falta de confiança em si mesmos decorre do fato de se depararem com circunstâncias que consideram estranhas, o que vai desaparecendo conforme ele vai se familiarizando com a situação de aprendizagem, como também pela motivação e estímulo que recebe do professor. KIDD (1973:68) vem nos dizer que *“a luta interior, a necessidade de dissimular seus defeitos frente aos outros e, principalmente frente a si mesmos, conduz a um comportamento defensivo que influi profundamente em sua liberdade de iniciar a aventura de aprender.”*

Na relação professor-aluno, principalmente na educação de adultos fica clara a importância da afetividade para que a aprendizagem aconteça. ALMEIDA (1993:31) afirma que *“não há ato de ensinar-aprender sem mediação concreta de sujeitos humanos, não havendo portanto, relação ensino-aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo.”*

Para Fernandez (in ALMEIDA;1993:32) *“o conhecimento é o conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas também porque é preciso conhecer o outro (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.”*

É necessário compreender algumas das principais influências que as emoções exercem sobre a aprendizagem, observar o papel das atitudes, dos interesses e da motivação, bem como o modo de promover interrelação entre essas duas áreas.

VILLANUEVA (1987:71) vê a aprendizagem, no caso dos adultos, como *"processo de transformação, modificação, reaprendizagem posta em prática pelos conhecimentos, estratégias e valores adquiridos pela experiência."* Faz, então uma evolução das características da aprendizagem adulta, que se arrola a seguir:

1. *Aprendizagem é uma atividade físico-psicológica normal, e não requer pressão de estímulos para acontecer;*
2. *Ela se relaciona com processos da vida cotidiana, não podendo se dela desvinculada;*
3. *Está ligada ao papel e às preocupações do indivíduo;*
4. *Deve ser dirigida para que a pessoa encontre sentido nas novas experiências e estabeleça relações que lhe permita influir em seu meio ambiente.*

Faz-se *mister* aos adultos realizar uma variada gama de aprendizagens para dar respostas aos problemas e necessidades da sua vida cotidiana. Assim, sendo, o educando adulto precisa apreender o porquê de estudar determinada coisa, caso contrário sua motivação não acontece.

No que diz respeito à motivação, o educando adulto necessita de experiências de aprendizagem que lhe sejam saudáveis e muito bem estruturadas; para direcionar seus esforços precisará de forte apoio por parte do professor. Este deve por em prática o processo de motivação inicial, baseado nos conhecimentos do aluno.

É no educador que o educando vai buscar apoio, pois como afirma Kupfer (in Almeida;1993:43) *"na relação professor-aluno a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular que é a figura do professor."*

Levanta-se aqui, novos questionamentos: se o educando adulto precisa tanto desse apoio, sente necessidade de expor suas experiências, ouvir o outro, se firmar como integrante de um grupo e se, ao mesmo tempo, deposita confiança na figura do professor, que a partir dos laços afetivos desempenhará um papel fundamental como mediador na relação educando-aprendizagem, como poderá realmente ocorrer educação à distância na educação de jovens e adultos se, em tais circunstâncias, o pacote é fechado não levando em consideração a realidade do educando; o conceito de grupo se perde uma vez que a aprendizagem é baseada em apostilas, caracterizada pela auto-aprendizagem e o educador é substituído por um monitor que não está todos os dias com o educando e tem por função o esclarecimento de dúvidas e não a articulação do que é dado com a realidade do educando???

4.5) Ensino Supletivo :

Como já se observou anteriormente, o supletivo apresenta quatro funções básicas: suplência, suprimento, aprendizagem e qualificação. As três primeiras apresentam-se em Exames ou Cursos e a última apenas em Cursos.

De acordo com a Lei 5692/71; artigo 24, Suplência têm por *"função suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria"* dando prosseguimento à educação continuada.

Ainda pela mesma lei, Suprimento tem a *"função de proporcionar repetidas voltas à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte."*

A aprendizagem é a *"formação metódica no trabalho a cargo das empresas ou de instituições por estas criadas ou mantidas"*. (GIUBILEI;1993:39).

A Qualificação baseia-se em cursos, visando a formação profissional e, diferentemente da suplência, não se preocupa com a educação geral.

As oportunidades dos adultos e jovens voltarem a estudar estão distribuídas nas seguintes categorias:

- ◆ *Exames do Estado organizados e aplicados somente pela Rede Pública Estadual em períodos previamente definidos;*
- ◆ *Cursos mantidos por redes públicas ou particulares;*
- ◆ *Centro Supletivos organizados e mantidos pela Rede pública no esquema modular de ensino.*

Os Exames - compreenderão a parte do currículo resultante do Núcleo Comum fixado pelo Conselho Federal de Educação, habilitando o candidato ao prosseguimento dos estudos de 1º grau em caráter regular ou ainda supletivo de 2º grau, dando condições ao término, de prestar o exame para o 3º grau. São aplicados somente pela Rede Pública e apresenta como dificuldades para o adulto: cobra-se por cada disciplina a ser examinada, e por ser limitado o número de exames durante o ano.

Os cursos - são mantidos pela Rede Pública ou Particular, em que o educando vai vencendo fase a fase, os graus necessários para a obtenção do diploma. As provas são processuais, isto é, vão ocorrendo durante o curso. Como dificuldade apresenta número de vaga inferior à demanda no caso das redes públicas e os altos preços, no caso das redes particulares.

Os Centros de Estudos Supletivos são organizados e mantidos pela rede pública, estruturado no esquema modular. Não seguem a sistemática de sala de aula e, por isso as dificuldades e os conhecimentos não são discutidos entre os alunos. O indivíduo busca o Centro para sanar suas dúvidas e os professores ficam a disposição, como meros atendentes. Não há tempo delimitado para vencer cada módulo. Os problemas referentes a este tipo de ensino estão no tipo modular que nada aproveita do potencial do aluno, a falta de socialização das dúvidas e dos saberes adquiridos, uma vez que não existe a característica de grupo.

Este trabalho atentará para os cursos supletivos regulares, tanto particulares quanto privados, buscando nos educadores e nos educandos o que pensam desta forma de educação, o que vêem de positivo e negativo no ensino atual e como se sentem frente às dificuldades que os rodeiam. E assim, estará se fazendo o contraponto com as telesalas que trazem muitas modificações e diferenças, em relação às classes regulares, como poderá se observado no desenrolar desta pesquisa.

4.6) Educação à Distância: Novos Paradigmas em Educação:

A íntima vinculação da educação com o contexto social e cultural leva-se a rever seus paradigmas atuais, buscando meios para que o homem compreenda sua sociedade, dela participe conscientemente, interferindo nesta sociedade de forma a colaborar para as transformações que se façam necessárias. As inovações vão ocorrendo na medida em que vão se criando novas práticas, o que traz um certo medo do desconhecido, pelo possível descarte das práticas passadas e pela imposição de tendências atuais.

Dentro desses novos paradigmas, um salta aos nossos olhos e até por sobre nós como uma avalanche: a Educação à Distância. Atualmente, tem-se posto as palavras "qualidade e produtividade" como sinônimos de sobrevivência, dentro da regra capitalista da competitividade. O processo de globalização da economia, o aumento da exposição do país à competição internacional e as modificações que se observam em escala mundial - em termos de mudanças tecnológicas aceleradas - trouxeram como consequência a necessidade de um trabalhador com qualificação flexível, com raciocínio lógico e capacidade de adaptação, de aprender, de tomar decisões, de avaliar resultados, de comunicar e de identificar e solucionar problemas. As empresas, então, exigem funcionários alfabetizados e educados.

Devido ao enorme número de pessoas sem escolarização no Brasil e a urgência em minimizar este problema muitos professores, doutores, empresários e especialistas têm discutido a questão da educação à distância como uma saída eficaz para a educação de adultos. Mas o que este tipo de educação tem de tão inovador para ser posto como a solução deste problema tão complexo e que persegue a sociedade brasileira ao longo da história?

Sua origem recente, está na educação por correspondência iniciadas no final do século XVIII e com largo desenvolvimento a partir de meados do século XIX - chegando aos dias de hoje a utilizar multimeios que vão desde impressos à simuladores on-line, em redes de computadores, avançando em direção à comunicação instantânea de dados voz-imagem via satélite ou por

cabos de fibra ótica, com aplicação de formas de grande interação entre aluno e centro produtor, quer utilizando inteligência artificial, quer utilizando comunicação instantânea com professores e monitores.

Apresenta-se agora algumas das características que este ensino possui e pelos quais se diferencia dos esquemas tradicionais. Segundo RAMOS (1989:41) podemos citar:

1. *“desaparecem os centros tradicionais de ensino e sala de aula como locais de aprendizagem e convivência;*
2. *profissionalmente, o ato de estudar deixa de ser ocupação temporal, já que não implica no deslocamento de casa para escola;*
3. *a aprendizagem baseia-se numa determinada tecnologia e não na capacidade pedagógica do professor;*
4. *a comunicação professor/aluno passa a ser impessoal e burocratizada, realizando-se através dos meios de comunicação de massa.”*

Outra característica, que se vê como problemática, é a busca do estudo individualizado. *“Distante do professor e da escola, o telealuno é gestor de seu próprio processo de aprendizagem, responsabiliza-se por ele pessoalmente...”* (GUIBERT;1989:53). Ora, se o aluno adulto está há muito tempo afastado da escola, sentirá grande dificuldade para enfrentar esta nova situação, terá dificuldade de concentração, apresentará cansaço trazido do dia a dia corrido e tudo isso tornará o seu “auto estudo” muito difícil e se este aluno se sentir vencido pelas dificuldades, sem alguém que lhe apoie e incentive, certamente desistirá.

Segundo LOBO NETO (1994), a EAD constitui *“uma modalidade de realizar o processo educacional quando, não ocorrendo no todo ou em parte o encontro pessoal do educador com o educando, promover-se-á a comunicação educativa através de meios capazes de suprir a distância que os separa fisicamente.”*

Participam da mesma idéia PERRY e RUMBLE (in NUNES;s/d:03) ao afirmarem que *“a EAD é o estabelecimento de uma comunicação de dupla via, na medida em que o professor e o aluno não se encontram juntos na mesma*

sala requisitando, assim, meios que possibilitem a comunicação entre ambos como correspondência postal, eletrônica, telefone ou telex, rádio, televisão apoiada em meios abertos de comunicação, etc.”

DIAZ BORDENAVE, por sua vez, vê a EAD como *“uma proposta organizada do processo ensino-aprendizagem, na qual estudantes estudam, em grupo ou individualmente, em casa ou outros locais quaisquer, utilizando materiais auto-instrutivos, produzidos em um centro docente, distribuído através de diversos meios de comunicação regular com professores do centro docente”* (apud Lobo Neto, 1994).

LEOBONS (1989) levanta uma série de características favoráveis ao ensino à distância, sem em nenhum momento levantar qualquer tipo de preocupação quanto à clientela que receberá este tipo de ensino, como se ele se adequasse facilmente à todos os tipos de realidades existentes.

COSTA (1994:45) levanta alguns problemas ou dificuldades para implantar a EAD, principalmente nos municípios pequenos, devido dispersão de escola, deficiente capacitação de professores, carência de material, entre outros. Como, então outros autores como GONÇALVES (1996) e SARAIVA (1995) por exemplo, podem se referir à EAD como a *“solução para os problemas educacionais brasileiros”*?

Há muito ainda que se discutir, que se analisar e que se modificar antes de coroar-se a educação à distância como *“salvadora de nossa Pátria”*. Sabe-se que os problemas da educação brasileira não se concentram no interior do sistema educacional, mas, antes disso, refletem uma situação de desigualdade e polaridade social, produto de um sistema econômico político perverso e desequilibrado.

PALLADINO (1989:92) define-a como *“educação que se realiza por meios de comunicação que levam ao educando as mensagens de uma fonte educativa. Tais meios podem ser o correio, o rádio, a televisão, as gravações e etc. O aluno não precisa se encaminhar para a escola...”* Cita então universidades que possuem este tipo de educação. Em se tratando de

educação de adultos, cita trabalhos em Santa Fé, no Instituto de Cultura Popular, através de rádios e materiais impressos.

Outros autores (LUCKESI;1989:10) preferem chamá-la de “ensino à distância”, por se tratar de um *“meio pelo qual intencionalmente se executa a instrução, que, do ponto de vista do educando, resulta na aprendizagem e no desenvolvimento”*. Ele acredita que o ensino à distância tem uma multiplicação de efeitos a baixo custo, pois ao mesmo tempo que possibilita o contato com recursos diferentes, atinge um número muito maior de pessoas. Estará posto, em suas palavras, *“para oferecer a todos oportunidades de aquisição de instrumentos necessários à sobrevivência neste final de século...”* (LUCKESI;1989:11)

NUNES (s/d) acredita que a EAD pressupõe um processo educativo sistemático e organizado que exige a instauração de um processo continuado, onde os meios devem estar presentes na estratégia da comunicação. A escolha do recurso vem de acordo com o tipo de público e com a eficácia do processo educativo.

Uma mesma visão, nos aponta a autora RAMOS (1991:25) quando se utiliza das palavras de Jorge Hage para caracterizar a educação à distância como *“estratégia de ensino centrada no estudo ativo e independente...”*

DOHMEN(1967) a vê como uma forma organizada de auto-estudo; PETERS(1973) como uma forma industrializada de ensinar e aprender; HOLMBERG (1977) como várias formas de estudo, nos vários níveis que não estão sob contínua e imediata supervisão de tutores presentes com alunos nas salas de leitura ou no mesmo local.

Percebe-se, que alguns autores se referem à educação à distância, colocando educação e ensino sob um mesmo patamar, quando na verdade educação é algo muito mais abrangente que ensino.

Ensino diz respeito a modo, forma de transmitir informação, de oferecer oportunidades para que o conhecimento seja construído, estando mais ligado ao método. Já o termo educação é mais amplo; está ligado ao desenvolvimento da cidadania, com igualdade de oportunidades de acesso ao

saber acumulado ao longo da história. Quando se pensa em educação, pensa-se em concepção de mundo, de cidadão que se pretende formar e, principalmente dos objetivos que esta educação traz consigo.

Que objetivos traz consigo então, a educação à distância? Será apenas a de ensinar a ler e a escrever muitas pessoas a baixo custo? Como fica o caráter crítico conferido a educação e especialmente à educação de jovens e adultos?

As palavras de FREIRE (1984:14) ilustram bem esta preocupação: "*os meios de comunicação não são bons nem ruins em si mesmos. Servindo-se de técnicas, eles são resultado do avanço da tecnologia, são expressões da criatividade humana. O problema é se perguntar a serviço do quê e a serviço de quem os meios de comunicação se acham.*"

O problema não está nas salas de aula em si, mas no tipo de homem que ela formará e a serviço de quem ela estará. Muitos críticos da utilização da tecnologia na educação mostram-se preocupados pelo uso da tecnologia como meio apenas de fixação de uma mensagem única e acrítica.

Pensando sobre este aspecto, a autora LEOBONS (1989:18) mostra uma grande preocupação quanto à aplicação da EAD na Educação Básica. Para ela, "*o planejamento da EAD deve ser feito a partir das reais condições de utilização e respeitando-se as características da população que não possui hábitos de estudo independente.*" Mostra-se, contudo contraditória, quando apresenta a EAD como "*forma de libertação do homem e de democratização do saber*" (1989:15) ao mesmo tempo em que assume que este tipo de educação "*leva à uniformização de idéias pelo fato dos conteúdos serem iguais para todos os alunos e de ser um curso pré produzido*"(1989:16).

FAGUNDES (1992:82) deixa claro que "*o centro não pode ser a tecnologia. O centro deve ser o que o aluno vai fazer com ela.*"

O Diretor do Instituto de Educação à Distância e Apoio Comunitário, Ivônio Barros Nunes, apesar de se mostrar muito satisfeito com os resultados que vem alcançando com a educação à distância, no que diz respeito à capacitação de profissionais, não deixa de expor sua preocupação ao destacar

"a importância dos educadores e teóricos da educação na formulação e procedimentos e na avaliação crítica das experiências para evitar que também essas tendências sejam mal utilizadas" (1992: 78).

Pretende-se aqui levantar algumas dúvidas quanto ao problemas que a implantação da educação a distância pode trazer para o ensino brasileiro.

O autor POPOVIC (1996) problematiza a questão da desigualdade que se fará ainda mais presente. A tecnologia atualmente tem sido vista como um atalho para a modernidade e como equilibradora das desigualdades sociais, pois aceleraria a aprendizagem e colocaria as pessoas mais atrasadas em igualdade com aqueles mais adiantados, no que diz respeito ao ensino aprendizagem, porque com as novas tecnologias, todos teriam as mesmas oportunidades.

No entanto, ao colocar-se em prática as mudanças necessárias para infiltrar essas tecnologias nas escolas, percebe-se que muito mais do que mudanças de equipamentos, precisa-se mudar as mentalidades, começando pelos professores.

Pois bem, se é preciso aperfeiçoar os professores, ensiná-los a comandar as máquinas é o que se começa a fazer. Mas como? Escolhem-se algumas escolas que receberão os *kits*, equipamentos e treinamentos e depois que estes estiverem bem entrosados com as novas dinâmicas, difunde-se para as demais escolas que também receberão equipamentos, treinamentos e especialização. Tudo em pacotes fechados.

Tudo parece bem simples, mas o que ocorre transparente aos olhos de todos é a desigualdade que permanecerá e se tomará cada vez maior. Isso porque o que se chama de progresso, além de ser algo muito questionável, se fará em escolas escolhidas, que certamente não serão as de periferias. Os pacotes acabam trazendo de volta a questão da educação bancária de que tanto se preveniu Paulo Freire (1987), em que o educador apenas deposita os seus conhecimentos sobre o educando. E neste caso é ainda pior porque não será o educador, mas sim uma máquina que transformará a educação em mera transmissão de conhecimentos.

Cabe ressaltar ainda os problemas financeiros que os equipamentos e treinamentos nos expõem. Fica-se entre duas posturas muito difíceis de serem resolvidas: ou a igualdade no atraso ou a iniquidade com um progresso parcial. Nesse caso, a tecnologia como atalho para a modernidade e equilibradora das desigualdades parece falhar...

O texto de BLOIS (1996) questiona vários pontos da educação a distância, em especial as transmitidas por rádios e televisões. Aposta na educação a distância como um caminho novo desde que seja bem aproveitado.

Ela faz um rápido histórico dos diferentes programas educativos que o Brasil já teve até hoje e afirma que a nova forma de educar rompe com vários preceitos antigos (BLOIS, 1996, p.46), a saber:

1. presença física
2. espaço físico definido
3. estrutura organizacional
4. grupo homogêneo
5. discussão como forma de transmitir mensagens
6. tempo de aprendizagem

O problema maior está justamente aqui, no que diz respeito a educação de adultos. Isso porque a presença é para eles uma forma de estar sempre se motivando, sempre encontrando os colegas. Mais do que ir à escola, é um meio de mostrar para si mesmo que se está indo a um encontro entre amigos para evoluir e crescer;

O espaço físico é essencial para que o educando esteja a vontade e concentrado para realizar suas atividades, já que para ele é difícil ter um tempo ou local na casa ou no trabalho.

O grupo além de ser mais uma esfera social, vai estar a todo momento dialogando, discutindo e se apoiando mutuamente; as histórias de vida expostas entre eles são um rico material para ser trabalhado, já que neste caso o conteúdo partiria do próprio grupo.

por não ser o segmento mais crítico do sistema escolar brasileiro e por apresentar *menos riscos* à clientela. O que não se explica é que riscos seriam esses.

Por utilizar meios de comunicação de massa, não ficava restrito à função de suplência, funcionando também como *"suprimento, proporcionando ao público em geral oportunidades de reciclagem de conhecimentos e atualização de informações."* (ALMEIDA; 1988: 67). Posteriormente foi lançado o Telecurso 1º grau.

Com relação à recepção, afirmava-se que o aproveitamento do aluno seria melhor *"na medida em que ele não estiver isolado do grupo de companheiros que estão fazendo o mesmo curso"*. Assim surgem os telepostos, definidos como *"núcleos programados de pessoas que se reúnem num determinado local, sob orientação de um monitor, para acompanhar programas instrutivos transmitidos por uma emissora de TV"* (ALMEIDA; 1988: 67).

Já o projeto Supletivo 1º grau tenta *"recuperar o saldo negativo criado pela oferta insuficiente ou pela evasão"*(Brasil; s/d). O objetivo seria o de *"levar o adulto a sistematizar aptidões e conhecimentos estabelecidos nos currículos oficial como o 'mínimo a exigir de qualquer pessoa que se pretende educar a nível de 1º grau'(Parecer 853/71)"* (Fundação Roberto Marinho; s/d).

Quanto à recepção estavam previstos três: a recepção livre, a recepção controlada por telepostos e a recepção em CESS - Centro de Ensino Supletivo.

ALMEIDA (1988:70) relata que a UNB - Universidade de Brasília fez críticas e sugestões visando o aperfeiçoamento dos telecursos, sem serem levadas em conta pela Fundação Roberto Marinho e pelo MEC. Entre as críticas está *"a total falta de acompanhamento sistemático que permita a identificação de desvios e distorções para implementação de medidas corretivas"*.

É válido citar também o programa *"Um salto para o futuro"*, produzido e veiculado pela Fundação Roquete Pinto, desde 1995 *"destinado à atualização*

de professores. Ao programa televisivo, com duração de uma hora, integra-se com boletins impressos, que têm por objetivo aprofundar os conteúdos trabalhados no programa.” (Saraiva; 1996:24)

O TV Escola, criado em 1995, concebido e coordenado pelo MEC em âmbito nacional. Tem por objetivo o aperfeiçoamento e a valorização dos professores da rede pública e a melhoria da qualidade do ensino, por meio de um canal de televisão dedicado à educação. A programação é transmitida a todo o país, através do satélite, com recepção por antena parabólica e é gravada em fita de videocassete para posterior utilização pelos professores, diretores e alunos.

Sua produção é orientada por eixos temáticos comuns aos currículos. Gera três horas de programação diária, repetida quatro vezes ao dia. Completam os programas com materiais impressos: revista TV escola, cadernos do Professor e Guia de Programas.

O MEC através de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) às Secretarias da Educação vem facilitando a aquisição dos kits compostos por televisão, parabólica, videocassete, receptor de sinais de satélite e fitas VHS.

Pode-se perceber que os gastos não são poucos e que boa parte dessas verbas poderiam ser encaminhadas para outras vertentes com mais urgência, como é o caso da educação de adultos, que ficou desamparada pela lei, como já analisou-se em tópicos anteriores.

No campo metodológico então, o problema é ainda mais grave. FARIAS(s/d) no seu estudo de telensino no Ceará levanta várias problemáticas na metodologia do telensino.

O primeiro diz respeito à telesala, que, em suas palavras *“caracteriza-se tanto pela docência polivalente quanto pela presença da televisão como componente encarregado da transmissão do conteúdo curricular através das emissões didáticas.*

Outro problema é o do Orientador de Aprendizagem como é chamado o monitor que acompanha as aulas: este não se sente seguro em como explicar

os conteúdos mostrados pelo vídeo, vê-se em segundo plano, uma vez que o transmissor de conhecimentos é a TV, e muitas vezes acabam procurando as séries que possuam conteúdos mais **fáceis**, como as séries iniciais por exemplo.

Além disso, as decisões a respeito das atividades de ensino já vêm pré definidas: horário de cada emissão, conteúdos curriculares, emissões didáticas, período de tempo a ser trabalhado em cada área do conhecimento, a distribuição de disciplinas ao longo do ano letivo, o que leva muitas vezes ao distanciamento dos conteúdos em relação aos educandos.

“Os educandos não aprendem apenas assistindo as teleaulas... Todavia, se por um lado a televisão serve como elemento que veicula um código de instrução, por outro, essa é uma relação unilateral, pois a televisão não escuta, não ouve, não interage com as dúvidas, com os comentários surgidos na telesala; a televisão sozinha não ensina, não educa...”(FARIAS; s/d:03 - 04).

Este relato vem reforçar ainda mais os problemas que a telesala traz para a educação de jovens e adultos, uma vez que este demonstra uma necessidade enorme de ser ouvido, de ser estimulado, de adquirir confiança e segurança dentro do grupo em que se encontra. Se este aluno se sentir desmotivado abandonará o curso, pois se sentirá desvalorizado como pessoa trabalhadora que traz dentro de si muitas experiências e vivências.

No seu trabalho Farias mostra que ao serem questionados sobre o grau de aprendizagem dos educandos, os orientadores afirmaram quase unanimemente que “fica alguma coisa”.

Será que os nossos educandos buscam apenas *reter alguma coisa* das aulas, ou buscam crescer enquanto cidadãos que são, ouvindo seus pares, e discutindo sobre o cotidiano?

E os educadores, querem apenas avançar em aulas corridas e pré programadas para dar aos alunos um diploma no final do ano, ou querem fazê-los se sentirem úteis, bem informados e críticos diante de seus problemas sociais?

4.8) Falando um pouco mais sobre Telecurso 2000:

O TC 2000 se apresenta como uma proposta direcionada à formação para o trabalho, por meio do ensino à distância, com uso de multimeios (TV, vídeo, impresso, monitoria, prática em oficina) dando ao participante a oportunidade de adquirir conhecimentos gerais, correspondentes ao ensino de 3ª à 8ª séries do ensino fundamental e médio e conhecimentos profissionalizantes, proporcionados por um programa contínuo de ensino tecnológico que permita desenvolver competências para o mundo do trabalho.

Sua proposta pedagógica baseia-se no ensino contextualizado de um currículo relevante para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de um conjunto de habilidades básicas. Isso se deve a quatro razões principais:

- permitir que o educando contextualize sua aprendizagem, motivando-se e compreendendo melhor o conteúdo;
- contextos adequados ao mundo do trabalho, para que o educando possa utilizar imediatamente o que aprende no seu dia a dia;
- possibilita estabelecer pontes entre o concreto e o abstrato;
- o ensino criativo e eficiente de um conjunto de conhecimentos e habilidades é fundamental para o exercício da cidadania e para melhoria da vida pessoal.

Telecurso 2000 pode ser acompanhado pela televisão, nos horários já programados, por fitas de vídeos ou telesalas instaladas em organizações públicas ou privadas sob o acompanhamento de um Orientador de Aprendizagem, responsável pelo planejamento e organização das atividades didáticas. Existem também materiais impressos sob a forma de apostilas que servem para o acompanhamento das aulas e estudo fora delas.

As provas são semestrais e realizam-se em todos os Estados brasileiros, através da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, com direito à emissão de Certificados Parciais ou de Conclusão de Grau, de acordo com o desempenho do aluno.

O TC 2000 visa desenvolver prioritariamente as seguintes habilidades:

uso eficiente de recursos (tempo, dinheiro, materiais, espaço) demonstrando capacidade para definir prioridades e valores, respeitar normas de qualidade e produtividade; organizar objetos, atividades e ações no tempo e no espaço.

- uso de informações, incluindo habilidades específicas: identificar fontes de informação, avaliar a informação, organizar a informação, distinguir fato de opinião, interpretar e comunicar corretamente uma informação;
- demonstrar capacidade de ler e escrever corretamente, aplicando - a situações correntes na vida e ambiente de trabalho (sinais e símbolos, documentos, bilhetes, manuais de instrução, jornais e revistas, livros didáticos ou não;
- comunicar-se por meio escrito ou oral e em situações de estudo, trabalho ou lazer, demonstrando capacidade de apresentar idéias com clareza de maneira sintética e ordenada;
- participar produtivamente de grupos de trabalho ou estudo, demonstrando capacidade de ouvir, de entender e de lidar com diferentes perspectivas, de argumentar persuasivamente e com polidez, de lidar com pessoas de diferentes origens e posições hierárquicas.

Estrutura do Telecurso 2000:

Com base no Núcleo Comum de 3ª à 8ª séries do ensino fundamental e 1ª à 3ª séries do ensino médio, adaptado aos valores e contextos do mundo do trabalho, o TC 2000 promove o estudo das disciplinas, organizadas em três fases com duração de seis meses cada, como indicado nos quadros abaixo:

QUADRO 01 - Ensino Fundamental - TC 2000

1ª fase		2ª fase		3ª fase		subt.
Disciplina	Programa	Disciplina	Programa	Disciplina	Programa	
Português	40	Português	50	-		90
Matemática	40	Matemática	20	Matemática	20	80
História	40	-		-		40
-		Ciências	50	Ciências	20	70
-		-		Geografia	50	50
-		-		Inglês	30	30
TOTAIS	120		120		120	360

Fonte: Tc - 2000 - Fundamentos e Diretrizes (1995)

QUADRO 02 - Ensino Médio - TC 2000

1ª fase		2ª fase		3ª fase		subt otal
Disciplina	Programa	Disciplina	Programa	Disciplina	Programa	
Português	40	Português	50	-		90
Matemática	40	Matemática	40	-		80
		-		História	40	40
Física	20	Física	30	-		50
Química	30	Química	20	-		50
Biologia	50	Biologia	20	Inglês	40	110
TOTAIS	180		150		80	420

Fonte: Tc - 2000 - Fundamentos e Diretrizes (1995)

O TC - 2000 prevê a veiculação de 1140 aulas de 15 minutos cada, totalizando 285 horas de programação televisiva / vídeos e 1995 horas de estudo individual ou em grupo, como nos mostra o quadro abaixo:

QUADRO 03 - Programação

Segmento	nº de aulas	Carga Horária		Carga Horária Total
		Tv / Vídeo	Estudo Individual / Grupo	
Ens. Fund.	360	90	630	720
Ens. Médio	420	105	735	840
C. Profiss.	360	90	630	720
TOTAL	1240	285	1995	2280

Fonte: Tc - 2000 - Fundamentos e Diretrizes (1995)

Como desenvolver todas essas habilidades priorizadas pelo Telecurso 2000 através de uma teleaula, se nem todas as instituições que utilizam os vídeos disponibilizam de tempo para os estudos em grupo? Dentro desta metodologia o educando estuda sozinho, nas teleaulas pouco dialoga, não há espaço para trabalhos em grupos ou discussões acalouradas, visto que nem mesmo a frequência é obrigatória. Como o Orientador pode planejar aulas que já estão prontas se a ênfase maior tem que ser dada às teleaulas? Como podemos avaliar o desenvolvimento do educando adulto apenas por provas, situação muito diferente do seu dia - a - dia, visto que ele está nervoso e a

prova é dada por um estranho, o fiscal, com o qual o adulto não tem nenhuma relação afetiva? Não seria mais justa uma avaliação processual, ao invés de um acúmulo tão grande de conteúdo, que só confunde mais ainda o educando? Onde, então, se enquadram tais prioridades apontadas pelas diretrizes do Telecurso 2000?

A Clientela:

O Telecurso 2000 é dirigido, em primeiro lugar aos trabalhadores em geral que necessitam de aperfeiçoamento profissional; em seguida, aos alunos de rede pública ou particular, profissionalizantes ou não, que busquem o aprimoramento dos conhecimentos. Nesta pesquisa, o público alvo são alunos de algumas escolas públicas e privadas, da região de Campinas.

Sistema de Funcionamento:

O TC 2000 funciona em três modalidades:

1. **Recepção Organizada** - pode ocorrer em fábricas, escolas, empresas, associações de bairros e etc. Os alunos se reúnem de segunda à sexta-feira por aproximadamente duas horas diárias, em um local determinado - a telesala.
2. **Recepção Controlada** - o aluno assiste às aulas sozinho, ou em pequenos grupos, inscreve-se num centro controlador, local, onde. Com o auxílio do orientador de aprendizagem, pelo menos uma vez por semana, ele tem oportunidade de tirar suas dúvidas, rever teleaulas, trocar idéias, usar o acervo do centro, analisar os exercícios e seu desempenho.
3. **Recepção Livre** - é uma alternativa para quem não pode ir às telesalas, nem aos centros controladores e aos interessados num processo constante de atualização e qualificação. Nessa modalidade, o aluno assiste às teleaulas em qualquer lugar sem orientação alguma. O participante pode adquirir o material de uso individual e autodidata.

A presente pesquisa preocupou-se em observar a recepção organizada dentro de escolas que desenvolvem trabalhos em teleducação.

V) ANÁLISE DOS DADOS:

5.1) Delimitando espaços:

A coleta de dados deste trabalho pode ser dividida em três partes:

- Roteiros de entrevistas dirigidos a educandos de duas instituições públicas de supletivo em classes regulares da região de Campinas: uma delas é o CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, localizada no bairro São Bernardo, onde no período noturno, funcionam classes regulares supletivas e telesalas; a outra é a EMPG "Profª Dulce Bento do Nascimento", localizada no bairro Guará, onde à noite funcionam classes regulares supletivas de ensino médio e fundamental.
- Roteiros de entrevistas dirigidos a educandos de telesalas de três instituições na região de Campinas: o CEFAM já caracterizado acima; a EMSG "Orozimbo Maia" e o "Centro Supletivo de Ensino à Distância".
- Entrevistas realizadas com professores e com orientadores de aprendizagem nas instituições já citadas.

Abaixo temos um quadro do total da população entrevistada:

ESCOLAS	GUARÁ (CR)	CEFAM (CR)	CEFAM (TS)	OROZIMBO (TS)	CESAD (TS)	TOTAL
ALUNOS	35	55	14	26	13	143
PROFESSORES	02	06	–	–	–	08
ORIENTADORES	–	–	02	01	03	06

(1999)

5.2) Analisando Comparativamente os Tipos de Propostas Supletivas para Jovens e Adultos:

Pode-se observar que a maioria da população entrevistada são mulheres. Tanto em classes regulares (54,4%), quanto em teleaulas (71,6%). Isso por vários motivos: primeiro porque os homens desanimam-se mais facilmente com o universo escolar do que as mulheres e em segundo porque as mulheres se sentem na obrigação de ajudar os filhos em casa com suas tarefas escolares. Outro motivo apontado foi o de que os homens já estão com seu lugar conquistado no mundo do trabalho, enquanto a mulher está conquistando o seu espaço, dedicando-se assim muito mais aos estudos do que os homens.

Gráfico 01 - Distribuição da População de Acordo com Idade e Sexo:

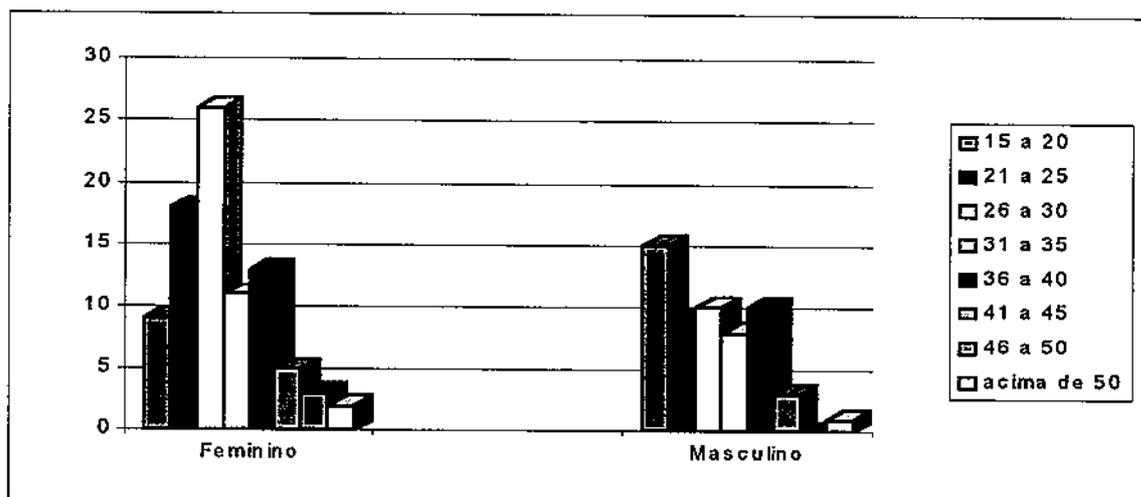


Gráfico 01-a(1999)

No campo profissional, embora a porcentagem de mulheres ativas seja bem elevada (77,7%), observa-se a liderança masculina neste setor (95,2%). Isso por que muitos dos rapazes entre 15 e 30 anos de idade que não frequentam escolas embora já estejam inseridos no ambiente de trabalho, o que nem sempre acontece com as mulheres que quando não estão na escola

podem estar em casa, cuidando dos filhos ou dos irmãos mais novos, como acontece largamente em famílias de classe baixa.

Gráfico 02 - Distribuição da População pelo Sexo e Situação Profissional Atual:

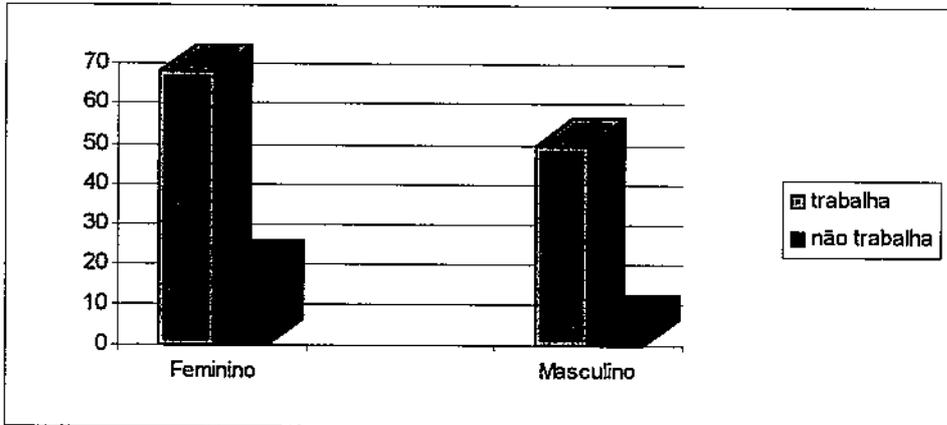


Gráfico 02-a (1999)

Tanto em teleaulas quanto em classes supletivas, os maiores motivos de volta aos estudos apontados pelos jovens e adultos foram: conseguir emprego melhor (41,5%), para adquirir conhecimentos (37,7%) e porque o trabalho exige (32%). Estes dados vem de encontro com as afirmações de DEMO (1998) sobre a nova face da “empregabilidade”, fenômeno de desgaste do emprego diante da economia competitiva globalizada. Em outras palavras, cada vez mais o empregado precisa aprender a aprender para manter-se no posto do trabalho. “Assim ser ‘empregável’ significa ser capaz de enfrentar inovações constantes no emprego, apelando sobretudo para o saber pensar e o saber aprender” (opus citi, p.209).

Muitos dos entrevistados também sentem a necessidade de estudo para *não ficar parado no tempo, não perder o emprego, para ser alguém na vida*. Como o depoimento desta mulher que diz:

“Vim estudar para poder ganhar uma promoção na minha empresa. Voltar a estudar não é fácil, mas pior é ficar sem emprego por causa de falta de estudo. Hoje quem não tem estudo, já está fora.”

Com esta fala, esta mulher deixa bem claro que está ciente de todo o mecanismo econômico neoliberal que nos envolve atualmente. Ter estudo

atualmente é uma forma de provar que o indivíduo é “qualificado” para o trabalho.

Gráfico 03 - Distribuição da População Segundo Motivos Para Volta à Escola:

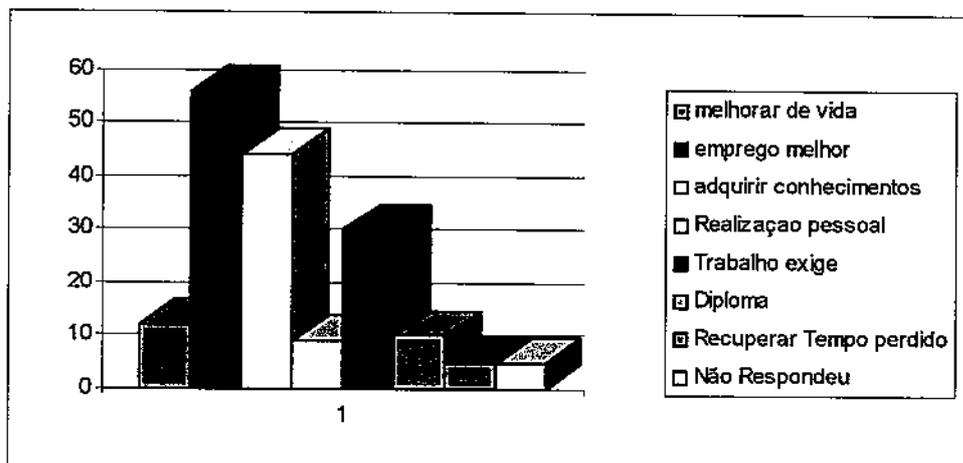


Gráfico 03-a(1999)

“Eu entendo melhor com um professor explicando.”

Aqui tem-se um dado importantíssimo para esta pesquisa. Durante as muitas entrevistas feitas e nas leituras dos questionários de todas as instituições o professor é visto como peça essencial para que a aprendizagem se dê. 83,2% dos entrevistados em teleaulas apontam que sem a presença de um professor é quase impossível apreender o que passa no vídeo, como nos relatos abaixo:

“Sem a base de um professor você fica sempre para trás.”

“Não é pela TV que eu entendo muito, é preciso estudar com o professor”. Ou ainda: “Sem um professor para dar apoio a gente fica sem rumo...”

DEMO (1998) também compartilha desta posição quando afirma que “... a aprendizagem adequada exige o momento de reconstrução pessoal bem

como a necessária ambivalência humana. A presença do professor sinaliza, na prática, esses dois momentos” (p.198).

O Orientador supre o papel do professor?

De acordo com dados oferecidos pela Fundação Roberto Marinho (1995), o orientador ou monitor de aprendizagem tem por função o esclarecimento de dúvidas surgidas, selecionar recursos, técnicas e procedimentos didáticos e, dentre outras, promover a participação dos alunos no processo de aprendizagem.

Porém o que pôde se perceber nas teleaulas assistidas foi que a maioria dos orientadores apenas passavam o vídeo como se este fosse o único recurso disponível. Outro agravante é que, devido ao grau de dificuldade de alguns exercícios, o estudo em grupo não acontece. Pelo fato de um mesmo orientador monitorar todas as matérias ocorre, muitas vezes de não ter as respostas para as dúvidas dos alunos, o que se torna uma dificuldade a mais para os educandos. Neste sentido, o monitor participa das aulas, sem contudo atuar para que a aprendizagem se dê.

Em se tratando de classes regulares o número favorável à presença do professor é ainda maior. 96,6% afirma que o professor é importante para esclarecer dúvidas, para explicar a matéria, para compartilhar até mesmo os problemas do dia a dia. Retoma-se então o ponto da afetividade, discutido na fundamentação teórica por alguns autores. O aluno que tem um contato direto com o professor adquire confiança suficiente, se este for um bom professor, para expor suas dúvidas, seus anseios e seus medos. A partir do momento que este laço se estreita fica mais fácil o processo ensino-aprendizagem.

Esse ponto fica claro quando confrontamos com a fala deste rapaz, que afirma:

“Eu tenho vergonha de ficar dizendo não entendi, porque o tempo é curto e a monitora não vai poder ficar voltando a fita o tempo todo por causa de um cabeça dura, né?”

Houve também reclamações de professores que não explicam direito, não têm paciência, não têm tempo para os alunos fora da sala de aula (ver gráfico 05), mas mesmo para essas pessoas a presença do professor é necessária, firmando-se que para o educando jovem e adulto que retorna aos estudos após alguns ou muitos anos ausente do universo escolar mister se faz que exista uma pessoa que oriente, apoie e sobretudo faça o intercâmbio entre o adulto e o conhecimento.

Gráfico 04 - Distribuição da População Pela opinião sobre a Importância do Professor em Sala de Aula:

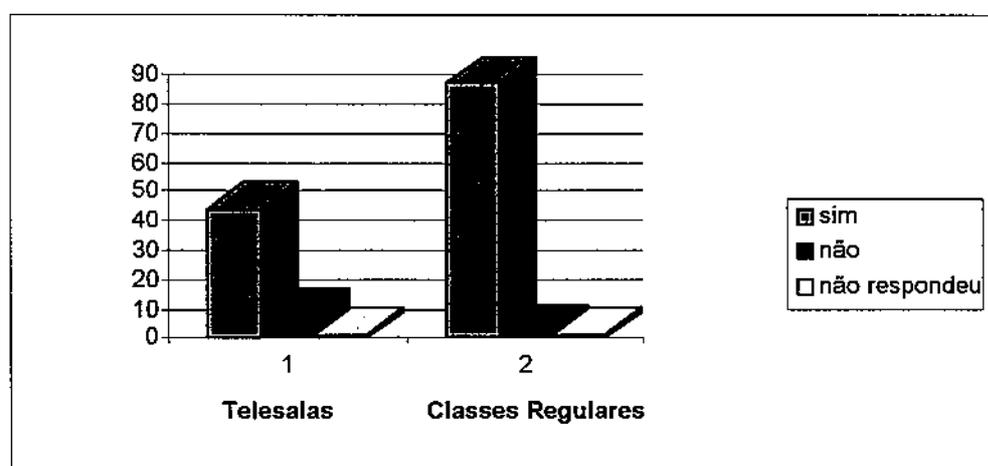


Gráfico 04-a(1999)

A importância do professor é perfeitamente perceptível até mesmo quando se questiona sobre o esclarecimento de dúvidas. Nas classes regulares 76,6% preferem tirar as dúvidas com o professor responsável pela disciplina, 24,1% discutem com os amigos e 10% busca soluções através de livros. Nas telesalas a situação não é muito diferente: 62,2% procuram os professores- tanto os orientadores quanto professores de classes regulares; 33,9% escolheram o estudo com os amigos por timidez ou por melhor abertura para discussões e 26,4% preferem solucionar suas dúvidas sozinhos, embora afirmem que nem sempre consigam.

Observa-se que algumas dificuldades se sobressaem nos dois tipos de ensino: presencial ou à distância. Outras são peculiares de cada modalidade

de ensino. No caso das telesalas as três maiores dificuldades apontadas são: falta de tempo (37%), algumas disciplinas (19%) e empatadas Conciliar trabalho-estudo e acompanhar as teleaulas (10%). É possível deduzir que quando a presença não é obrigatória, as demais responsabilidades do ser humano se caem sobre ele de forma que ele encontre cada vez menos tempo para estudar. No caso da telesala, 52,8% das pessoas afirmaram não ter tempo para estudar fora da telesala, enquanto que em classes regulares esse número sobe para 54,4%. O tempo que encontram é justamente aquele reservado para as discussões, as conversas em grupo e as explicações do professor, ou seja, o período em que ficam na escola. Como, então este educando conseguirá realizar uma auto-aprendizagem? Outra dificuldade apontada pelos adultos é o de conciliar trabalho-estudo (10%), pois eles vêm de uma longa jornada de trabalho e à noite enfrentam aulas para só então voltar para os seus lares. É uma realidade pesada onde só os mais perseverantes conseguem vencer. Com relação às teleaulas, percebe-se que muitas vezes as fitas acabam mais por atrapalhar do que ajudar. A dificuldade em acompanhar as teleaulas está relacionada com o sono, com a dispersão, pois muitas vezes quando "se perde o fio da meada" a cabeça começa a viajar, como também a problemas ligados à visão e à audição, até pelo modo como os aparelhos são instalados, já que nem sempre sofrem as adaptações necessárias para o seu bom funcionamento.

Nas classes regulares, 32,2% falta de tempo, 26,6% conciliar trabalho-estudo e 34,4% algumas disciplinas. 54,4% dos entrevistados alegaram não ter tempo para estudar devido o trabalho, a família ou a correria do dia a dia. Aproveitam para estudar então, no momento da aula, nos intervalos ou aulas vagas.

Os gráficos abaixo podem dar uma melhor noção do que acaba-se de comentar.

Gráfico 05 - Distribuição da População Segundo Dificuldades Para Estudar:

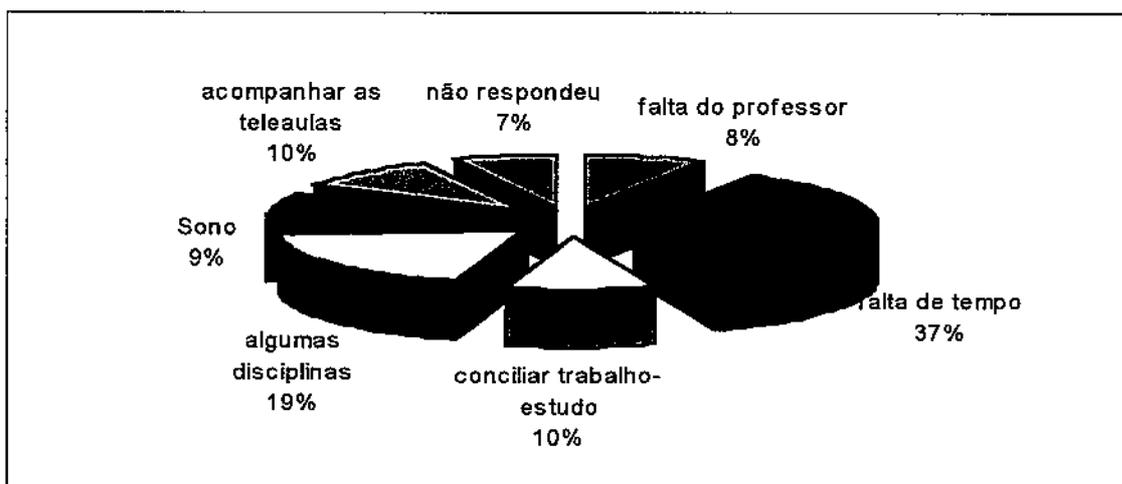


gráfico 05 telesalas-(1999)

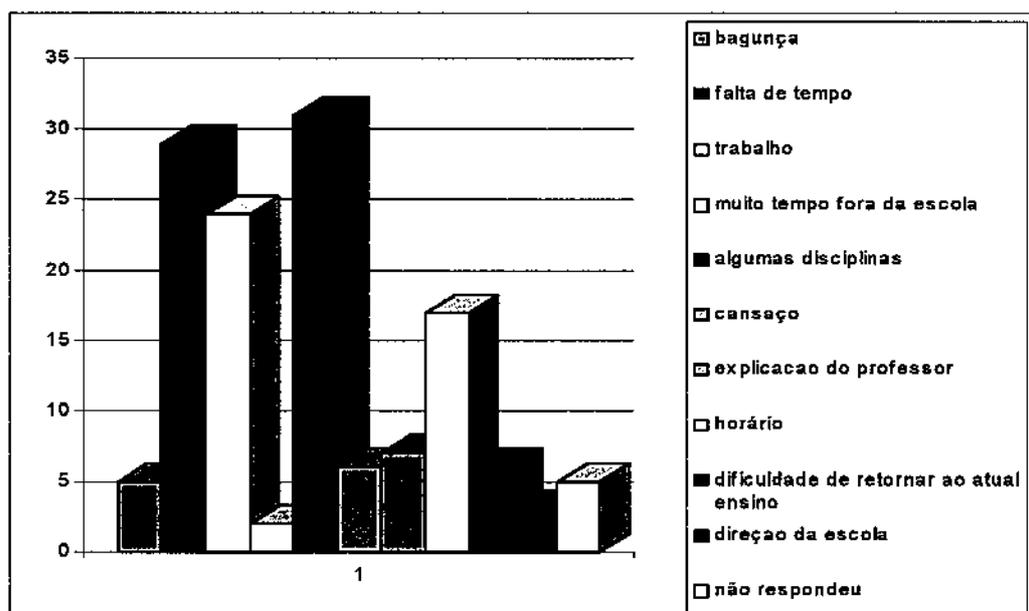


Gráfico 05 classes regulares(1999)

Voltar à realidade escolar não é algo fácil. O fato de se deparar com várias dificuldades no dia a dia e de ter sua recompensa a médio ou longo prazo (de conseguir um diploma ou um emprego melhor), faz com o sentimento de desistir esteja muito presente para essas pessoas. 61,5% das pessoas entrevistadas entre telesalas e classes regulares alegam já ter pensado em desistir. Como motivos principais citam: cansaço (32,1%), aulas

corridas (67,8%), trabalho (55%) e certas disciplinas (50%). No entanto, não desistem justamente porque o estudo traz a esperança de uma vida mais digna, com mais conforto e estabilidade.

Gráfico 06 - Distribuição da População Por Vontade de Desistir dos Cursos:

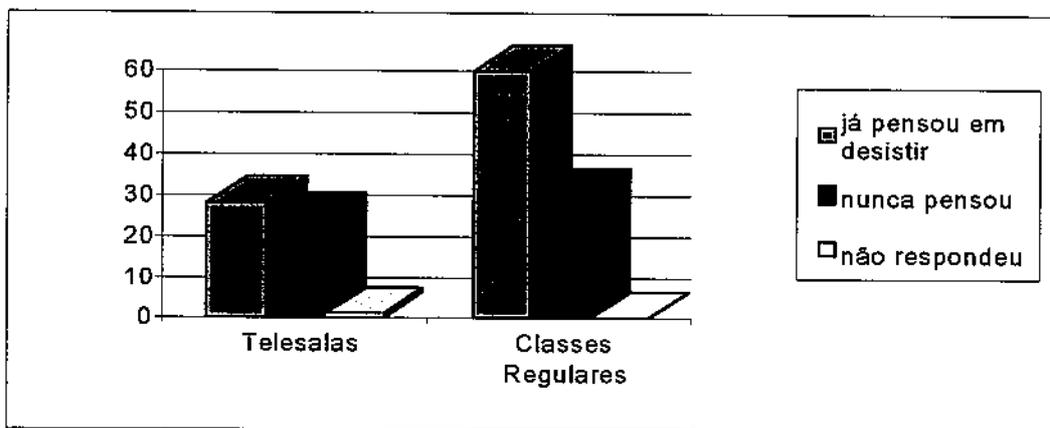


Gráfico 06-a(1999)

A idéia de conseguir um futuro melhor através do estudo está presente em 45,4% dos entrevistados, seguidos de "emprego melhor" e "desenvolvimento pessoal" com uma porcentagem de respectivamente, 51,1% e 22,2% (estes últimos aclamados pelos entrevistados de classes regulares).

Gráfico 06 b - Distribuição da População Segundo Motivos para Não Desistir:

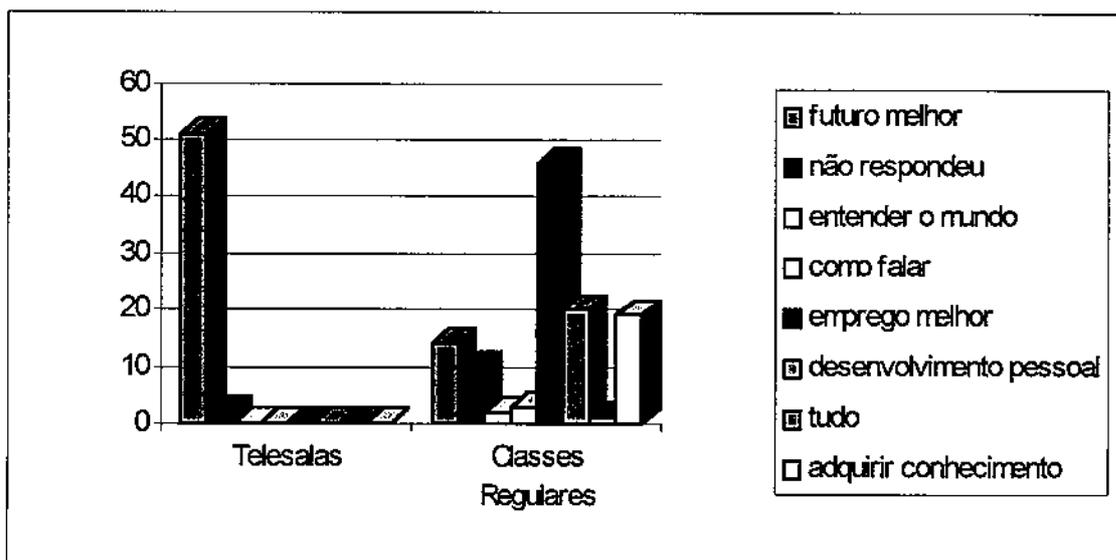


Gráfico 06-b(1999)

Outro ponto importante para esta pesquisa é delimitar se a causa das desistências estão ligadas à pouca relação entre os conteúdos vistos na escola e o dia-a-dia do jovem adulto. Nos Fundamentos e Diretrizes do Telecurso 2000 (1995) é especificado com bastante ênfase que uma das prioridades deles é manter o contato entre o que o adulto assiste e o que faz no seu dia a dia. No entanto, ao se perguntar se o que vê em telaaulas tem a ver com o seu cotidiano, 68% responderam que não, como mostra o gráfico abaixo. Nas classes de ensino regular, infelizmente, a situação não é muito melhor: 54% alegam que escola e vida são totalmente diferentes; 23% disseram que se utilizam de conhecimentos matemáticos e escrita no dia-a-dia e 23% não souberam responder.

O ensino, presencial ou não, precisa ser repensado, para que escola e vida não permaneçam como algo dual e sim complementares entre si. É preciso uma mudança de atitude, vinculando a palavra à vida, para que se desenvolva a criticidade indispensável para nossa democratização. (FREIRE, 1979)

Gráfico 06 C - Distribuição da População Segundo Relação entre Cotidiano e Conteúdos Vistos em Aulas:

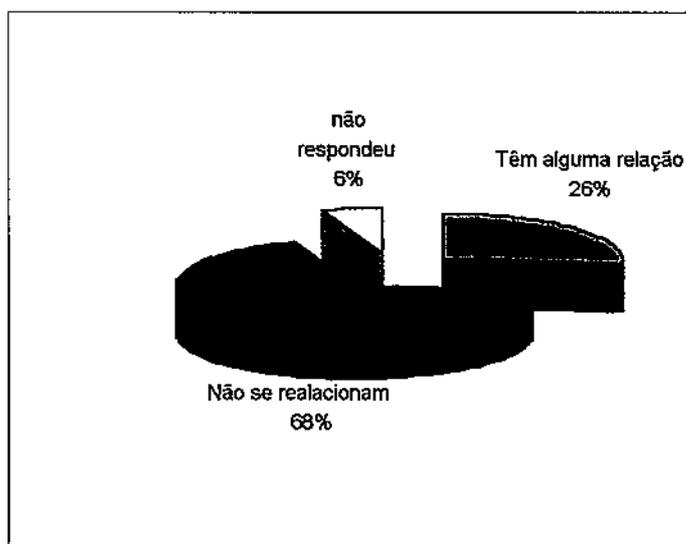


Gráfico 06-c (1999)

Com todas as dificuldades apresentadas até aqui, os educandos jovens e adultos, em sua maioria (72,0%) pretendem continuar os estudos. Isto se torna até mesmo óbvio, pois a pesquisa apresenta dados bastante comprovatórios (a vontade de crescer, a necessidade de emprego e a perspectiva de um futuro melhor). A competitividade que se faz presente na sociedade atual, faz com que as pessoas não se sintam tranquilas, ou estáveis tanto econômica como socialmente. Numa empresa você pode a qualquer momento ser substituído pela lei da 'qualidade total'. Por isso é preciso sempre estar buscando meios para crescer e desenvolver sua potencialidades. Uma das entrevistadas explica:

“Quero fazer uma faculdade ainda porque quero ser mais útil às pessoas”.

Na segunda parte de sua fala percebe-se todo um discurso neoliberal inculcado nas pessoas de que 'só se é útil, se você tem estudo', ou ainda de que para ser alguém na vida é preciso ser estudado. Paulo Freire (1997) nega isso, ao mostrar que muitas pessoas sem estudos tem uma visão crítica da vida, sabem ler a vida, tem os olhos e a mente abertos para sempre aprender, se não pelo livro, pela sua própria experiência de vida. Não se quer com isso tirar o valor que o estudo merece, mas sim mostrar que para ser alguém é preciso muito mais do que apenas o estudo.

As pessoas que disseram não continuar os estudos alegam querer apenas terminar o 2º grau ou estão apenas fazendo o curso como exigência no trabalho (15,3%).

(Vide gráfico 07, na próxima página).

Gráfico 07 - Distribuição da População em Relação à Continuidade dos Estudos:

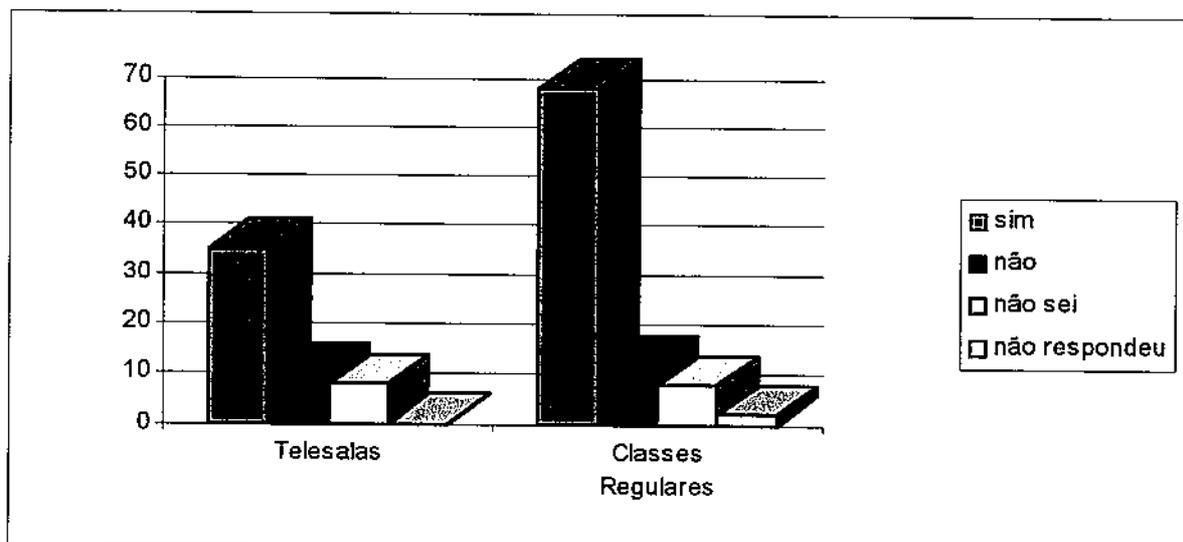


Gráfico 07-a(1999)

Na área educacional, um grande dilema é a forma de se avaliar as pessoas. Muito se fala atualmente em avaliação processual, na qual o educando vai sendo observado no seu cotidiano educacional, nos trabalhos, nas dúvidas e, dessa forma na demonstração de como se dá o seu crescimento intelectual e até mesmo social.

Para qualquer pessoa a palavra **prova** traz um certo receio. Em se tratando de educandos adultos, essa palavra é ainda mais pesada, tendo em vista que estão correndo atrás do tempo perdido e a reprovação significa atraso, perda e até mesmo incapacidade. Significa que toda a esperança depositada no estudo, de nada adianta porque **ele** não é capaz.

Analisando as telesalas percebe-se o nervosismo que os **exames** causam. Em primeiro lugar porque são de múltipla escolha, modelo muito difícil para trabalhar; segundo porque é muito extensa (toda matéria de um semestre) e terceiro porque não existe um modo de recuperação. Se a pessoa reprova significa um atraso de seis meses de dedicação sem contar o trauma pessoal que isso traz. Esses depoimentos ilustram muito bem os pontos colocados até então:

“Saí da telesala porque não conseguia passar naquelas provas.”

“Em sala comum há trabalhos, pesquisas, seminários, enquanto que na telesala só resta a prova.”

Uma senhora explica que abandonou o curso porque estudara muito para a prova de História e quando esta veio, o conteúdo da prova não batia com o conteúdo dado em sala de aula.

“Foi um fracasso. Saí porque não gosto de coisas desorganizadas.”

Um outro ponto conflitante é que as avaliações não são dadas pelos orientadores e sim por fiscais da Secretaria da Educação, o que deixa os alunos mais nervosos ainda. Eles se sentem testados, vigiados, a tensão cresce e fica mais difícil lembrar do que estudou. Uma senhora ao ser questionada sobre seus sentimentos em relação à prova desabafou:

“Quando vejo aquele monte de perguntas com aquelas letritas, parece que tudo que estudei foge da mente.”

“Um dia eu já estava nervosa, o fiscal ainda virou pra sala e disse ‘vixe esse exercício nem eu sei como resolve’. Aí não fiz mais nada”.

Pode-se afirmar que *“há uma propaganda enganosa do produto, já que, terminado o curso de teleducação, o aluno que passou o tempo apenas vendo os programas não consegue passar em nenhum exame, já que , na prática, nada aprendeu.”*(DEMO; 1998:24) Talvez seja necessário exercícios em sala de aula para que os alunos se familiarizem com este tipo de avaliação para que não fiquem tão nervosos frente aos testes. Alguns exercícios do Telecurso 2000, traz do lado a classificação “difícil”, “muito difícil”, “fácil”, “médio”. Para algumas pessoas isso é uma forma de saber até que ponto está conseguindo

resolver os exercícios, mas para a maioria serve como desmotivação, pois se não conseguir resolver nem o fácil é porque não conseguirá fazer o resto.

Gráfico 08 - Distribuição da População de acordo suas Posições em Relação aos Métodos Avaliativos

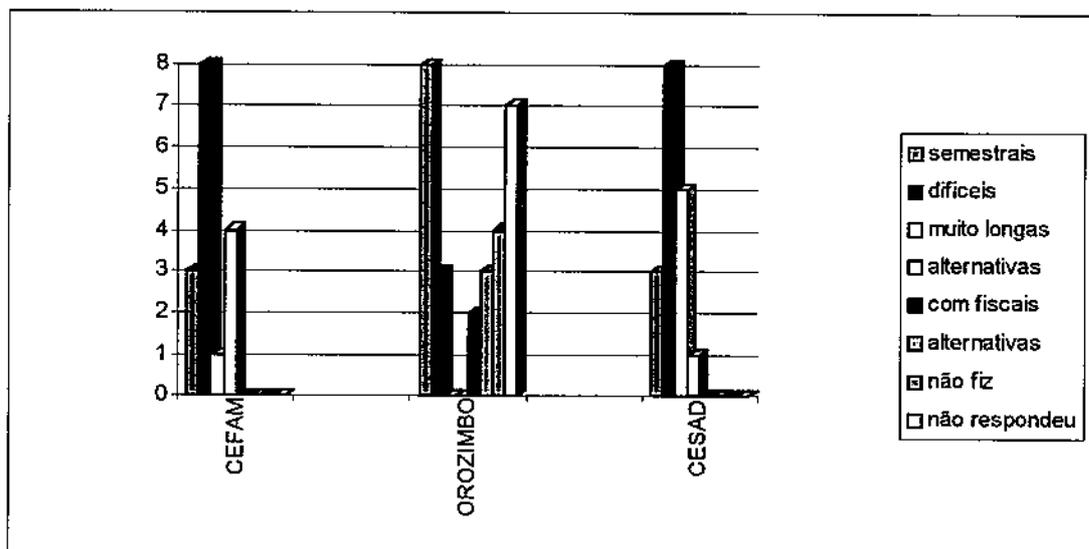


Gráfico 08-a(1999)

Com relação aos sentimentos para com a situação de avaliação a pesquisa revelou os seguintes resultados:

Gráfico 08 B - Distribuição da População de acordo com Sentimentos para com os Métodos Avaliativos

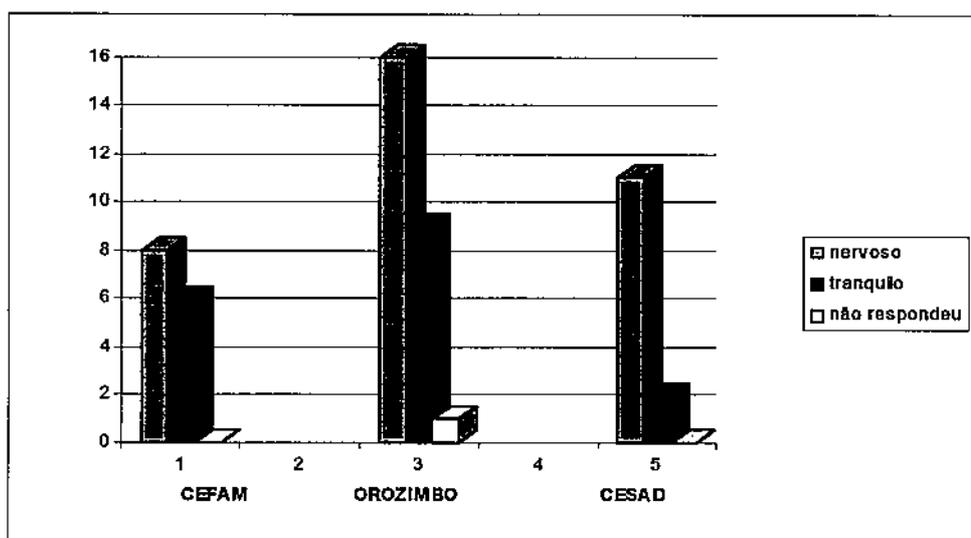


Gráfico 08-b(1999)

Com as classes regulares o problema em relação aos métodos avaliativos são menores, isso porque tem-se avaliações distribuídas em seminários, trabalhos em grupos e individuais, participação em sala de aula e a prova propriamente dita.

Os alunos são categóricos ao afirmar que mesmo assim, quando sabem que é “prova de verdade” dá um frio na barriga. Vejamos os dados abaixo:

Gráfico 08 C - Distribuição da População de Classes Regulares de Acordo com seus Sentimentos Para com os Métodos Avaliativos

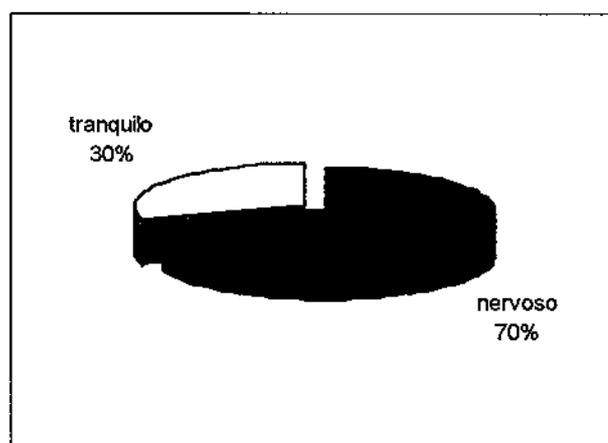


Gráfico 08-c(1999)

Os resultados obtidos com os dados do Gráfico 09 (Formas de Estudo Preferidas) vêm de encontro com idéias já expostas anteriormente na fundamentação teórica. O educando adulto precisa do apoio do professor e de grupos de amigos com quem possa compartilhar suas experiências. Ao serem questionados sobre como preferem estudar, 61% dos educandos de teleaulas preferem em grupo, 22% sozinhos e 16% os dois modos. Como motivos para se estudar em grupo citam: mais idéias(32%), mais diálogo(24%) e um ajuda o outro(44%).

FREIRE (1979, p.96) diz que “...a educação democrática se funda na crença de que o homem não só pode como deve discutir os seus problemas, os problemas de seu País, do seu Continente, do Mundo, os problemas do seu

trabalho, os problemas de sua própria democracia. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que se impõe?

Se é através do diálogo que o ser humano desenvolve suas capacidades de se expor, expor os seus pensamentos e suas dúvidas, como se fará este tipo de educação tão defendida por Paulo Freire se ao invés de pensar o educando apenas recebe o que lhe é imposto? Não seria isto o retorno à educação bancária? Se a sociedade mostra sua preferência pelo diálogo, pela cooperação, pelo grupo, porque cada vez mais se impõe a individualidade, o cada um por si?

DEMO vem reforçar ainda mais este pensamento ao afirmar que *“se um dia houver a possibilidade de estudarmos em rede, ainda assim será necessário o contato humano direto, porque nenhum relacionamento eletrônico substituí a ambivalência humana de tessitura hermeneutica e política.”* (1998:54).

Gráfico 09 A- Distribuição da População Segundo Formas de Estudos Preferidas:

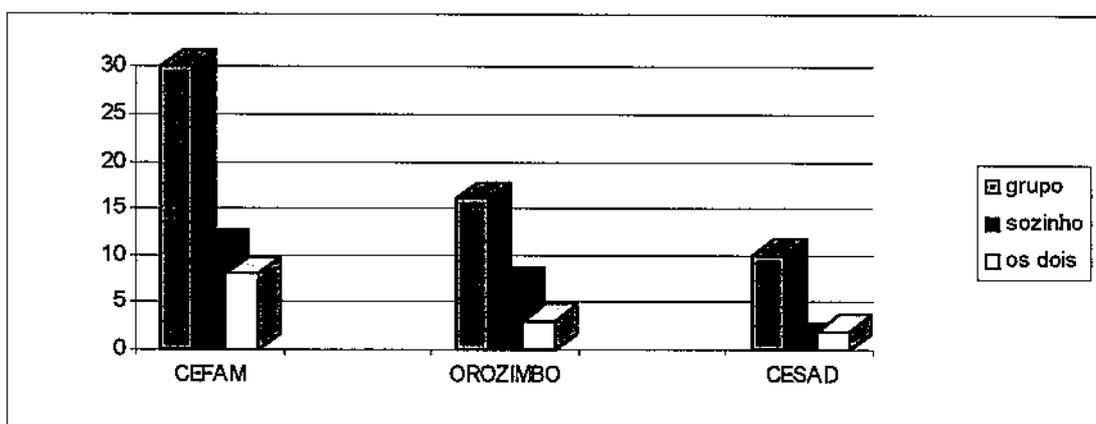


Gráfico 09-a (1999)

Gráfico 09 B - Distribuição da População Segundo Motivos de Preferir Estudo em Grupo:

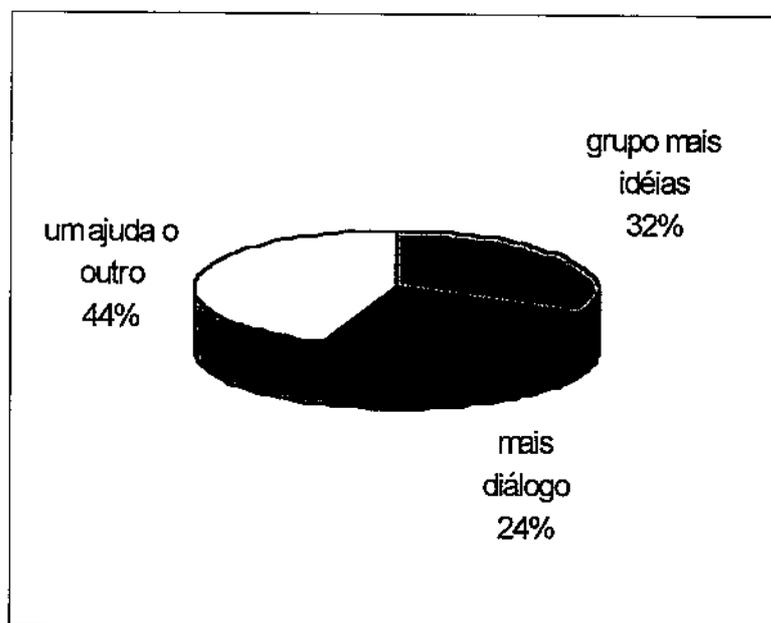


Gráfico 09-b(1999)

Gráfico 09 C - Distribuição da População Segundo Motivos de Preferir Estudo Individual:

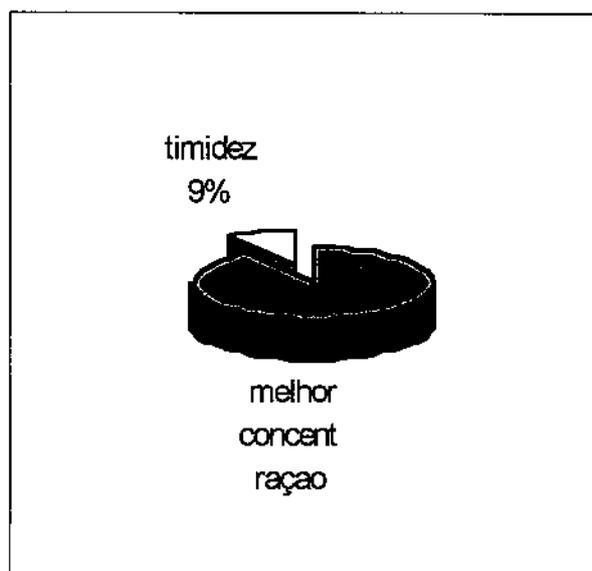


Gráfico 09-c (1999)

Em relação às classes regulares a preferência também é pelo estudo em grupo (58%), porque segundo a maioria “um ajuda o outro”.

Gráfico 09 D - Distribuição da População de Classes Regulares Segundo Motivos de Preferir Estudo em Grupo:

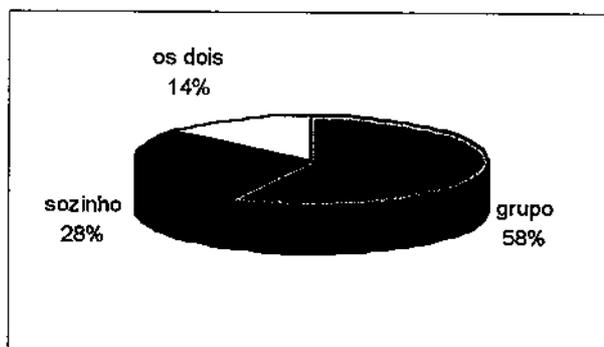


Gráfico 09-d(1999)

Na questão “escolha na modalidade de ensino” as pessoas se sentiram à vontade para expor seus pensamentos. Poucas pessoas aceitaram a telesala como o modelo mais apropriado para educação de adultos. Nas telesalas 82% das pessoas relataram só estar em telesala por não ter conseguido vagas em classes regulares; 11% disseram preferir telesala por não exigir frequência e 7% não responderam.

“Com o auxílio da lousa é muito mais produtivo, você não perde tempo voltando a fita”

Gráfico 10 - Distribuição da População Segundo Critério Escolha da Modalidade de Ensino - Telesala ou Classe Regular:

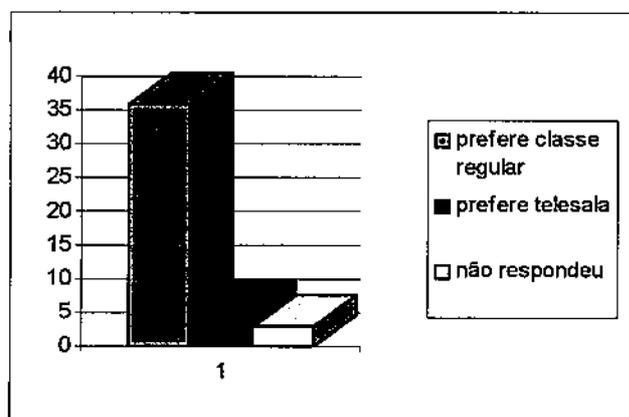


Gráfico 10-a(1999)

Quando questionou-se os motivos para estudar em classes regulares, eles elencaram presença do professor (65%), melhor para acompanhar (8%) e porque não é modular.

“Só estou aqui porque não achei classe normal. A TV dá muito sono.”

Gráfico 10 B - Distribuição da População de Classe Regular Segundo Preferência por Classe Regular:

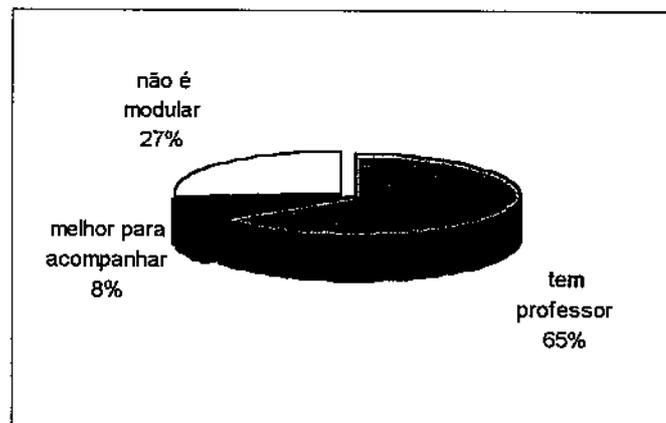


Gráfico 10-b(1999)

Os motivos pelos quais alguns preferem a telesala, não é pela qualidade de ensino, mas por não exigir frequência e por que o ensino regular demora mais.

“A TV não ajuda muito.”

“Telecurso é monótono e cansativo.”

“Estudar sozinho é muito complicado”

Gráfico 10C - Distribuição da População Segundo Motivo de Não Cursar Classe Regular

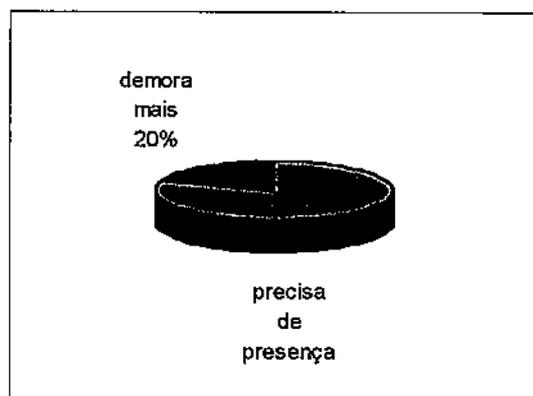


Gráfico 10-c(1999)

O que se pode notar é que as pessoas aceitam as telesalas não por preferência, mas por necessidade como a última alternativa que lhes deram. Eis o desabafo de um senhor sobre como se sente numa telesala:

“Não sei por que fizeram diferença em nós... de colocar a gente em telesala, sendo que há vagas nas salas. A Constituição dá a todos o direito à estudar, então eu quero um professor aqui pra ajudar nós.”

Em relação às classes regulares é clara a preocupação das pessoas em relação à telesala:

“Com aulas e professor já é difícil aprender, de lá só com a televisão.”

“Na minha opinião aprende muito mais na sala comum do que nas telesala”

Gráfico 10 D - Distribuição da População de Telesala Segundo Satisfação em Estudar numa Telesala:

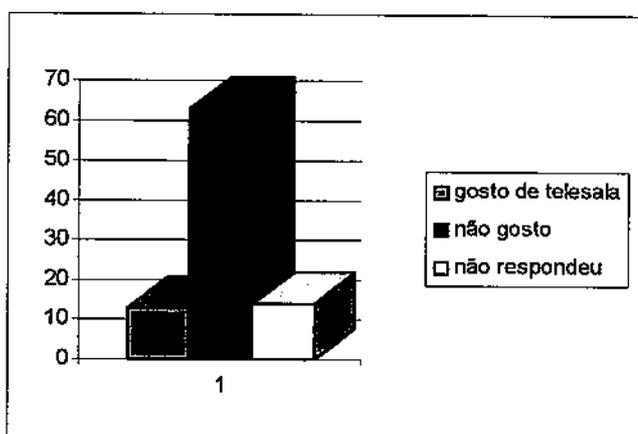


Gráfico 10-d(1999)

A maioria (50%) diz que é mais difícil para acompanhar as aulas, resolver os exercícios e principalmente estudar sozinho;(40%) alega que falta professor nas telesalas e por isso a qualidade de ensino não é boa e 8% diz que é muito corrido.

Este é justamente o motivo pelo qual algumas pessoas prefeririam estudar em telesalas:

“Eu faria telesala porque assim só precisava vir duas horas por dia.”

Algumas pessoas reclamaram do material a ser usado:

“Você já leu? Tem coisa ali que nem gênio entende. E um colega meu que quebrou a cabeça pra resolver o exercício e a resposta do livro tava errada. Isso deixa você doidinho.”

Gráfico 10 E - Distribuição da População Segundo Motivos de Insatisfação com as Telesalas :

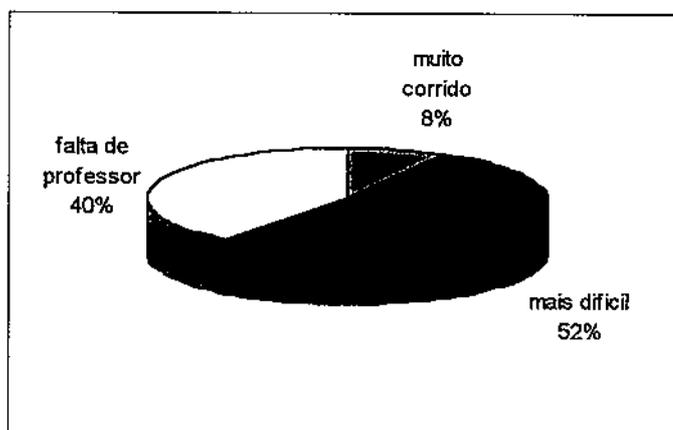


Gráfico 10-e(1999)

Para encerrar as análises comparativas entre as duas modalidades de ensino oferecidos para jovens e adultos cruzar-se-á a fala de um aluno de classes regulares com o olhar de um escritor crítico a fim de refletir-se a respeito:

“Se o professor é bom, o aluno assimila melhor a matéria e não fica refém de apostilas mal elaboradas. Eu acho muito deprimente e humilhante para o nosso povo ter que estudar pela TV sucateando nossas escolas e desprezando nossos professores.”

“Os meios de comunicação estão muito mais a serviço de mercado do que da cidadania. Todos aceitam que a potencialidade instrutiva e até certo ponto educativa dos meios eletrônicos é infinita, de tal sorte que os ricos seriam amplamente recompensados com horizontes abertos.”(DEMO; 1998: 121)

5.3) Analisando o que pensam os professores:

Tabela 01 - Como é elaborado o planejamento da disciplina:

Planejamento	%
Em conjunto com os outros professores da área	25
A partir das dificuldades e interesse dos alunos	50
Mediação entre cronograma e dificuldades dos alunos	25
Total	100

Alguns professores (25%) tentaram unir a importância do que o colega está trabalhando com os interesses da classe. Isso mostra que um professor quando quer pode fazer uso desta flexibilidade no currículo a fim de satisfazer os dois grupos. A maioria (50%) se posicionou levando em consideração as preocupações dos alunos.

Tabela 02- Critérios de avaliação utilizados:

Critérios de Avaliação	%
Provas e Trabalhos	12,5
Seminários e Participação	37,5
Várias atividades conjuntas	50
Total	100

Quanto aos critérios de avaliação houve de tudo um pouco, mas os professores mostraram que ainda não abdicam da prova, até porque lhes é cobrada notas de alguma forma. 50% dos entrevistados juntam várias modalidades para que a avaliação se faça, segundo eles, de forma processual.

Tabela 03 - Metodologia Adotada:

Metodologia Adotada	%
Textos e Debates	25
Exercícios e Explicações no Quadro	37,5
Variadas: trabalhos, exercícios	25
Não respondeu	12,5
Total	100

Foram citados muitos recursos metodológicos, mas 37% dos professores continuam presos às aulas expositivas, com exercícios, explicações e o educando como mero receptor.

Tabela 04 - Mudanças no seu trabalho com o supletivo:

Mudanças no Trabalho com o Supletivo	%
Respeitar mais os alunos	37,5
Não tratá-los como crianças	62,5
Mais abertura aos conhecimentos prévios deles	50
Total	100

As mudanças apontadas foram mais no nível sociológico que metodológico propriamente dita. 62,5% dos professores apontaram como grande problema a falta de um estudo específico para a formação de professores para a educação de adultos.

Tabela 05 - Concepção de Educação:

Concepção de Educação	%
É onde ocorre o processo de ensino aprendizagem	62,5
Tudo que se relaciona à modo de aprender e de se relacionar seja com o conhecimento seja com o ser humano	25
Não respondeu	12,5
Total	100

Sentiu-se que os professores não se sentiram muito a vontade para expor suas idéias acerca de educação. 62,5% relaciona educação com processo ensino aprendizagem. Educação é algo muito mais amplo que esta relação como foi apontado em alguns capítulos atrás. (ver fundamentação teórica).

Tabela 06 - Concepção de Aluno:

Concepção de aluno	%
É o indivíduo com o qual vamos trabalhar a fim de crescer mental e socialmente	37,5
É aquele tem desejo de aprender	25
Não respondeu	37,5
Total	100

A idéia de aluno em 37,5% perpassa pela questão de crescimento. O aluno vai a escola para crescer, não se falou sobre compartilhar experiências, sobre vivenciar situações novas, de forma que se faz necessária repensar essa concepção para poder realizar um trabalho crítico de transformação ao invés de reprodução.

Tabela 07- Relação professor aluno em sala de aula:

Relação Professor Aluno	%
Boa	75
Boa com alguns problemas	25
Total	100

75% dos professores apenas classificaram sua relação com os alunos de boa; alguns se mostraram com problemas de relacionamento com alguns alunos ditos, "mais rebeldes". Precisava-se analisar com mais cautela o que significa "rebeldia": será um aluno intransigente ou um aluno que não se faz passivo, que questiona, opina, pergunta e por isso mesmo é tido como "rebelde"?

Tabela 08- Relação aluno - aluno em sala de aula:

Relação aluno - aluno	%
Importante para o crescimento	87,5
As vezes é inoportuno	12,5
Total	100

Aqui, mais uma vez tem-se a prova da importância do contato entre as pessoas. A troca de experiência, o compartilhar das dúvidas, o discordar, tudo leva ao crescimento do educando adulto e o enriquecimento tanto deles, quanto do professor. 87,5% apontaram como muito importante, o que vem confirmar as idéias apresentadas neste trabalho.

Tabela 09- Papel do Professor em Classe:

Papel do Professor	%
De orientar, explicar e esclarecer dúvidas sobre a matéria	37,5
Promover oportunidades para que ocorra a busca pela aprendizagem	62,5
Total	100

A maioria, 62,5% vê o professor como função principal de promover oportunidades de aprendizagem. Isto é, até certo ponto muito bom, pois o professor não pode simplesmente se julgar o detentor do saber e impor ou entregar tudo pronto a eles. Por outro lado, observando a tabela 03 ve-se logo uma discordância de dados, pois como um professor pode querer oportunizar a aprendizagem com exercícios no quadro e explicações?

Tabela 10- Dificuldades enfrentadas:

Dificuldades enfrentadas	%
Lidar com todas as diferenças	50
Falta de Formação para trabalhar com adultos	62,5
Lidar com a bagunça	12,5
Total	100

Como foi apontado alguns itens atrás a falta de uma formação para os professores é muito importante e foi reclamada por 62,5% deles. É preciso mais do que nunca lutar para que se faça uma política para educação de adultos, pois enquanto estiver sem um rumo certo, o que se terá de palpável serão os esforços de alguns professores em dar o melhor de si para que seus alunos consigam aprender.

Tabela 11 - Pontos Positivos e Negativos:

Positivos	%	Negativos	%
Maiores debates	25	Aulas Noturnas	62,5
Sabem porque estão aqui	37,5	Cansaço deles e nosso	100
Querem aprender	25		
Total	100		100

Detalhe importante é que foram arrolados mais pontos positivos do que negativos e os negativos têm mais a ver com fatores externos aos alunos, enquanto os positivos têm a ver com eles mesmos.

Tabela 12 - Opinião acerca de telesala:

Telesala	%
Não sou favorável	87,5
Sou favorável	12,5
Total	100

Constatou-se que 87,5% dos professores não são a favor das telesalas, por uma série de motivos, entre eles:

- O educando adulto precisa de um contato direto tanto com o professor quanto com os seus companheiros;
- Os programas já prontos deixa a desejar no que diz respeito a trabalhar a realidade do educando. Neste caso a aprendizagem não estaria sendo feita com ele, mas apenas para ele;
- Como as fitas de vídeo são muito resumidas e o tempo é mais limitado os alunos tiram menos proveito das aulas;
- Ao se delegar a educação de adultos às telesalas, sejam elas em empresas ou escolas, estão tirando do professor a incumbência de educar. Aceitar a telesala é negar todo um processo histórico de ser professor;
- Nem todas as escolas possuem a infraestrutura necessária para se implantar uma telesala;
- A presença não obrigatória é outro agravante, pois se o aluno não tem tempo para estudar fora da escola, sem precisar aparecer, como vai ficar?

Os que são a favor da telesala apresentaram as seguintes justificativas:

- É preciso acompanhar a modernidade;
- Seria menos trabalho para o professor, pelo fato de já se ter um programa montado e as provas não seriam realizadas por eles;

- É um espaço muito importante para os adultos que precisam correr atrás do tempo perdido e que não dispõe de tempo para estudar em ambiente presencial.

Tabela 13- Se estudarem sozinhos os alunos vencem os estudos

Os alunos vencem sozinhos	%
Não	75
Sim	25
Total	100

75% dos professores não acreditam que um adulto consiga vencer sozinho os estudos. **“Eles acabam sucumbindo aos problemas do dia a dia e estudar vai ficando sempre relegado a segundo plano. O sono, o cansaço falam mais alto. Aqui já é difícil, imagine em casa, sozinho. E as dúvidas, as dificuldades? Tem uma hora que a presença de um professor se faz necessária, seja para esclarecer dúvidas, seja para apoiar e não se deixar desistir.”**

Tabela14 - Maiores dificuldades dos adultos ao retornar aos estudos:

Dificuldades dos alunos	%
Conciliar trabalho-estudo	75
Encontrar tempo para estudar	25
Família	25
Cansaço	62,5
Total	100

Os dados vão de encontro com os arrolados pelos educandos.75% consideram que conciliar trabalho e estudo seja a maior dificuldade do jovem adulto.

Tabela 15 - Como lida com as dificuldades dos alunos:

Como lida com as dúvidas dos alunos	%
Estou sempre a disposição	100
Busco coisas novas	37,5
Peço que pesquisem e juntos discutimos	37,5
Total	100

O estar à disposição, apontado por 100% dos entrevistados, pode ser interpretado de muitas maneiras: se fazer acessível, estar aberto às perguntas, auxiliar dentro e fora da sala, mas como observou-se em alguns gráficos, os alunos reclamaram da falta dessa abertura por uma pequena parte de professores.

O item “buscar idéias novas” deixa implícito um trabalho do professor em pesquisar, em buscar coisas para que o aluno consiga apreender o que ele está tentando transmitir, decisão contrária à de pedir que eles pesquisem para que discutam em casa os resultados. A idéia conjunta dessas duas ações torna o trabalho interessante e atrativo, mas demanda tempo, item muito reclamado pelos dois grupos: educadores e educandos.

5.4) Analisando o que pensam os Orientadores de Aprendizagem:

Dos 06 orientadores entrevistados, não houve um consenso sobre telesala: 33,3% acredita que é muito boa, 16,6% preferiria continuar usando os métodos antigos e 50% optaram por unir os dois recursos.

“Se você deixa de utilizar o quadro os alunos ficam meio perdidos, não entendem. Faço da TV um recurso, mas na verdade atuo muito mais como professor do que como orientador.”

Quando questionados sobre concepção de aluno e de educação 33,3% tentou responder e alegou não ser da área educacional propriamente dita (era formado em História e Engenharia de Alimentos); 66,6% disseram que para ser orientadores **“não é necessário ter essas concepções por que você não atua como professor. Você é apenas um auxiliar que põe as fitas e tira esta ou aquela dúvida”**.

Apenas 16,6% afirmou trabalhar com uma certa metodologia e 66,6% afirmaram que o preparo recebido para atuar em telesala é excelente. 33,3% alegou não ter recebido preparo nenhum. **“O que aprendi sobre telesala foi através da Internet”**.

66,6% afirma ser difícil adequar os programas à realidade do educando, mas as fitas trazem mensagens e histórias relacionadas a problemas do dia a dia, o que já é algo bom; 33,3% não acha necessária tentar esta adequação. **“Nem em classe regular isso é feito!”**

83,3% alegaram que é impossível medir o grau de desistência visto que a frequência não é obrigatória, mas concordam que o número de frequentadores é muito baixa. **“Talvez prefiram estudar pela televisão em casa”**

33,3% afirmaram que os alunos têm condições de aprender sozinhos; já 66,6% acredita que não. **“Eles precisam de alguém para discutir e tirar suas dúvidas. É pra isso que estamos aqui.”**

De acordo com os dados apresentados, percebe-se que os Orientadores de Aprendizagem estão muito divididos, nem eles mesmos estão certos de que a telesala é um caminho viável para a educação de jovens e adultos.

“Eu às vezes sinto vontade de usar a lousa, acho mais fácil e rápido, mas não posso porque eu estaria tirando a função da telesala.”

VI) CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Chegando ao fim desta pesquisa não espera-se que a educação à distância deva ser posta de lado e esquecida. Os novos paradigmas chegam conforme as mudanças que a sociedade sofre. A educação à distância é uma forma de progresso, mas fica perceptível que precisa ser orientada para uma utilização mais adequada.

O próprio presidente da ABT - Associação Brasileira de Teleducação - se mostra preocupado em relação a certos pontos como:

1. formas criativas para atender as necessidades diversas da nossa realidade;
2. mais seriedade nas suas proposições por parte daqueles que se prontificam a ministrar cursos à distância;
3. permitir um contato face a face entre Professor/ Aluno que se para algumas carreiras é dispensável, para outras é fundamental.

Esta última preocupação é justamente a preocupação desta pesquisa. A educação, no Brasil está precisando de uma reorganização, principalmente no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos, mas uma coisa fica clara, não se pode dispensar a presença do professor que é de fundamental importância para estas pessoas.

Precisaria-se de um estudo mais amplo sobre as novas leis que regulamentam o supletivo à distância, visto que um grande número de entrevistados alegou não "poder" mais frequentar o supletivo comum devido a idade superior a 28 anos. Onde isso está escrito? Ninguém soube informar.

O telecurso com suas aulas rápidas dificultam o acompanhamento por parte daqueles que passaram muito tempo sem estudar. Se os meios de comunicação forem utilizados como um recurso a mais para o professor, como fonte de pesquisa rápida e prática para o educando, terá muito mais utilidade

do que do modo como vem sendo utilizado. Os poucos entrevistados deram os seus gritos, fizeram suas reclamações e quando se pergunta porque estão em telesalas a resposta é direta **“porque foi nossa única escolha possível”**.

Talvez seja esse o caminho para educação à distância, pelo menos no que diz respeito à educação supletiva, pois para o educando adulto torna-se praticamente impossível o “ensino à distância”.

Fica aqui o convite, para os interessados, a uma pesquisa mais elaborada em torno deste tema tão interessante e complexo que é a teleducação no ensino supletivo.

VII) BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Alfredo Dias d', **Ensino Supletivo pela TV: um potencial mal aproveitado**. Cardenos de Pesquisas, São Paulo p.66-71/1988.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O Ensino Noturno no Estado de São Paulo: Um pouco de sua história e seus problemas**. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, Editora Cortez, Agosto/ 1988 nº. 66 p. 49 a 62.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **O lugar da Afetividade e do Desejo na Relação ensinar-aprender**. Temas em Psicologia(1993) Brasília.p.31-44.

BASE para a competitividade. File A Competitividade.html. 1998

BEISIEGEL, C.R. **A Educação de Adultos no Estado de São Paulo**. São Paulo, 1972. Tese (Doutor) F.E./ USP.

BLOIS, Marlene M. **Educação à Distância via Rádios e TVs Educativas: questionamentos e inquietações**. Revista Em Aberto, Brasília, nº 70/ 1996, p.42-50.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2º, Belo Horizonte, M.G.1997.

COSTA, Antônio Luiz de Macêdo. **Educação à Distância: uma alternativa para o fortalecimento do ensino municipal**. Tecnologia Educacional - Rio de Janeiro - v.22. p.42-45/ 1994.

DEMO, Pedro. **Questões para teleducação**. Editora Vozes - Petrópolis - 1998.

DI ROCCO, G.M.J. **Educação de Adultos: uma contribuição para seu estudo no Brasil**. Edições Loyola: São Paulo, 1979.

DIÁRIO OFICIAL, Imprensa Nacional, Brasília 11/ 02/1998.

EDUCAÇÃO à distância para a cidadania. File Educação à distância - IBASE.html - 1998

EDUCAÇÃO continuada, caminho para a Cidadania. File A educação.html.1998

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **A atividade Docente no Telensino Cearense**. [s.n.t.]

FERNANDES, Teleducação - **Sinônimo de Democracia. Tecnologia Educacional** - V.22/ 1993 p.3-8 [s.l.].

FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação(diálogo)** - Editora Paz e Terra, vol. II, Coleção Educação e Comunicação - Rio de Janeiro, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** - Editora Paz e Terra - 24ª edição, Rio de Janeiro, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática Para a Liberdade** - Editora Paz e Terra, 9ª edição, Rio de Janeiro , 1979.

GARCIA, Walter E. **Educação à Distância: Desafios na Virada do Século**. Revista Tecnologia Educacional - v. 26, Set 1998.

- GIUBILEI, Sonia . **Trabalhando com Adultos, Formando Professores.**
Campinas, São Paulo; Faculdade de Educação da UNICAMP; 1993.
200p. (Tese de Doutorado).
- GONÇALVES, Consuelo T. F. **Quem tem Medo do Ensino à Distância.**
Educação à Distância, nº7-8, 1996, INED/IBASE .
- GUILBERT, Arlete de Azevedo Paula. **Educação à Distância e Formação Profissional.** Tecnologia Educacional - Rio de Janeiro - v.18. p.49-56/ 1989.
- HADDAD, Sérgio. **Ensino Supletivo no Brasil, o estado da arte.** Brasília; REDUC/INEP,1987.
- KIDD, J.R. **El Proceso del aprendizaje: como aprende el adulto,** Buenos Aires, 1973.
- KRUPPA, Sonia Maria Portella. **Educação Popular de Jovens e Adultos - Difícil Construção de Uma Política.** [s.n.t.]
- LEOBONS, Solange Gerardin Poirot. **Educação à Distância: metodologia e aplicação no Ensino Básico.** Tecnologia Educacional - Rio de Janeiro - v.18. p.13-18/ 1989.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Democratização da Educação: ensino à distância como alternativa.** Tecnologia Educacional - Rio de Janeiro - v.18. p.09-12/ 1989.
- LUDOJOSKI, Roque; **Andragogia - educacion del Adulto,** Buenos Aires, Guadalupe, 1986.

- MUCCHIELLI, Roger. **A Formação de Adultos** - Editora Martins Fontes - 1ª edição, 1981.
- NEVES, Carmem M.de Castro. **O Desafio Contemporâneo da Educação à Distância**. Revista Em Aberto, Brasília, nº 70/ 1996, p.34-41.
- NORBECK, Johan. **O educando adulto**. In: GUSMÃO, Maria José de e A . J. Gomes Marques. Educação de Adultos. Braga: Barbosa e Xavier, 1978
- NUNES, Ivônio Barros. **Educação à Distância e o Mundo do Trabalho**. Tecnologia Educacional - Rio de Janeiro - v.21. p.73-84/ 1992.
- NUNES, Ivônio Barros. **Noções de Educação à Distância**. File in www.IBASE.org.br/INED/IVONIO.html. 1998.
- OLIVEIRA, João Batista de Araújo e. **A Efetividade de Estudos de Custo-Efetividade em Teleducação**. Seminário de Transferência de Tecnologia em Projetos de Teleducação na América Latina, São Luiz, 1978.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos: contribuição à história da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Loyola, 1987.
- PALLADINO, Enrique. **Educacion de Adultos**. Buenos Aires: Humanitas, 1989.
- PINTO, Ávaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1982.

POPPOVIC, Pedro Paulo. **Educação à Distância: problemas da incorporação de tecnologias educacionais modernas nos países em desenvolvimento.** Revista Em Aberto, Brasília, nº 70/ 1996, p.5-8.

RAMOS, Marília Lucinda Grangeia, **Desenvolvimento de Recursos Humanos e Educação à Distância: novos desafios.** Tecnologia Educacional - Rio de Janeiro - v.20. p.24-26/ 1991.

RIBEIRO, Vera M. Masagão (Coordenadora). **Educação de Jovens e Adultos - Proposta Curricular para o 1º Segmento do Ensino Fundamental - MEC/ Ação Educativa - São Paulo / Brasília - 1997**

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** - Editora Vozes - 14ª edição, Petrópolis, 1991.

SÃO PAULO, Conselho Estadual de Educação, Pareceres nº 1070/76, nº77/77, nº158/77, nº2079/82, nº346/89.

_____, Secretaria de Estado da Educação, Lei estadual nº 76 de 23 de fevereiro de 1948; Lei estadual nº 10.125 de 05 de junho de 1968; Decreto Estadual 52.324 de 07 de outubro de 1969; Resoluções nº312/84, nº14/91, nº285/91.

SARAIVA, Terezinha. **A utilização em Educação à Distância: realizando as intenções.** Tecnologia Educacional - V.22/ 1995 p.31-34. [s.l.]

_____, Terezinha. **Educação a Distância no Brasil: lições da História.** Revista Em Aberto, Brasília, nº 70/ 1996, p.17-27.

TORRES, Eliane Aparecida. **Uma Abordagem sobre Ensino Supletivo.**
Campinas, São Paulo; Faculdade de Educação da UNICAMP; 1997.
189p. (Tese de Mestrado).

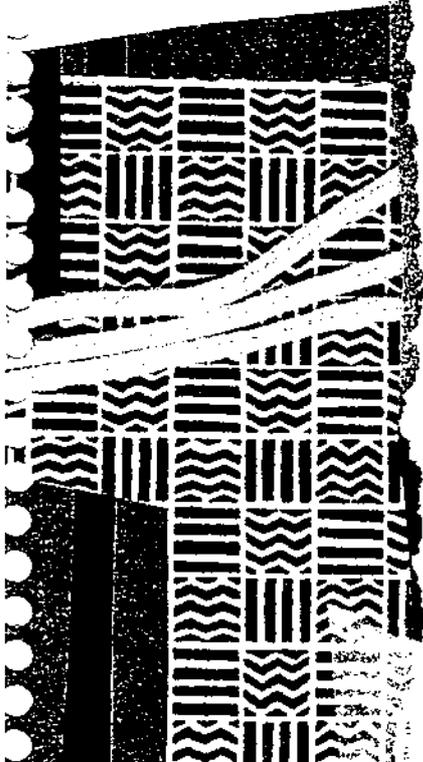
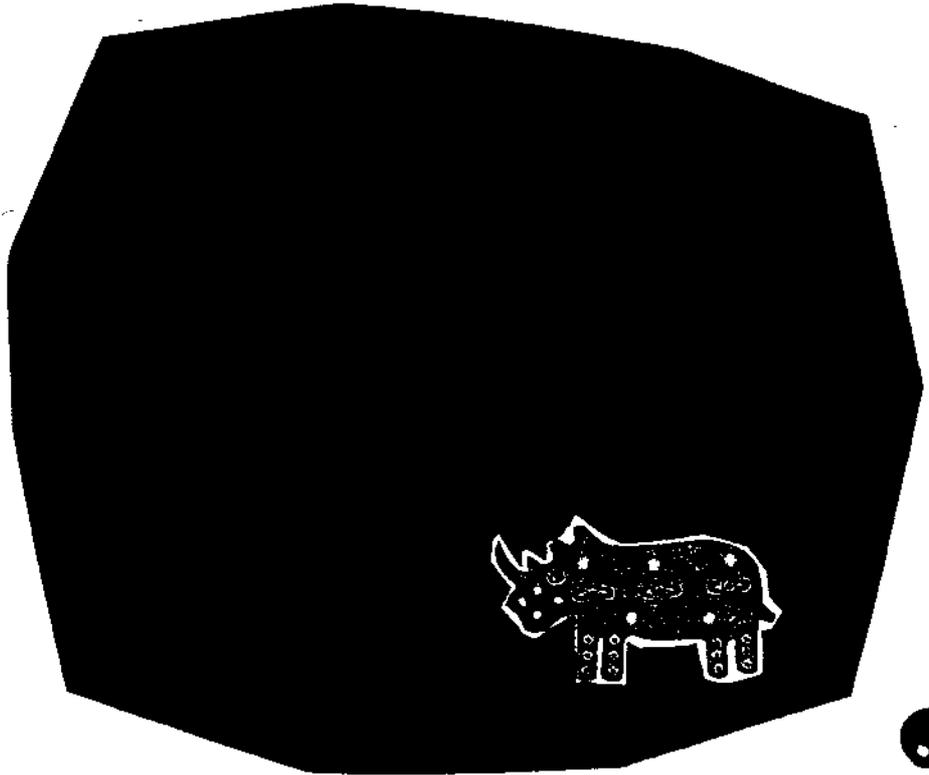
VILLANUEVA, Pilar. *La Educacion del adultos hoy. Necesidad y perspectiva de cambio.* Valencia, Espanha, Promolibro, 1987.

ANEXOS

EDIÇÃO ESPECIAL JULHO 1998

7495

TV ESCOLA



MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



351

REVISTA DA

Ano 1 Nº 1 setembro/outubro 1995 ISSN 0104-9747

ITATI encola

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO, INCVACAO E AVALIACAO EDUCACIONAL - SEDIAE

Caro leitor

Nosso País, com as dimensões continentais que possui e com a variada gama de problemas que se acumulam na área educacional, não poderia mais ignorar as grandes possibilidades da televisão como veículo de educação. Por isso, desde o primeiro momento, o presidente Fernando Henrique tem demonstrado enorme interesse em sua utilização como apoio à formação dos professores e às atividades em sala de aula.

É, portanto, com grande alegria, que concretizamos essa idéia através de um canal de televisão, totalmente voltado para a educação: a TV Escola, que a partir de agora passa a existir como um importante aliado dos milhões de profissionais que, Brasil afora, lutam pela melhoria da qualidade do ensino.

A TV Escola não chega para substituir os professores. Ao contrário, ela deverá ampliar os instrumentos com os quais os professores poderão contar para aprimorar seus próprios conhecimentos e, por outro lado, para enriquecer o universo de aprendizagem de seus alunos, dentro do espaço escolar.

Ao iniciar suas atividades, a TV Escola estará emitindo, diariamente, quatro horas de programação educativa, repetidas em três horários distintos no decorrer do dia. Os programas serão gravados pelas escolas, formando assim um rico acervo para utilização dos professores.

A *Revista da TV Escola*, que ora o Ministério da Educação e do Desporto coloca em suas mãos, visa subsidiar a utilização dos programas educativos, auxiliando-o a tirar o máximo proveito das transmissões da TV Escola, na perspectiva de estabelecermos parceria na consecução da tarefa de elevar a educação aos necessários patamares de universalização e qualidade.

Atenciosamente,

PAULO RENATO SOUZA
Ministro de Estado da Educação e do Desporto

O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A TV ESCOLA

ENTREVISTA

Um canal de TV foi criado especialmente para a educação. É o primeiro passo para a constituição de um sistema nacional de educação à distância, revela nesta entrevista a professora Maria Helena Guimarães de Castro, secretária de Desenvolvimento, Inovação e Avaliação Educacional do MEC



Revista da TV Escola – O que levou o MEC a criar a TV Escola?

Maria Helena Guimarães de Castro – A criação da TV Escola responde a duas grandes diretrizes estabelecidas no programa de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. A primeira delas é o compromisso com as ações voltadas para a valorização do Magistério, uma vez que nossa programação irá priorizar a capacitação e formação continuada dos professores das redes públicas de educação básica. A segunda diretriz está compromissada com a melhoria da qualidade do ensino. Aqui a TV Escola entra como um recurso de apoio à sala de aula, oferecendo programas de qualidade que complementem o trabalho do professor e auxiliem no processo

de ensino-aprendizagem. A programação educativa, através da televisão e acompanhada de material impresso, permitirá estabelecer formas criativas de interação entre professores e alunos. Isso irá criar condições para a construção de uma nova pedagogia compromissada tanto com o processo de aprender a aprender com prazer e entusiasmo quanto com o sucesso do aluno e com a educação de qualidade. O Governo Federal acredita que a TV Escola é um instrumento importante de apoio aos Estados e municípios na caminhada em favor da melhoria da qualidade da educação. Por isso estamos abertos a receber sugestões dos Estados e dos municípios e da sociedade em geral no sentido de fazer da TV Escola um canal

de comunicação permanente com alunos e professores.

RTV Escola – Quantos alunos e professores serão beneficiados com a TV Escola?

Maria Helena – Inicialmente serão beneficiadas 30 mil escolas públicas do País com mais de 250 alunos. Com isso o MEC estará atingindo cerca de 20 milhões de alunos do Ensino Fundamental e 800 mil professores. No início de 1996, a TV Escola deverá atingir as escolas públicas com mais de 150 alunos.

RTV Escola – Como a escola vai se equipar para receber a TV Escola?

Maria Helena – O MEC está repassando recursos para que isso seja possível. Cada escola recebe 1.500 reais, para

que possa adquirir o *kit* tecnológico, composto por um aparelho de TV, um de videocassete, uma antena parabólica e uma caixa com 10 fitas de vídeo. Os recursos são oriundos da cota federal do salário-educação, que é vinculada ao Ensino Fundamental. Em contrapartida à ação do MEC, cabe aos Estados e municípios a responsabilidade de arcar com os gastos de instalação, manutenção e segurança dos equipamentos. As escolas receberão do MEC o material impresso que acompanhará os programas veiculados pela TV Escola. Esse material é essencial para assegurar resultados mais efetivos na utilização dos programas de educação à distância. Outro ponto importante a destacar é o repasse direto de recursos para as escolas iniciado pelo MEC/FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), o que assegura maior autonomia financeira às escolas. Os programas transmitidos pela TV Escola serão gravados com as fitas compradas pela escola, que vai poder assim organizar a sua própria videoteca, para utilização dos professores e dos alunos.

RTV Escola – Como será a transmissão dos programas?

Maria Helena – A transmissão dos programas será através de um canal criado especialmente para veicular a programação da TV Escola, via satélite, em circuito fechado. A rigor, a programação só será captada através de antena parabólica. Entretanto, acreditamos que muitas TVs educativas terão interesse em estabelecer parcerias com o MEC, incluindo alguns programas da TV Escola em sua grade de programação, em circuito aberto, de modo a atingir seu público regional.

RTV Escola – E a programação?

Maria Helena – A programação inicial, em caráter experimental, terá quatro horas de duração e será repetida três vezes por dia. A grade de programação terá duas horas diárias dedicadas à formação e capacitação dos professores e diretores das escolas. Três aspectos principais serão enfocados, como questões de ensino-aprendizagem das disciplinas Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, temas relacionados ao livro didático

co e ao estímulo à leitura. Haverá ainda programas dedicados sobretudo aos diretores, que enfatizam a importância da gestão escolar mais autônoma, participativa e eficiente. O importante é contribuir para o debate e a formação de uma nova cultura, que privilegie a formação em serviço e se volte para o conjunto da comunidade escolar, composta por pais, professores, diretores, funcionários e alunos. Outras duas horas de programação diária serão destinadas a servir de apoio à sala de aula, além de contribuir para a formação de cidadãos plenos, objetivo maior de uma educação séria, comprometida com o conjunto da sociedade brasileira.

RTV Escola – As escolas irão receber orientações para trabalhar com a TV Escola?

Maria Helena – O ideal é que cada escola desenvolva um trabalho em equipe, sob a liderança dos professores, para organizar a recepção dos programas. Já existem, em todos os Estados, equipes de supervisão de educação à distância, responsáveis pela recepção organizada, acompanhamento e avaliação do programa *Salto para o Futuro*. Essas equipes deverão, em conjunto com técnicos das DEMECs (Delegacias do MEC), dar orientação para a utilização dos programas da TV Escola. De toda forma, é fundamental que os gestores responsáveis pelas redes estadual e municipal de ensino mobilizem os profissionais de educação para a utilização adequada da programação, assegurando condições de trabalho propícias ao seu aproveitamento. Quando possível, a escola deverá encarregar um funcionário para gravar e organizar os programas televisionados e oferecer treinamento adequado ao cumprimento dessa tarefa. Da parte do MEC, estaremos oferecendo assistência técnica aos Estados e municípios, no sentido de orientá-los na utilização, acompanhamento e avaliação dos programas. Os professores receberão orientação das equipes estaduais de supervisão de educação à distância e, a médio prazo, espera-se que as secretarias estaduais e municipais de Educação estabeleçam convênios com as universidades mais próximas para o treinamento de monitores, acompanhamento e avaliação da utilização dos programas.

RTV Escola – Os professores, em geral, trabalham muito. Como irão encontrar tempo para fazer o curso de atualização da TV Escola?

Maria Helena – Este ponto é essencial. Só é possível avançar o processo de melhoria da qualidade de ensino se houver um claro compromisso dos três níveis de governo com a valorização do Magistério, o que significa investir em plano de carreira e salários dignos. Uma educação de qualidade supõe que os professores tenham tempo disponível (previsto no plano de carreira) para capacitação e formação continuada em serviço. Trata-se de um batalha que todos nós, empenhados na construção de um sistema educacional efetivo, deveremos enfrentar. Não é possível falar em qualidade ignorando a necessidade de repensar a política educacional do País. Neste sentido, cabe aos gestores das redes estadual e municipal assegurar condições favoráveis à utilização dos programas da TV Escola. Sabemos que isso é um processo e que não acontece de um dia para o outro. O importante é começar a mostrar que todos, alunos, professores, diretores, funcionários, pais e comunidade, estamos levando a sério a educação que é, sem dúvida, a política prioritária na construção de um país mais justo e moderno.

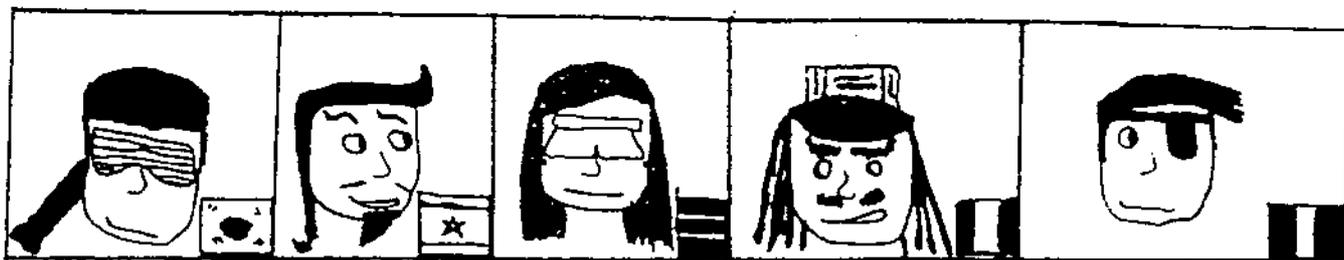
RTV Escola – O que mais se pretende fazer para a educação à distância no País?

Maria Helena – Há, ainda, muito por fazer. É preciso investir em programas de apoio ao ensino médio e profissionalizante e em telecuriosos que possam eventualmente contribuir para a expansão do acesso ao sistema. É preciso desenvolver programas de formação inicial à distância, instituindo em parceria com as universidades cursos de graduação e extensão que contribuam para a qualificação profissional. É preciso investir pesadamente em programas de informática educativa, que certamente irão revolucionar nosso sistema de ensino, ainda preso a uma certa concepção pedagógica tradicional. Temos de estar atentos à necessidade de incorporar recursos tecnológicos disponíveis ao dia-a-dia da escola e, mais que isso, as inovações educacionais exigidas pelo mundo moderno.

PARABÓLICA DO MUNDO

Isa Grinspum Ferraz

Videoeducação é muito mais do que apenas ver televisão



O professor Antônio Cândido disse certa vez, em um programa de televisão, que na sua opinião os meios de comunicação de massa modernos são uma estranha forma de educação. Em um mundo onde as crianças podem, ao voltar da escola, ligar a TV e conhecer assim todos os dramas que os homens têm vivido – as guerras, gente morrendo de fome, a injustiça social –, algo de novo deverá surgir: uma nova consciência humanitária, um movimento de toda a sociedade indignada, disposta a lutar por um mundo melhor.

A mídia, principalmente a televisão, tem, de fato, um enorme impacto no Brasil. Por isso mesmo, ela tem um importante papel a cumprir como instrumento de educação. Educação no sentido amplo, que permite descobrir ligações entre os fatos, pistas, caminhos.

A televisão torna possível que homens de todas as partes do mundo se conheçam, saibam de suas diferenças e possam aceitá-las. Os recursos da imagem e do som, assim como as novas tecnologias que vêm sendo criadas pelos homens, ampliam-se a cada dia e possibilitam que a televisão traga até nós, com muita rapidez, uma imensa quantidade de informações sobre as mais variadas áreas do conhecimento, como nas Ciências, na Matemática, na História e na Geografia. Tudo em nossa casa. Ou em nossas salas de aula, com um simples girar de botão.

Hoje a educação à distância é uma prática muito difundida em quase todo o mundo. Dezenas de experiências vêm sendo realizadas em vários países e por diferentes motivos. No Canadá, por exemplo, a principal razão que levou à criação de um poderoso sistema de videoeducação foi a enorme extensão de seu território e o fato de que grande parte dele passa alguns meses do ano inteiramente coberto de gelo, o que dificulta o deslocamento das crianças até as escolas. Em países como a Índia, a questão crucial está ligada ao enorme contingente de sua população e à dificuldade de oferecer para todos uma educação de boa qualidade. Em um e em outro caso, a televisão faz chegar aos lugares mais longínquos informações de alta qualidade.

Mas a videoeducação não é apenas uma espécie de remédio para resolver problemas que também ocorrem no Brasil, em

função de seu enorme território e das dificuldades pelas quais a educação vem passando. Além disso, a videoeducação pode tornar acessível aos professores e alunos conteúdos e procedimentos que reforcem o amor pelo conhecimento e um desejo de criatividade para enfrentar com autonomia e liberdade os desafios que a vida apresenta.

A TV pode e deve ser utilizada como meio de democratizar o saber. Se se tira vantagens da familiaridade que toda a população brasileira já tem com o veículo, a televisão torna-se uma grande aliada. No contexto da escola, o meio se transforma. Muitas janelas se abrem para auxiliar os professores na tarefa cada dia mais difícil de ensinar, já que hoje a informação se renova e se acumula com grande velocidade. Além disso, a televisão pode ajudar a preencher lacunas na formação básica de muitos professores.

As possibilidades do uso da programação são várias. No entanto hoje sabemos com segurança que o tipo de experiência que a televisão propicia é de natureza muito diferente da experiência direta com as coisas. As imagens da TV passam muito rapidamente e há sempre muitas coisas que dispersam a nossa atenção. Assim é preciso considerar que quando falamos de videoeducação devemos ter sempre em mente um sistema que inclui muito mais do que apenas "ver televisão". São necessários outros recursos materiais complementares, essenciais para sedimentar e aprofundar os temas tratados.

O educador Darcy Ribeiro costuma dizer com entusiasmo: "Meninos, eu vi. Lá fora as escolas se encheram de milhões de cintilantes aparelhos de TV que extasiavam seus estudantes e professores". Para ele, esse é um procedimento necessário em países como o nosso, que se atrasaram na estruturação de seus sistemas educacionais básicos. É válido, sobretudo, para a formação e o aperfeiçoamento do Magistério, ponto considerado mais importante – "o músculo e o nervo da educação" – nas palavras de Darcy Ribeiro.

Porém, tudo o que a TV – janela aberta para o mundo – pode propiciar só ganha significado quando diante dela temos crianças e adultos aptos para selecionar criticamente as informações veiculadas.

Avaliação de Português
(referente às aulas 12-23 da apostila)

Instruções: Esta prova é dissertativa. Escreva as respostas em ordem numérica na folha anexa, com nome e turma. Boa Prova!

1. Escreva uma comunicação utilizando as informações seguintes: remetente = direção da escola, destinatário = pais de alunos, assunto = disciplina, data = 22/8/98, horário = 13:00 h, local = na escola, motivo = excesso de brincadeiras na classe.

2. Elabore uma tabela e um gráfico de barras e um de coordenadas para os dados seguintes: janeiro: 12.000⁺ e 18.000 meias; fevereiro: 15.000 lingerie e 20.000 meias; março: 16.000 lingerie e 21.000 meias; abril: sem alteração; maio: aumento de 1.000 para lingerie e 3.000 para meias; junho: 19.000 lingerie e 25.000 meias.

3. Reescreva o texto utilizando a linguagem formal: "tá lá o presunto estendido no pisador, num sei quem pipocou o pobre, mas foi tocaia. Num danta me apertá, doutô. Inté queu subesse, num batia a língua nos dente."

4. Complete as frases utilizando *conosco* ou *com nós*:

a) O prefeito vai falar _____? b) O problema ocorreu _____ mesmos. c) Seu filho está _____. d) Seu filho está _____ que o pegamos. e) Vocês vão _____ todos?

5. Indique o pronome relativo e seu antecedente:

a) O artista vendeu todos os quadros que pintou. b) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto. c) Abri um grande álbum cujas páginas estavam amareladas. d) O diretor recebeu os alunos, com quem manteve longa conversa.

6. Indique a ação e classifique o sujeito em expresso, oculto, simples, composto, determinado, indeterminado ou inexistente:

a) Marcelo e Joana passeavam na praia. b) Jogamos futebol de noite. c) Eles comeram tudo. d) São oito horas e está tudo bem. e) Muito corri para escapar.

O texto seguinte refere-se às questões de 7 à 10.

"Um homem, aparentando uns sessenta anos, bêbado, cai de frente à porta do prédio onde José trabalha como porteiro noturno. Grita, acordando José que vai acudi-lo.

— Que porre, companheiro. Quatro da manhã e você aí. Tudo bem?

— Quase. Me perdi e fiquei com vergonha de voltar para casa neste estado.

— Sei, a patroa pode reclamar e ...

— Não. O senhor não está me reconhecendo? Não posso chegar em casa assim, pois os fotografos não me dão paz.

— Você é artista?

— Meu senhor, sou o presidente, o Fernando. Provavelmente, o senhor é meu eleitor.

— Sai, maluco. Vou chamar a polícia, seu sem-vergonha.

— Não, por favor. Seria um escândalo. O país não precisa disto agora. Fui só a uma festa, me perdi e não quis chamar um táxi. Sabe como é.

— Olha, não me peça para lhe chamar de Vossa Excelência, que eu não acredito em você.

— O senhor não me reconhece devido à maquiagem, cuja função é me deixar mais apresentável.

— Mentiroso! Polícia! Maluco!

O homem foge, cambaleando. Chega a faxineira para começar o dia, recolhendo o jornal da calçada.

— Que foi, José? Tá agitado, homem.

— Um doido dizendo que era o presidente.

— Quem?

— Ninguém. Só um doido.

— Toma, homem. Lê o jornal. Seu time joga hoje. Refresca a cuca.

José abre o jornal e leva um susto, ficando pálido. A faxineira pergunta:

— Que foi, homem? Morreu alguém?"

7. Identifique e classifique os pronomes do texto.

8. Identifique e classifique as funções de linguagem do texto.

9. Por que José ficou pálido?

10. Qual frase poderia realmente identificar o homem como sendo presidente?

MATÉRIA: MATEMÁTICA - 2º GRAU

NÚMERO DA QUESTÃO	CONTEÚDO/AULA	EXIGÊNCIA	DIFICULDADE
1	2	conhecimento	F
2	3	compreensão	M
3	6	aplicação	M
4	7	aplicação	M
5	8	conhecimento	F
6	10	compreensão	F
7	11	aplicação	M
8	13	conhecimento	M
9	14	conhecimento	M
10	16	aplicação	M
11	17	aplicação	M
12	19	aplicação	M
13	21	aplicação	M
14	23	aplicação	M
15	25	conhecimento	F
16	26	compreensão	M
17	27	aplicação	D
18	30	compreensão	M
19	31	conhecimento	M
20	32	conhecimento	F
21	33	compreensão	M
22	34	compreensão	M
23	35	compreensão	M
24	37	aplicação	M
25	38	aplicação	M
26	41	compreensão	M
27	42	aplicação	M
28	43	aplicação	M
29	46	compreensão	M
30	47	conhecimento	M
31	49	aplicação	M
32	51	aplicação	F
33	52	aplicação	M
34	54	aplicação	M
35	58	compreensão	M
36	60	conhecimento	M
37	62	aplicação	F
38	63	aplicação	M
39	65	aplicação	M
40	66	aplicação	D

TELECURSO 2000
SECRETARIA DA EDUCACAO - SAO PAULO - SETEMBRO/98
DATA DE EMISSAO : 28/09/98

PAG. 006

RELATORIO DE GABARITOS DA PROVA 1

OPCAO: H08 - 2.GRAU - MATEMATICA

1 - D	31 - C
2 - C	32 - D
3 - B	33 - A
4 - D	34 - B
5 - E	35 - A
6 - A	36 - D
7 - C	37 - B
8 - E	38 - A
9 - C	39 - C
10 - C	40 - E
11 - A	
12 - D	
13 - B	
14 - E	
15 - B	
16 - D	
17 - E	
18 - C	
19 - B	
20 - A	
21 - E	
22 - A	
23 - D	
24 - B	
25 - D	
26 - C	
27 - B	
28 - E	
29 - A	
30 - E	

MATEMÁTICA

1. Simplificando a fração $\frac{720}{480}$, que fração você encontrará?

(A) $\frac{1}{2}$

(D) $\frac{3}{2}$

(B) $\frac{3}{4}$

(E) $\frac{5}{3}$

(C) $\frac{4}{3}$

2. Considere o seguinte problema: "Qual é o número cujo dobro diminuído de 5 unidades é igual à sua terça parte?". Uma equação que permite resolver esse problema é

(A) $2x - 5 = \frac{2x}{3}$

(D) $2(x - 5) = \frac{2}{3}$

(B) $2(x - 5) = \frac{x}{3}$

(E) $2x - 5 = \frac{1}{3}$

(C) $2x - 5 = \frac{x}{3}$

3. Ari e Breno almoçaram juntos e gastaram um total de R\$ 23,00. Se, para pagar a conta, Breno contribuiu com R\$ 5,00 a mais que Ari, então a quantia paga por Breno foi

(A) R\$ 12,00

(D) R\$ 17,00

(B) R\$ 14,00

(E) R\$ 18,00

(C) R\$ 15,00

4. Certo mês, três funcionários de uma empresa cumpriram juntos um total de 80 horas-extra. Sabe-se que o número de horas cumpridas por X correspondeu a $\frac{1}{3}$ do de Y e o de Y correspondeu à metade do de Z. Nessas condições, é correto afirmar que o número de horas-extra cumpridas por

(A) Y foi 21.

(D) Y foi 24.

(B) X foi 12.

(E) X foi 10.

(C) Z foi 50.

5. Qual dos pontos seguintes pertence ao gráfico de $y = x^2 - 2$?

(A) $(\frac{1}{2}, -7)$

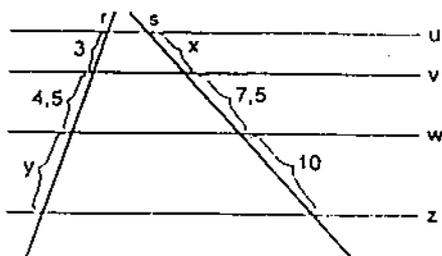
(D) $(-1, -3)$

(B) $(2\sqrt{2}, 4)$

(E) $(-\sqrt{2}, 0)$

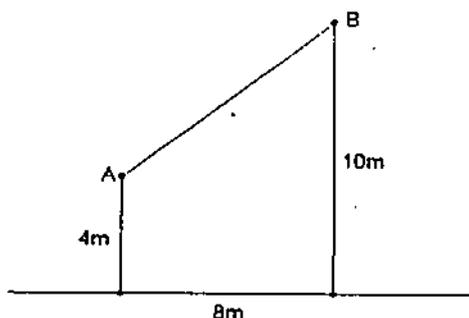
(C) $(2, 3)$

11. Na figura abaixo têm-se as retas u, v, w, z , paralelas entre si e cortadas pelas retas transversais r e s . Os segmentos têm as medidas indicadas em centímetros. Calculando-se as medidas x e y , verifica-se que



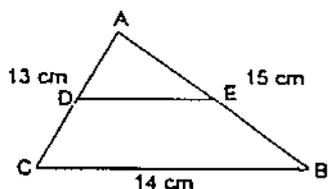
- (A) $x = 5$ (D) $y = 5$
 (B) $y = 8$ (E) $x = 8$
 (C) $x = 6$

12. Um fio esticado deve ligar o topo de dois postes verticais, cujas alturas são 4 m e 10 m, conforme mostra a figura abaixo. Se a distância entre os dois postes é de 8 m, o comprimento AB do fio, em metros, é



- (A) 8,5 (D) 10
 (B) 9 (E) 10,5
 (C) 9,5

13. O triângulo ABC , representado na figura abaixo, tem os lados com as medidas indicadas. O segmento \overline{DE} , paralelo ao lado \overline{BC} , divide os lados \overline{AC} e \overline{AB} ao meio. Se a área do triângulo ABC é 84 cm^2 , qual é a área do triângulo ADE , em centímetros quadrados?



- (A) 18
 (B) 21
 (C) 36
 (D) 42
 (E) 58

14. As dimensões de um salão retangular são 9 m de largura por 12 m de comprimento. Todo o piso desse salão deve ser revestido de lajotas quadradas cujo lado mede 25 cm. O número mínimo de lajotas que serão necessárias é

- (A) 1 625 (D) 1 708
(B) 1 650 (E) 1 728
(C) 1 678

15. A soma das raízes da equação $x^2 - 2x - 24 = 0$ é igual a

- (A) -2 (D) 8
(B) 2 (E) 10
(C) 4

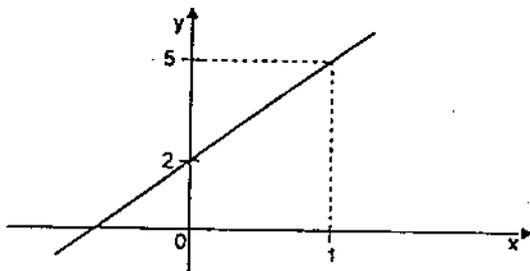
16. Em um terreno retangular, o comprimento tem 6 metros a mais que a largura. Se a área desse terreno é 91 m^2 , o seu perímetro, em metros, é

- (A) 20 (D) 40
(B) 24 (E) 48
(C) 36

17. Um estacionamento cobra de seus usuários R\$ 2,50 pela primeira hora e mais 20% desse valor a cada hora adicional. Se a fração de hora de uso é cobrada como hora inteira, a lei matemática que associa o tempo x de uso do estacionamento (em horas) ao valor y a ser pago (em reais) é

- (A) $y = 2,5x + 0,2$
(B) $y = 0,5x$
(C) $y = 2,5x + 20x$
(D) $y = 0,5x + 2,5$
(E) $y = 0,5x + 2$

18. Seja a função do primeiro grau representada pela reta do gráfico abaixo.



Qual é o coeficiente angular dessa reta?

- (A) 1
(B) 2
(C) 3
(D) 4
(E) 5

19. A imagem da função $y = 2x^2 + 4$ é o conjunto dos valores de y tais que

- (A) $y \leq 4$ (D) $y \geq 2$
(B) $y \geq 4$ (E) $y \geq 0$
(C) $y \leq 2$

20. O valor máximo da função $y = -2x^2 + 4x$ é

- (A) 2 (D) 8
(B) 4 (E) 10
(C) 6

21. Qual é o vigésimo termo da progressão aritmética 5, 9, 13, 17, ...?

- (A) 20 (D) 75
(B) 63 (E) 81
(C) 69

22. A soma dos 20 primeiros termos da progressão aritmética 80, 60, 40, ... é

- (A) - 2 200 (D) 1 600
(B) - 1 600 (E) 2 200
(C) - 900

23. Sabe-se que $4x + 12$, 8 e $x - 3$ são os três primeiros termos de uma progressão geométrica decrescente. O quarto termo dessa progressão é

- (A) 4 (D) $\frac{1}{2}$
(B) 2 (E) $\frac{1}{4}$
(C) 1

24. Após um desconto de 18%, um certo artigo passou a custar R\$ 205,00. Antes do desconto, o preço desse artigo era

- (A) R\$ 255,00 (D) R\$ 225,00
(B) R\$ 250,00 (E) R\$ 220,00
(C) R\$ 245,00

25. Paulo tomou emprestada a quantia de R\$ 200,00, prometendo devolvê-la, com seus juros, daí a 2 meses. Se o juro é de 3% ao mês, quanto deverá devolver na data combinada?

- (A) R\$ 205,00 (D) R\$ 212,18
(B) R\$ 208,55 (E) R\$ 215,00
(C) R\$ 210,97

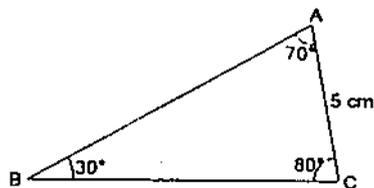
26. Um triângulo retângulo é tal que sua hipotenusa mede 18 cm e um de seus ângulos internos mede 30° . O menor lado desse triângulo mede, em centímetros,

- (A) 6 (D) $9\sqrt{3}$
(B) $6\sqrt{3}$ (E) 12
(C) 9

27. Num triângulo ABC, têm-se $\hat{B} = 60^\circ$, $BA = 5$ cm e $BC = 8$ cm. Qual a medida do segmento \overline{AC} , em centímetros?

- (A) 8 (D) 5
(B) 7 (E) 4
(C) 6

28. Qual é o perímetro do triângulo ABC, representado na figura abaixo? (São dados: $\text{sen } 70^\circ = 0,93$ e $\text{sen } 80^\circ = 0,98$)



- (A) 18,7 cm (D) 22,8 cm
(B) 18,9 cm (E) 24,1 cm
(C) 20,5 cm

29. Seja a reta r traçada pelos pontos $(1, -2)$ e $(-1, 4)$. A equação da reta perpendicular a r , traçada pelo ponto $(0,3)$, é

- (A) $x - 3y + 9 = 0$
(B) $x + 3y - 9 = 0$
(C) $x - 3y - 9 = 0$
(D) $3x + y - 3 = 0$
(E) $3x - y + 3 = 0$

30. Qual é a equação da circunferência de centro no ponto $(1,4)$ e tangente ao eixo das abscissas?

- (A) $(x - 4)^2 + (y - 1)^2 = 16$
(B) $(x - 4)^2 + (y - 1)^2 = 1$
(C) $(x - 1)^2 + (y - 4)^2 = 4$
(D) $(x - 1)^2 + (y - 4)^2 = 1$
(E) $(x - 1)^2 + (y - 4)^2 = 16$

31. Quantos anagramas da palavra EMPRESA começam e terminam por vogal?

- (A) 120 (D) 720
(B) 240 (E) 5 040
(C) 360

32. Entre os 12 seguradoras de certa empresa, pretende-se selecionar 4 para trabalhar no período noturno. O número de modos que pode ser feita essa seleção é

- (A) 70 (D) 495
(B) 105 (E) 1 980
(C) 210

33. Dezesesseis rapazes apresentam-se para formar um time de futebol na empresa em que trabalham. Se 4 deles jogam apenas no gol e os demais jogam em qualquer uma das outras posições, de quantos modos o time pode ser formado?

- (A) 264 (D) 111
(B) 460 (E) 12!
(C) 520

34. Do total de funcionários de uma empresa, 65% são homens e 20% são fumantes. Um funcionário deve ser escolhido ao acaso para receber uma gratificação. A probabilidade de que a pessoa escolhida seja mulher e não fumante é

- (A) $\frac{1}{5}$
(B) $\frac{7}{25}$
(C) $\frac{2}{5}$
(D) $\frac{12}{25}$
(E) $\frac{3}{5}$

35. Qual é o valor de x que satisfaz a equação exponencial $27^x = \frac{1}{81^{x-1}}$?

- (A) $\frac{4}{7}$ (D) 1
(B) $\frac{5}{7}$ (E) $\frac{8}{7}$
(C) $\frac{6}{7}$

36. Se $\log 2 = 0,30$ e $\log 3 = 0,48$, o valor de $\log 10,8$ é

- (A) 1,24
- (B) 1,14
- (C) 1,12
- (D) 1,04
- (E) 1,02

37. Uma caixa d'água mede 1,8 m de comprimento, 1,2 m de largura e 0,8 m de altura. Quantos litros de água comporta a metade dessa caixa?

- (A) 597
- (B) 864
- (C) 1 228
- (D) 1 544
- (E) 1 728

38. A base de um prisma é um triângulo equilátero cujo lado mede $4\sqrt{3}$ cm. Se esse prisma tem 15 cm de altura, o seu volume, em centímetros cúbicos, é

- (A) $180\sqrt{3}$
- (B) 180
- (C) $90\sqrt{3}$
- (D) 90
- (E) 60

39. Um cone tem altura de 9 cm e o raio de sua base mede 2 cm. Qual é o seu volume, em centímetros cúbicos? (Use $\pi = 3,14$).

- (A) 25,91
- (B) 32,86
- (C) 37,68
- (D) 45,90
- (E) 98,64

40. Na confecção de uma caixa sem tampa, com a forma de um paralelepípedo retângulo, foram usadas tábuas de madeira, todas com a espessura de 3 cm. Se as dimensões externas da caixa são 15 cm de largura, 28 cm de comprimento e 12 cm de altura, o seu volume interno, em centímetros cúbicos, é

- (A) 1 099
- (B) 1 280
- (C) 1 400
- (D) 1 650
- (E) 1 782

Avaliação de Português
(relativa às aulas de 01 à 11 da apostila)

Instruções:

- I- Existe somente uma alternativa correta por questão.
- II- Preencha com um X a alternativa correspondente na Folha de Respostas.
- III- Entregue apenas a Folha de Respostas preenchida com caneta azul ou preta.
- IV- Questões com mais de uma alternativa, rasuradas ou em branco serão consideradas erradas.

Boa Prova!

1. Assinale a alternativa correta com o plural dos substantivos : *colher, nó, noz, clamor, faquir, mal, fuzil e réptil*.

- a) colheres, nós, noz, clamors, faquirs, mals, fuzils, réptils.
- b) colhers, nós, nozs, clamores, faquires, maus, fuziveis, reptiles.
- c) colheres, nós, nozes, clamores, faquires, males, fuzis, répteis.
- d) colheres, nós, nozes, clamores, faquires, mal, fuziles, reptiles.
- e) colheris, nós, noscs, clamoris, faquires, malis, fuzis, reptis.

2. Assinale a alternativa correta com o plural dos substantivos : *mão, ancião, bênção, grão, espião, folião, caixão e melão*.

- a) mãos, anciães, bênçães, grães, espiães, foliães, caixães, melães.
- b) mãos, anciãos, bênçãos, grãos, espiãos, foliãos, caixãos, melãos.
- c) mãos, anciões, bênções, grãoes, espiões, foliões, caixões, melões.
- d) mãos, anciãos, bênçãos, grãos, espiões, foliões, caixões, melões.
- e) mãos, anciães, bençãos, grãos, espiães, foliões, caixães, melães.

3. Assinale a alternativa correta com o feminino dos substantivos: *mestre, oficial, pavão, barão, ateu, réu, frade e carneiro*.

- a) mestra, oficiala, pavoas, baronesa, atéia, ré, freira, ovelha.
- b) mestra, oficiala, pavoas, barona, atéa, réa, frada, carneira.
- c) maestriza, oficializa, pavã, baronesa, atéia, ré, fradissa, cabra.
- d) mestra, oficiala, pavã, barã, atéa, réia, frada, carneira.
- e) mestra, oficializa, pavã, baroa, atéia, ré, fradissa, ovelha.

4. Assinale a alternativa que possui somente substantivos com o mesmo significado nos dois gêneros:

- a) praça, dó, cliente, criança, trama, onça.
- b) colega, mártir, motorista, fã, repórter, médium.
- c) soprano, cabeça, cliente, intérprete, artista, grama.
- d) colega, guaraná, magazine, pernoite, pane, cal.
- e) sócia, dinamite, eclipse, hosana, hélice, telefonema.

5. Assinale a alternativa correta com o feminino plural dos adjetivos: *mau, cru, siamês, trabalhador, são e judeu*.

- a) más, cruas, siamesas, trabalhadoras, sãs, judias.
- b) malvadas, cruas, siamesas, trabalhadoras, salvas, judéias.
- c) más, cruas, siamesas, trabalhadeiras, salvas, judéias.
- d) malvadas, cruas, siamesas, trabalhadoras, salvas, judias.
- e) más, cruas, siamesas, trabalhadeiras, sãs, judias.

6. Leia as frases e responda:

- I- Esse *mal* tem cura.
- II- Teve um *mau* sonho.
- III- Ele agiu *mal*.
- IV- Fiz um *mau* negócio.
- V- Fui *mal* informado.

As palavras destacadas classificam-se como:

- a) advérbio, adjetivo, advérbio, adjetivo, advérbio.
- b) adjetivo, adjetivo, advérbio, adjetivo, advérbio.
- c) substantivo, adjetivo, advérbio, adjetivo, advérbio.
- d) advérbio, adjetivo, advérbio, adjetivo, adjetivo.
- e) substantivo, advérbio, advérbio, adjetivo, advérbio.

O texto seguinte, intitulado *Eclipse Lunar*, de autoria de Cecília Meireles, refere-se às questões de 7 à 15: "Pois ali está, no meio da noite, a Lua. É mesmo um lago de prata, com vagas sombras cinzentas. O céu está muito límpido, e é puro o brilho das estrelas. Mas em breve se produzirá o eclipse.

E, então, pouco a pouco, o luminoso contorno vai sendo perturbado pela escuridão. A Terra, esta nossa misteriosa morada, vai projetando sua forma naquele redondo espelho. Muito lentamente sobe a mancha negra sobre aquela cintilante claridade. É mesmo um dragão de trevas que vai calmamente bebendo aquela água tão clara; devorando, pétala por pétala, aquela flor tranqüila.

E o globo da Lua, num dado momento, parece roxo, sanguíneo, como um vaso de sangue. Que singular metamorfose, e que triste símbolo! Ali vemos a Terra, melancolicamente reproduzida na apagada limpidez da Lua. Ali estamos, com estas lutas, estes males, ambições, cóleras, sangue. Ali estamos projetados! E poderíamos pensar, um momento, na sombra amarga que somos. Sombra imensa. Mancha sanguínea. Por que insistimos em ser assim?

Ah! Mas o eclipse passa! Recupera-se a Lua, mais brilhante do que nunca! Parece até purificada! Brilharemos um dia também com o maior brilho? Será que perderemos para sempre este peso de treva?"

7. Segundo a autora:

- o eclipse é um fenômeno natural, provocado pela sombra da Terra na Lua.
- o eclipse passa, sempre desapercebido.
- o eclipse é uma projeção momentânea dos males da Terra na Lua.
- o eclipse faz as pessoas pensarem em suas vidas.
- o eclipse é um símbolo sanguíneo.

8. Segundo o texto:

- A Terra é um dragão de trevas.
- A sombra amarga que somos apaga o brilho da Lua.
- O eclipse é uma metamorfose única e triste simbolicamente.
- Estamos todos projetados na Lua durante o eclipse.

Estão corretas:

- apenas as afirmativas I, II e III.
- apenas as afirmativas I, III e IV.
- apenas as afirmativas I, II e IV.
- apenas as afirmativas II, III e IV.
- todas as afirmativas.

9. As expressões *lago de prata*, *misteriosa morada*, *redondo espelho*, *dragão de trevas* e *flor tranqüila* referem-se respectivamente à:

- Lua, Lua, Terra, Terra e Lua.
- todas à Lua.
- todas à Terra.
- Lua, Terra, Lua, Terra e Lua.
- Lua, Terra, Terra, Terra e Lua.

10. O sonho da autora é:

- que se a Lua parece purificada após o eclipse, a Terra possui uma esperança.
- que a Terra não mais reproduza o que ela é na Lua.
- que a sombra da Terra não mais se espalhe.
- que o brilho da Lua não seja mais apagado.
- que o dragão seja capturado e morto.

11. Retire dos dois primeiros parágrafos todos os adjetivos (não as locuções adjetivas):

- vagas, cinzentas, límpido, puro, luminoso, misteriosa, redondo, negra, cintilante, clara, tranqüila.
- sombras, céu, contorno, trevas, pétalas.
- meio, cinzentas, lago, prata, escuridão, claridade, morada, flor, bebendo.
- noite, lago, límpido, breve, luminoso, aquela, claridade, flor.
- vagas, cinzentas, límpido, puro, redondo, clara, pétala.

12. Os substantivos que receberam apenas adjetivos nos dois primeiros parágrafos são:

- meio, Lua, lago, eclipse, Terra, dragão, pétala.
- sombras, céu, brilho, contorno, morada, espelho, mancha, claridade, água, flor.
- escuridão, lago, prata, estrelas, forma, dragão.
- cinzentas, céu, breve, prata, morada, espelho.
- sombras, brilho, morada, mancha, água, flor.

13. Retire do primeiro parágrafo do texto todos os advérbios e locuções adverbiais:

- pois ali, da noite, mesmo, vagas, muito, puro.
- ali, meio, mesmo, muito, puro, breve.
- pois, ali, meio, mesmo, muito, puro.
- pois, ali, mesmo, muito, em breve.
- pois ali, mesmo, muito, em breve

14. Os advérbios e locuções adverbiais da resposta correta da questão acima são respectivamente de:

- afirmação, lugar, intensidade, tempo.
- tempo, lugar, afirmação, intensidade, tempo.
- lugar, modo, intensidade, tempo.
- lugar, modo, afirmação, intensidade, modo, tempo.
- lugar, lugar, modo, dúvida, intensidade, modo.

